

PRIMEIRO BEIJO

VIDA E DESVENTURA DE UM MINEIRO NA GRANDE SÃO PAULO



Toninho era um sujeito pacato do interior das Minas Gerais, muito respeitador, já na casa dos dezesseis anos, nunca tinha namorado na vida... Beijo então, só via pela televisão do vizinho, isto é, quando o seu vizinho assistia à novela das oito, exibidas pela Rede Globo de Televisão... Um dia este cabra, cismou que vinha embora para São Paulo...

-Vou-me embora para a cidade grande, cansei dessa vida – disse ele ao seu melhor amigo, Daniel – estou cansado de levantar todo dia e ficar esperando que aconteça um milagre, quero ganhar muito dinheiro, encontrar uma bela garota, me casar botar um monte de bacuris no mundo... Constituir uma família...

-Você tem certeza que quer ir para São Paulo? – perguntou Daniel – você não conhece ninguém por lá!

-E precisa conhecer alguém para se ir a algum lugar, quem tem boca... vai a Roma!

-Não é assim não, São Paulo tem a fama de ser uma cidade muito violenta, você pode até morrer por lá e ninguém vai ficar sabendo.

-Meu Deus, como você é pessimista Daniel, vira essa boca pra lá!

-Está bem sabichão, com que dinheiro você vai? Você não tem nem a onde cair morto... seu pai parece que não está nem aí com você, só vive naquela chácara, aparece quando quer e nem se quer te dá um centavo...

-Ah, dinheiro eu arrumo, você não é meu amigo?

-Sim!

-Pois então, você me empresta uns trocados, eu vou, trabalho, volto e te pago...

-Ta, até parece... você vai levar meu rico dinheirinho, gasta tudo e aí ó, babau, nem você e nem o meu dinheiro.

-Hora, hora! É nessas horas que agente fica conhecendo os amigos, enquanto está no venha a nós, está tudo bem, mais quando é para vir o vosso reino, aí é feita a vontade daquele que está lá no céu... é cada um por si, e Deus por todos. Está certo?...

-Hei! Espera aí amigo, eu não disse que não vou te arrumar o dinheiro. Vamos fazer o seguinte eu não tenho o dinheiro para te emprestar, mas sei como você pode conseguir...

-Como?

-Sabe o meu irmão o Moisés, ele está procurando alguém para concertar as molas das portas de aço da loja dele, sei que você “manja” disso... eu te indico, você faz o serviço... e consegue até mais do que precisa.

-“Legal”! Quando você pode falar com ele?

-Amanhã, na hora do almoço.

-“Valeu” mesmo!

No dia seguinte, terça-feira, Daniel fala com o seu irmão e tudo ficou resolvido... na quarta-feira pela manhã, Toninho começou o serviço. Foram quinze dias de trabalho árduo... tira porta, substitui malas. Depois de quinze dias de trabalho Toninho recebeu suados Cr\$ 480,00 cruzados. Deu Cr\$ 200,00 para a Sra. Irene, mãe de Daniel, para ajudar nas despesas, visto que estava morando com eles, desde que seu pai fora para a chácara.

Comprou uma calça, uma camisa e um par chinelo novos, a passagem e foi para São Paulo. Em sua bagagem trazia apenas uma mochila, contendo uma bermuda, uma cueca e uma camiseta de propaganda de um candidato a prefeito, do partido do PMDB, para prefeitura de Governador Valadares, Cr\$ 150,00 no bolso e o endereço de um amigo da bondosa dona Irene, mãe de seu amigo Daniel. No peito a esperança de ganhar muito dinheiro e voltar para montar um bar. Após dezessete horas de viagem estava chegando ao Terminal Rodoviária do Tiete, em São Paulo.

O coitado, não sabia para onde ir. Ao sair da plataforma de ônibus, ele se deparou com uma escada rolante, nunca tinha visto nada igual, ficou a olhá-la, vendo as pessoas chegarem, segurarem no corre-mão e a escada os levava para o piso superior, depois de tanto olhar ele arriscou. Desequilíbrio um pouco, mas por fim conseguiu chegar vivo ao piso do andar de cima. Eram tantas lojinhas em um lugar só que Toninho não sabia para onde ir.

O pobre era negro, tão preto que parecia um tição, usava uma camisa de cor amarelo-canarinho com a gola rosa, calça cor-bege-claro com risca de giz e chinelo de cor laranja e preto, era uma visão bizarra. Para completar ele era quase analfabeto. Ao ver um guarda ele decidiu pedir informação. Ao se aproximar do guarda, tirou o endereço do bolso e perguntou a ele.

-O senhor saberia me dizer como eu faço para ir a este endereço?

O guarda era um jovem de aproximadamente 26 anos, olhou para Toninho de cima a baixo e esboçou um leve sorriso, mais não era porque ele era simpático não, era por ver uma figura tão bizarra em pleno novembro de 1989 na grande São Paulo. Tentando conter a vontade de sorrir, o guarda esticou o braço apontando para a direção do metro e disse em espanhol, talvez para zombar do pobre rapaz.

- Si quieres ir a esta dirección, usted tiene que abordar el metro y bajarse en la estación y tomar otro caso hacia el este, en el patriarca.

Toninho ficou todo confuso, não entendeu nada do que o guarda disse. Até que ele tentou, repetindo todo que havia dito ao guarda, mais a resposta foi a mesmo.

-Usted tiene que abordar el metro y bajarse en la estación y tomar otro caso hacia el este, en el patriarca.

Desconsolado ele teve vontade de voltar para a rodoviária, comprar a passagem e voltar, mais seu sonho e desejo de vencer na vida foi mais forte. Espirou fundo, conteve a vontade de chorar e foi na direção que o guarda apontou, mesmo sem ter entendido uma única palavra. Na estação do metrô, pediu informação a outras pessoas, mas não obteve êxito.

Na estação “Sé” ele desembarcou, sem rumo.... sem direção, novamente pediu informação, Informaram que embarcasse em um ônibus no terminal de ônibus no Parque Dom Pedro. Já passava das dez horas da manhã, cansado, com fome e com sono, ele embarcou em mais essa aventura.

No ônibus não havia acentos vagos, era um aperto só. Os corredores abarrotados de gente em pé, grudadas nas barras de alumínio. Quando por fim ele conseguiu chegar próximo a catraca, tirou do bolso uma nota de Cr\$ 100,00, para ele aquilo era uma fortuna. Acanhado ele perguntou ao cobrador.

-Por favor, o senhor poderia trocar essa nota?

-Claro – disse o cobrador, meio surpreso com a figura.

Após ter recebido o troco, Toninho mostrou ao cobrador o endereço que iria desembarcar.

-Nessa rua a gente não passa..., passa Alfredo – gritou ele para o motorista – este ônibus passa na Rua Leonardo Cristino?

-Onde fica isso?

-Na Cidade Patriarca!.

-Não, ...nós só passamos enfrente a estação do metrô... ele desse lá e se informa, a Patriarca não é muito grande não.

-É... você vai ter que descer perto da estação e pedir informação.

-Esta bem, quando chegar lá o senhor me avisa?

-Sim, fica por perto, quando estiver próximo eu te aviso.

O ônibus foi toda vida por uma grande avenida. Era prédio para todo lado, os carros pareciam formigas indo e vindo do formigueiro, o coração de Toninho batia descompassado. Para ele era como se estivesse no paraíso, a possibilidade de realizar todos os seus sonhos estava chegando, ele só não sabia que o futuro o reservava muitas coisas diferentes.

-Hei, - gritou o cobrador – o seu ponto é o próximo.

Toninho puxou a corda para dar o sinal que queria descer no próximo ponto. Ao chegar no ponto, ele desceu, olhou para um lado, olho para o outro, sentiu no peito um aperto. Ao longe ele viu uma linda negra, cabelos compridos, calçando tênis, vestindo calça jeans, blusa branca de mangas compridas, levando sobre o ombro direito uma pequena bolsa e segurava com a esquerda, junto ao corpo, um monte de cadernos e livros. Ele continuou andando bem devagar, olhando para trás vez por outra. Quando a moça já estava bem próxima ele parou em uma esquina, fingindo esta conferindo o endereço, quando ela passou por ele, ele lhe perguntou;

-Por favor, você saberia me dizer como eu faço para ir a essa rua... mostrando o endereço para ela.

-Deixe-me ver, olha... Rua Leonardo... Leonardo Cristino, 227... não me é estranho, eu acho que já passei nessa rua..., mas você segue em frente até o fim, quando chegar na praça, você se informa, já vai estar próximo.

-Esta bem, obrigado.

Toninho seguiu em frente. A moça atravessou a rua para a outra calçada, quando chegou na esquina ela virou à esquerda. Já passava das 11:00, Toninho esta morrendo de fome e não tinha a mínima idéia de onde estava –Oh meu Deus! ... tem misericórdia de mim.... pensou Toninho, me ajude a encontrar este endereço... – em meio aos seus pensamentos ele ouviu uma voz feminina que o chamava.

-Moço, moço, por favor, você não é daqui não é?

-Não, eu estou vindo de minas... Quer dizer, de Governador Valadares, Minas Gerais.

-Está indo para a casa de algum parente?

-Não, eu vim para trabalhar numa construtora que fica nesse endereço – disse ele tirando outro pedaço de papel do bolso da calça – eu preciso ir a Rua Leonardo Cristino para que, um amigo do amigo meu que mora em minas, me levar nessa empresa.

-Ah sei! Vem comigo, a minha casa. Eu vou pedir para meu pai olhar no guia de rua, depois meu irmão o leva ao endereço.

Toninho ficou na dúvida se ia ou não, em Minas ele só ouvira relatos de que São Paulo era muito violenta, pessoas ruim matava gente as tortas e as direitas. Percebendo que ele ficara com medo, a moça tentou acalmá-lo:

-Não precisa ter medo, eu lhe garanto, só quero ajudar.

Ele a seguiu meio desconfiado, mais para quem não tem nada a perder, na verdade ele estava mais perdido do que cego em tiroteio.

-Pronto chegamos – disse ela, tocando a companhia – é só para avisar a mamãe que estou chegando e que não estou só.

Enquanto ela abria o portão, uma senhora entre seus 40, 45 anos apareceu na janela.

-Oi filha, chegou cedo.

-É que tive uma aula vaga.

-A! Sei... quem é o seu amigo?

-Ah este é o...

-Toninho...

-É o Toninho, mãe... ele veio de Minas Gerais, esta perdido - disse ela subindo os três degraus que levava a porta da sala.

Sua mãe já estava esperando com a porta aberta.

-Carlos nós temos visita - gritou sua mãe, em direção a sala de jantar.

A filha beijou a mãe no rosto, e foi colocar os livros e a bolsa sobre o sofá.

-Entre filho, eu me chamo Neusa, entre e fique a vontade.

Toninho sob as ordens da dona da casa, entrou e sentou-se no sofá, mãe e filhas sumiram casadentro. Não demorou muito, adentrou a sala um brutamonte, um negro com seus 50 anos, acompanhado por um rapaz na casa dos 20, 25 anos. Quase tão forte quanto o primeiro. Atrás delis vinha a bela moça.

-Perdoe-me – disse ela – eu não lhe disse o meu nome, eu me chamo Kátia, este é meu pai.

-Satisfação em conhecê-lo Toninho, eu me chamo Ramiro Santana.

-E este é meu irmão mais velho, Rafael – disse Kátia dando uma tapa de leve no ombro do irmão.

Toninho estava em pânico, - estou ferrado, eles vão me matar esquarterar e jogar em um terreno baldio qualquer – pensava ele.

-Você esta tremulo – disse Kátia – esta tudo bem, quer um copo com água?

-Sim... por favor.

Kátia sumiu deixando Toninho em pânico com seu pai e seu irmão Rafael. Não demorou nem um minuto, ela já voltava com um copo com água. Toninho pegou o copo da mão dela com as duas mãos, tomou um grande gole, teve dificuldade para engolir, mais conseguiu.

-Esta se sentido melhor? – perguntou Ramiro.

-Sim, acho que sim.

-Ótimo, dê-nos o endereço para que possamos verifica no guia de ruas.

Toninho tirou do bolso da camisa, o papel que estava anotado o endereço e o entregou para Ramiro. Pai e filho se afastaram, foram a uma mesa, Rafael pegou um grande livro e começou foliá-lo. Ramiro segurava o papel com o endereço. Após ter virado algumas paginas, Rafael perguntou:

-Qual é o endereço, mesmo pai?

-É Rua Leonardo Cristino...

-Rua, Rua Leonardo Cristino – disse Rafael, correndo o indicador sobre a página do guia – achei, é pertinho daqui, cinco minutos no Maximo.

-Que bom filho! Então pega a Brasília e vai com sua Irma levar o rapaz no endereço.

-Está bem pai.

Kátia abriu a porta enquanto Rafael pegava as chaves.

-Vamos lá – disse ela ao Toninho – nos vamos levá-lo ao local, de carro chegaremos lá em cinco minutos.

Os três desceram para a garagem, Ramiro ficou olhando da janela da sala.

-Vai devagar filho – disse ele para Rafael – não precisa correr.

Quando estava saído Rafael buzinou. Ao vira a esquina ele engatou a segunda em seguida a terceira e o carro ia a toda velocidade, como se estivesse num hipódromo de corrida.

-Rafael lembra o que o pai disse para você não corre.

-A maninha, não esquentá...

-Não liga Toninho, meu Irmos é meio doido.

-Não tem problema não, tenho um amigo que também gosta de correr muito.

-A é!

O carro passou beirando a uma praça, passou por uma rua de terra, virou à direita, em seguida parou enfrente a uma casa com um grande portão de madeira, onde havia um homem lixando umas madeiras. Kátia abriu a porta e Toninho saiu, atravessou a rua em direção ao homem.

-Bom dia moço – disse ele todo acanhado.

-Pois não rapaz, o que você quer? – disse o homem sem olhar para Toninho.

-Eu estou procurando o Sr. Osvaldo.

-Osvaldo?

-É...

-Toca a companhia ai ao lado, que ele vem.

Toninho foi e apertou um botão, parecido com um interruptor na parede.

-O endereço é este mesmo? - perguntou Rafael, lá do carro.

-Sim, muito o brigado por terem me trazido até aqui.

-Não foi nada, qualquer coisa nos procura.

O motor da Brasília roncou e eles foram embora acenando com a mão.

Toninho olhou através do buraco do portão, e não viu ninguém. Seu coração começou ficar apertado no peito. No seu intimo ele se perguntava – e se o Sr. Osvaldo não estiver, o que é que eu vou fazer? – no desespero ele apertou o botão da companhia mais uma vez, dessa vez apareceu uma linda morena no fundo do corredor.

-Pois não!

-Eu estou procurando o Sr. Osvaldo.

-Mãe, é pro tio Osvaldo – gritou a moça sem desviar o olhar do portão. Logo atrás dela apareceu uma senhora, aparentando ter uns 48 anos, cabelos pretos, meio cacheados, usando um avental sobre um conjunto de saia e blusa azul.

-Ele esta no banheiro – disse a senhora – espere um pouco que assim que ele sair eu o aviso que você o esta aguardando.

-Esta bem – disse Toninho meio decepcionado.

Já que tinha que esperar, ele ficou olhando o homem a lixar as madeiras. O homem pegava umas peças esquisitas as abria, olhava atentamente de um lado e do outro, dava uma lixada aqui outra ali, as

vezes passava uma massa que tirava de uma lata, lixava sobre a massa, colocava a peça em um fileira, em seguida pegava outra e fazia o mesmo ritual.

-Como se chama isso senhor?

-Tabua de passar, nunca viu uma antes?

-Não!

Enquanto o homem explicava como era fabricada as tabuas, Toninho olhava atentamente para uma placa que estava pendurada na parede, tentando juntar as letras que formava a frase “PRECISA-SE DE AJUDANTE”. Quando finalmente entendeu o que a frase queria dizer ele pensou – acho que vou ver se ele me contrata- o coração parecia que ia explodir, com muito esforço ele conseguiu perguntar ao homem.

-O senhor esta precisando de ajudante?

-Sim, porque, você esta procurando emprego?

-Sim, é por isso que estou aqui, vim pro senhor Osvaldo me levar a uma firma que esta precisando.

-A é, bem... o que você sabe fazer?

-Qualquer coisa.

-O salário é o mínimo, Cr\$ 680,00, por mês, topa?

-Sim.

-Então pode começar na segunda feira, você mora aonde, na favela?

-Não, eu moro em Minas.

-E... então não vai da não... é melhor você comprar a passagem de volta e ir embora.

-É ai que esta o problema, eu só vim com o dinheiro da passagem.

-É, vai ser difícil, é melhor você esperar o Sr. Osvaldo para ele te levar a tal empresa.

-Esta bem.

Toninho volta ao estado de desespero, ali precisava de ajudante, mais não podia contratá-lo. Alguns minutos se passaram, e portão foi aberto. O senhor magérrimo, com a roupa toda suja de olho diesel, cabelos grisalhos, 1,80 de altura.

-Honório, a Maria disse que tinha um rapaz me procurando, você viu quem era?

-Sim, é este o rapaz – disse ele apontando para Toninho – ele disse que veio de Minas Gerais para o senhor o levá-lo a uma empresa que esta precisando de funcionário.

-Mais eu não te conheço...

-O Sr. Não se lembra de mim, eu sou aquele rapaz que lhe servil um copo com água, na casa da dona Irene...

-Assim! Estou me lembrando, você é o...

-Antonio Pereira da Silva, mais todos me chamam de Toninho...

8

-Mais a Irene é doida te mandar para são Paulo assim, sem me avisar. - Osvaldo, passou a mão sobre os cabelos grisalhos – ela havia me dito para ver se eu conseguia arrumar um trabalho para você, mais foi só isso...

-Ela me deu um endereço de uma construtora que esta contratando, e disse que... um tal de Robson, que é amigo dela trabalha nessa empresa, que o senhor poderia me levar lá.

-Deixa me ver este endereço.

Toninho tirou do bolso da camisa um pedaço de papel e o entregou para Osvaldo, este ficou espantado, como se havia acabado de levar um soco na boca do estomago.

-Mais eu nem sei onde fica isso,- disse Sr. Osvaldo - não tem o nome do bairro, só o nome da rua, nem o número ela anotou... você tem o número do telefone dela?

-Não.

-Assim, não tem como eu te levar nesse endereço.

-E agora o que eu faço.

-O jeito é você comprar a passagem de volta e ir embora.

-Este é o problema, eu só vim com dinheiro o suficiente para comer durante a viagem.

Ouvindo a conversa Sr. Honório pergunta:

-Sr. Osvaldo, eu estou precisando de ajudante, se o senhor o conhece, ele pode ficar na casa lá do fundo onde o senhor esta dormindo. Vou buscar um colchão, forramos o chão com papelão,colocaremos o colchão em cima do papelão para ele dormir... ele fica aí, trabalha uns trinta dias na marcenaria depois recebe um mês trabalhado e vai embora.

-Você topa – perguntou Osvaldo para Toninho – o trabalho é pesado...

-Topo uai! Eu vim foi para trabalhar.

-Então está certo – disse Honório – você já almoçou?

-Não senhor.

-Esta bem espera um pouco, que eu vou almoçar, e você vai comigo , vou pedir para a Maria fazer um prato para você.

Toninho se afastou e sentou no meio fio da calçada, agradecendo a Deus por não ter que voltar, pelo menos por trinta dias. O tempo foi passando, começou chegar um pessoal, duas mulheres, um rapaz estranho, cheio de tatuagens nos braços e nas pernas, e um brinco pendurado na orelha esquerda. Toninho ficou confuso, nunca tinha visto antes nenhum homem usando brinco... a não ser os veados, que tinha no bairro vizinho ao que ele morava.

O rapaz e as mulheres ficaram conversando. Mais alguns minutos se passaram... Chegou outro rapaz estranho, tinha aparência de ser jovem, mais os cabelos já estavam grisalhos.

De repente, um sinal ensurdecido tocou, parecia a sirene do carro de policia, só que era um pouco mais forte. Enquanto o sinal estava tocando todos, foram para suas bancadas de trabalho. Quando todos já estavam trabalhando, Honório disse para Toninho.

-Vamos almoçar rapaz.

Toninho se levantou do meio fio e o seguiu.

*

A mesa estava farta. Maria, ao ver o marido acompanhado pelo ser bizarro, entrando a cozinha, não demonstrou surpresa, foi logo esposando um sorriso e perguntando.

-Quem é o rapaz feio?

-Não se preocupe não rapaz, ela é assim mesmo – disse Honório em explicação ao que sua esposa havia dito - quando ela se agrada de alguém ela chama de feio: por exemplo, eu ela me chama de baiano da cabeça chata.

-Não é nada disso, ele esta inventando, eu só o chamo de baiano quando estou com raiva – disse Maria, se explicando.

-Maria, agora falando serio este é o Antonio, mais todos o chamam de Toninho. Ele vai almoçar com agente. Depois você arruma um colchão, lençol, travesseiro e um cobertor.

-Pra que tudo isso?

-Ele acabou de chegar de Minas à procura de trabalho... Ele é conhecido de uma conhecida do Sr. Osvaldo, Minas Gerais... Como ele não tem dinheiro para voltar ele, vai trabalhar com agente por trinta dias, para juntar o dinheiro para voltar.

-Que bom, assim o tio não fica sozinho naquele fundo.

-Ele vai tomar as refeições conosco, vai começar na segunda feira.

-Tudo bem... então vão lavar essas mãos para comer, que o almoço já esta pronto.

Honório mostrou onde ficava o banheiro para Toninho. Após terem lavado as mãos, foram para a mesa.

-Letícia, vem almoçar, já esta na mesa – gritou Maria em direção a sala de estar – vem logo se não vai esfriar.

-Já estou indo – respondeu uma linda voz de algum comando da casa – espera só um minuto.

Honório já estava se servindo. Colocou arroz, legumes, bife e por cima de tudo o feijão e ainda espalhou farinha de mandioca por cima do feijão. Toninho estava achando tudo muito estranho, de onde ele vinha, o feijão era colocado primeiro de todo o resto. Maria ao perceber que Toninho observava atentamente a arte de Honório, disse sorrindo.

-Não se assuste não, ele é assim mesmo, faz tudo ao contrario.

Toninho sorriu timidamente... o que ele queria mesmo era sumir dali, se pudesse, o coitado era mais tímido do que uma porteira.

-Você ainda não viu nada – continuou ela – esse ai come macarronada com farinha, tudo para ele tem que ter com farinha.

-É claro – disse Honório – macarrão não enche barriga, tem que colocar farinha para dar sustância.

-E pai, só o senhor mesmo – Disse a filha puxando a cadeira para se sentar – nem na frente da visita o senhor se comporta... em senhor Honório.?

-Filha este é o Antonio, ele vai começar a trabalhar na fabrica na segunda feira.

-Prazer, eu sou a Letícia.

-Ele vai ficar no mesmo quarto que seu tio – continuou Honório – vai trabalhar só trinta dias, até ele ter dinheiro para voltar.

-Só quero ver é ele agüentar ficar no mesmo ambiente que o tio Osvaldo - disse Letícia –, ele fuma mais do que uma caipora (figura do folclore brasileiro).

-Letícia, não fala assim minha filha – corrigiu Maria – ele já deve esta vindo almoçar, vai que ele ti escute falando assim dele.

-Não tem problema – argumentou Toninho – eu estou acostumado com coisas pior do que cigarro, quer coisa pior do que ficar inalando cal e cimento das 8:00 as 18:00, todos os dia?

-Não me fala isso nem de brincadeira – disse Honório, enfaticamente – a cal resseca tudo por dentro, o cimento então, este faz pior. Na fabrica tem muito pó, mais o rapaz que trabalha no inferninho...

-Inferninho, o que é isso?

-Inferninho é o lugar que fica a lixadeira. Os rapazes chamam assim, porque é um ambiente fechado, eles entram para lá e trancam a porta, só sai para tomar o café da manha, almoça ou para ir ao banheiro.

-Ah, agora eu entendi.

Toninho observou que Letícia o olhava atentamente, ao perceber que ela o observava, ele quis enterrar acara no prato de comida. Como não havia outro jeito, ele lhe retribuía o olhar de vez enquanto. Ela tinha os lábios mais bonitos que ele já tinha visto em seus dezesseis anos de vida, olhos negros, cabelos também negros, tratados quimicamente, a voz era angelical. Entre um olhar outro, Toninho foi

esquecendo a comida, mexia para lá e para cá com o garfo, mais nada levava a boca. Honório não percebeu o que estava acontecendo, simplesmente comeu e saiu da mesa, dizendo que tinha que ir ao banco. Não demorou muito e Osvaldo chegou para almoçar.

-Tio vai se servindo – disse Maria – se o senhor demorasse mais um pouco, só teria sobrado o senhor.

-Perdoe-me pelo atraso, é que faltou um rapaz hoje, por isso eu tive que pintar alguns pés de taboa para irem secando, enquanto eu almoço.

-Quem faltou? – Perguntou Maria.

-Foi aquele rapaz dos cabelos enrolados...

-Elton – Disse Letícia.

-Sim, ele mesmo.

-Mais isso não é novidade tio – disse Maria -, pelo que o Honório diz, todo dia, após o pagamento ele acha de faltar.

-Lá isso é verdade.

Todos caíram na galhada, com exceção de Toninho, que não havia entendido absolutamente nada. Ele se perguntava em pensamento: - porque eles dizem que esse sujeito falta todo o dia seguinte ao pagamento, se sabem disso, por que não o manda embora.

-Já sabe da novidade tio?

-Qual!? – disse Osvaldo, puxando a cadeira para se sentar.

-Segunda feira este “ moço feio vai começar a trabalhar na fabrica

-Ah..., sim...! Ele é conhecido de uma amiga lá de Minas Gerais.

-É a tal de delicia tio? – perguntou Letícia, esboçando um sorriso.

-Letícia, respeita o seu tio.

-Mãe! Eu não fiz nada...

-Deixa ela Maria, isso deve ter sido coisa do Valdir, ele é que esta espalhando aos quatros cantos que, eu tenho uma namorada que se chama delicia...

-Eu não sei de nada, eu só o ouvi contado para o pai...

-Esta bem, trata de comer. Eu só estou vendo você mexer a comida no prato e comer que é bom, nada.

-Que estranho tio, a comida esta ruim?

-Não Maria, esta ótima.

-Então eu acho que o rapaz não gostou da minha comida, quase nem tocou no prato, o bife esta do mesmo jeito.

Toninho ficou roxo de vergonha, não sabia o que dizer.

-Perdoe-me, é que eu não gosto de carne...

-Mais porque não disse, eu teria fritado um ovo, você quer, eu frito?...

-Não, não, por favor, não se preocupe.

Letícia toda sorridente se levantou e foi para a sala. Osvaldo terminou de almoçar e foi mostrar para Toninho o quarto onde ele iria ficar.

2 Capítulo

Toninho dormiu a tarde toda, só acordou quando o chamaram para o jantar. Após o jantar assistiu um pouco de TV e voltou para a cama, e só acordou no dia seguinte, as 08h00s. Tudo parecia estar dando certo para ele, casa, comida e trabalho, pelo menos por trinta dias. Por não conhecer ninguém na vizinhança, passou todo o fim de semana, do quarto para o banheiro, do banheiro para o quarto, só saindo para as refeições.

Algo que não saía de sua cabeça era a bela Letícia. À noite, bastava fechar os olhos e lá vinha à imagem dela, bela morena, voz angelical, olhos grandes e negros. Por vez ele se viu a se reprimir em pensamento: -“ ela é linda, mais o que você poderá oferecer a ela? Olha só para você, esta morando de favor na casa dos pais dela, e pior ainda, a partir de segunda-feira você será empregado dos pais dela... acorda para vida seu “babaca”, enquanto você esta aí, feito um trouxa pensando nela, ela deve estar dormindo profundamente” – o pobre, até teve febre, na noite de sábado para domingo. Acordou no meio da noite, banhado de suor, tremia feito uma vara verde.

Em fim chegou à tão esperada segunda-feira. As 05h30m já estava em pé, escovou os dentes, lavou o rosto, e vestiu o uniforme improvisado, calça jeans usada que o patrão havia dado a ele, e a camiseta do candidato a prefeitura de Governado Valadares que havia trazido. As 06h10m, estava esperando na calçada, o encarregado que o levaria ao local de trabalho. As 06h20m o sujeito apareceu no portão. O tal era baixinho, 1,50 de altura, já na casa dos 35 a 38 anos, ao olhar para Toninho o mirou de baixo a cima.

-Bom dia, é você o novo funcionário que vai começar hoje?

-Sim, sou eu.

-Está bem, vamos até a outra rua, pegar o carro.

Toninho o seguiu até a esquina, eles viraram à esquerda. Ao chegarem enfrente a uma casa, bem velha, pintada de azul marinho já meio desbotado, a casa estava precisando de uma bela reforma, parte do reboco já estava caindo, a garagem estava fechada por um portão grande de madeira.

-É aqui – disse o encarregado – a propósito, o meu nome é Fernando e o seu?

-Meu nome é Antônio, mais lá em Minas todos me chamam de Toninho.

-Ok, Toninho, segura essa sacola para que eu possa abrir o portão.

-Esta bem.

Fernando tirou do bolso um molho de chaves, com uma delas ele abriu o cadeado que segurava uma corrente que segurava as duas partes do portão. Ao abrir, avistou um Opala 78, de cor cinza. Fernando escorou com um pedaço de madeira uma das partes do portão e pediu que Toninho segurasse a outra. Quando entrou no carro ao ligar o motor o mesmo roncou como se estivesse com a força de oito cavalos o movimentando, em seguida o carro já estava a 60km por hora pelas ruas, rumo a fabrica. As 06h45m, chegamos ao local de trabalho.

-Ele esta precisando de uma boa funilaria, tenho que trocar o estofamento, mais o motor dele está ótimo – disse Fernando ao puxar o freio de mão e tirando a chave da ignição – você não acha?

-É você tem um carro muito bom.

Toninho sabia que o motor estava precisando de uma boa revisão, mais preferiu concordar com o seu encarregado, afinal era seu primeiro dia de trabalho, não seria viável contradizer o seu chefe.

A fábrica localizava em um bairro bem afastado da periferia, um bairro novo, tinha poucas casas na região. A rua de acesso ainda era de terra. Ao entrar na Fabrica avistei um grande salão. As paredes não haviam sido rebocadas, as paredes internas estavam cheias de pó de serra. No salão havia, varias

mesas de madeira (as quais eram chamadas de bancadas), tinha dez espalhadas no interior do salão, havia também uma serra circular de porte industrial, para esquadrinhar as chapas de compensado, uma pequena para pequenos cortes e acabamentos.

Em outro ambiente ficava o inferninho, composto por duas lixadeiras, uma industrial e a outra para pequenos trabalhos, na verdade esta ultima, é que era utilizada para todo o trabalho, no que se referia o trabalho de lixar as madeiras para a montagem das peças. O quadro de funcionários não era muito grande, era composto por dois operadores de maquinas, nove ajudantes gerais, com Toninho iria para dez, um encarregado e dois operadores de lixadeiras, um total de quinze funcionários no setor de montagem.

Em 23 de novembro de 1989 foi o dia em que Toninho deu o pontapé inicial em sua vida. Nos dias que se seguiram ele se empenhou a trabalhar, trabalhar e trabalhar. O dia mais frustrante para Toninho foi o quinto dia útil de dezembro, todos os funcionários receberam seus pagamentos, ele não recebeu nem um centavo. Mais isso não o abalou, afinal tinha comida, uma cama quintinha para dormir, roupas limpas para vestir. O que mais um mineirinho que saiu de Governador Valadares queria..., pois, quando veio para S.Paulo estava com duas mudas de roupas, uma no corpo e a outra numa mochila, agora para Toninho era como estar no paraíso, e de mais a mais ele tinha um grandes motivos para estar feliz, ver todos os dias os belos olhos negros, da belíssima Letícia.

Os dias passaram tão rápidos que Toninho até se esqueceu que se aproximava o dia fatídico. Sexta-feira, 22 de dezembro, despreocupado assistia à novela das sete, nem lembrava que estava chegando a hora crucial de sua vida, em que tudo iria mudar para sempre. Ele estava em seu quarto, isto é, no quarto em que ele dividia com o encarregado da sessão de acabamentos, Sr. Osvaldo.

Já estava quase cochilando quando, Osvaldo adentrou ao quarto, e disse.

-Toninho, você esta acordado?

-Sim, Sr. Osvaldo, por quê?

-O Honório esta lá nos escritório e quer falar com você.

-Comigo, por que, será que eu fiz algo de errado?

-Não sei, ele só pediu para você ir lá agora.

-Esta bem.

Enquanto se levantava, e calçava os chinelos, Toninho se lembrou que no dia seguinte, completaria os trinta dias. Então ele sentiu um forte aperto no coração, pois teria que ir embora, o prazo acabara. Foi desconsolado para o escritório, nunca mais ele iria ver a bela Letícia, todo o seu mundo de sonho desabou naquele momento.

A casa estava passando por uma grande reforma, Honório havia mandado construir mais três cômodos na parte de cima, uma suíte para ele e a esposa, um quarto para a filha e um terceiro para visitas. Por esse motivo, a única forma de ir para o escritório, era passando pela cozinha. A porta estava encostada, Toninho batel, e logo Maria a abriu.

-Oi moço feio – disse ela em cumprimento - você já veio para o jantar?

-Não – disse Toninho em resposta, meio cabisbaixo.

-O que foi? Você me parece estar triste!

-Não, é impressão da senhora, eu estou bem... o Sr. Honório mandou me chamar, parece que ele precisa falar comigo.

-A tudo bem, entre, ele está no escritório.

Ela bateu na porta.

-Honório – disse ela – o Toninho esta aqui, disse que você mandou chamá-lo.

-Sim, a porta esta destrancada, mande-o entrar – gritou ele, lá de dentro.

Maria virou a maçaneta e gesticulou com a cabeça para que o rapaz entrasse.

-Com licença.

-Entra rapaz.

Era a primeira vez em trinta dias que Toninho entrava naquela parte da casa. O lugar era muito bonito, parecia mais uma biblioteca. A luz era um tanto fraca, dava ao ambiente o ar de um consultório psiquiátrico. Toninho olhava cada detalhe, com muita atenção. Enquanto observava o ambiente, ele ouviu o barulho da porta sendo fechada atrás dele, mais isso não tirou sua atenção. Honório o observava olhando o ambiente.

-Sente-se rapaz – disse Honório, indicando a cadeira a sua frente – gostou do ambiente.

-Sim, e muito legal, o senhor já leu todos estes livros?

-Sim, não que eu goste de ler... Mais é algo necessário, por isso eu faço um esforço.

-Poxa!

-E você, gosta de ler?

-Tenho vontade mais não sei ler... Quer dizer, leio um pouquinho, mais tenho que ficar juntando as letras para formar as palavras...

-Sei, mais é assim que começa... – disse ele abrindo a gaveta da mesa e tirando de lá uma pasta de arquivo – eu o chamei aqui para conversarmos... Você se lembra que quando eu o contratei, eu lhe disse que seria só por trinta dias, até você conseguir o dinheiro para voltar para Minas?

-Sim eu me lembro – disse Toninho, meio triste -, a manhã completa os trinta dias...

-Pois é, como amanhã é sábado, eu resolvi acertar com você, os dias trabalhados, hoje mesmo.

-Tudo bem...

-Hei rapaz não fica assim, você é jovem, tem todo um futuro pela frente, você vai conseguir outro emprego.

Enquanto falava, Honório espalhava sobre a mesa alguns papeis, um grande livro negro, um papel verde com algumas coisas escritas, sobre o qual estava a carteira de trabalho de Toninho.

-Bem rapaz, eu não vou torturá-lo mais... – disse ele entrelaçando os dedos das mãos – eu falei com o Fernando e ele me disse que você é muito trabalhador, que apesar de saber que o trabalho seria só por trinta dias, você não fez corpo mole. Ele me disse que os rapazes até te deram um apelido de puxa saco...

-É, os rapazes me deram este apelido, eu não sei bem o que quer dizer, mais tudo bem.

Honório olhou para Toninho, serio com cara de quem não podia acreditar, que no mudo pudesse existir alguém tão ingênuo quanto aquele.

-É, piões são assim mesmo, se eles encontram um meio de chatearem alguém, fazem isso até se cansarem, ou até perder a graça. Portanto rapaz, não esquente a cabeça, mais cedo ou mais tarde eles vão esquecer, ou encontrarem outro para chatear.

-É, no meu caso já acabou, a manhã já estarei indo embora!

-Isso eu já não sei...

-Como assim?

-Como eu disse antes eu conversei com o Fernando e o Sr Osvaldo, e decidi contratá-lo.

-Não entendi!

-Aqui esta sua carteira de trabalho – disse ele esticando a carteira para Toninho – se você virar a pagina vai ver que ela já esta assinada desde o dia primeiro de dezembro.

-Oh meu Deus! – disse Toninho se levantado da cadeira – isso quer dizer que eu já sou funcionário registrado desde o dia primeiro?

-Sim, filho.

-Muito obrigado Sr. Honório.

-Que isso rapaz, é só você continuar trabalhando direitinho que você terá seu emprego garantido...
Creio que nem preciso perguntar se você quer continuar conosco, ou preciso?

-Mais, é lógico que quero... Imagine, tenho o meu primeiro emprego de carteira assinada...

-Esta bem depois você comemora, agora vamos acertar os dias trabalhados do mês passado e dar o seu vale desse mês. São sete dias, trabalhados no mês de novembro – dizia ele – somando na calculadora – que da Cr\$ 158,62, mais 14 horas extras vezes Cr\$ 3,76 é igual a Cr\$ 52,64, isso vai dar um total de Cr\$ 211,26, mais 50% de adiantamento desse mês que dá Cr\$ 868,74, mais o do mês passado... aqui esta Cr\$ 1080,00.

Toninho pegou aquela bolada de dinheiro, e começou a conferir. As mãos do pobre tremiam de emoção.

-Está tudo certo.

-Está sim senhor.

-Então você precisa assinar o holerite do mês passado, o recibo do vale desse mês e o livro de registro, para que eu o leve para o contador, o mais tardar na segunda-feira.

Toninho escreveu seu nome em tudo quanto foi papel que o patrão mandou, agradeceu e saiu radiante para contar a novidade para seu colega de quarto...

*

Toninho parecia que ia explodir de tanta felicidade, no quarto ele contou a novidade para Osvaldo, que por sua vez ficou muito feliz, por Toninho ter conseguido seu primeiro emprego de carteira assinada.

-E agora o que você vai fazer com todo esse dinheiro? – perguntou Osvaldo – você recebeu mais dinheiro do que eu, mesmo juntado a minha aposentadoria, e o salário do mês passado, eu só ganhei Cr\$ 850,00.

-É, ate que ganhei mais do que eu esperava, mais justiça seja feita, se o senhor não tivesse dito que me conhecia, garanto que não estaria aqui.

-Pode ate ser, mais você tem caráter... Alem do mais, quem é amigo da Irene, aponto dela colocá-lo dentro da sua casa, não pode ser uma má pessoa... na hora foi isso que me veio a mente. É verdade que eu só o tinha visto uma vez. No entanto, é como se eu já o conhecesse há anos, porque naquele dia que você me viu na casa da Irene ela me contou toda a sua história.

-Como assim?

-Ela me contou que você era um rapaz honesto e muito trabalhador, foi nesse dia que ela praticamente me implorou para ver se conseguiria um emprego aqui para você. Ela me contou que seus pais tinham se separado, que você tinha mais seis irmãos, e que estava morando com sua mãe na roça, mais que depois de um ano e meio você veio morar com o seu pai. Ela me disse também, que seu pai perícia uma boa pessoa, mais que no fundo não valia nada.

-Realmente, meu pai é um sujeito meio estranho...

-Ela me disse que ele foi para chácara para não ser preso, é verdade isso?

-Sim, infelizmente... Eu não sei bem o que ele andou aprontando... Eu me lembro que no ano passado, no mês de agosto, não me lembro à data, só me lembro que ele levantou bem cedo, na verdade, umas 02h00m da manhã. Ele me disse para cuidar de tudo que ele iria ficar fora por uns dias, que estava

indo para a lavra de um amigo, e que eu não dissesse a ninguém onde ele estava, em ultimo caso se eu precisasse falar com ele, era para mandar o recado pela esposa do seu amigo.

-Ele estava fugindo do que?

-Eu nunca soube a verdade. Lembro-me que um dia de tarde, eu estava sentado em um banquinho enfrente casa, vendo o movimento na rua... a dona Irene apareceu no portão... A casa em que eu e meu pai morávamos era dela, pagávamos aluguel, mais isso agora não vem ao caso. Eu me lembro como se fosse hoje, ela acenou para mim e ficou por ali. Naquele dia eu estava muito aborrecido, eu acho que ela percebeu e veio falar comigo. Perguntou como eu estava, disse-me que havia notado minha aparência meio aborrecido, perguntou se havia acontecido alguma coisa e eu disse a ela que não, que estava tudo bem.

Ela ficou em silêncio, por algum tempo, depois perguntou se eu tinha notícias do meu pai, como eu disse que não, ela jogou toda a merda no ventilador. Contou-me que ele fora para lavra fugindo da policia, por que o capitão Paulo Macedo, por ser muito amigo dele o avisara já tarde da noite que ele estava sendo investigado, por má conduta, com as filhas dos vizinhos. Eu não entendi nada, e nunca perguntei ao meu pai do que se tratava. Dois dias após ela ter me dito isso. A polícia apareceu lá em casa, a procura dele... Eu simplesmente disse que ele estava viajando.

-Mais eles não lhe disseram, por que eles o estavam procurando?

-Eu ate que perguntei mais eles me disseram que não era nada importante.

-É, complicado, mais com certeza ele devia ter culpa no cartório, porque senão, ele não teria fugido.

-Lá isso é verdade.

-Mais agora você esta aqui, empregado, e a julgar por seu primeiro pagamento, você vai longe. O Fernando me disse que você faz duas horas extras todos os dias, e que aos sábados você tem trabalhado até as 14h:00m. Isso é muito bom, é só você economizar que daqui um tempo você terá uma boa quantia de dinheiro guardado.

-É isso mesmo que eu vou fazer, quero juntar uma boa grana para montar um barzinho para mim.

-Por que um bar?

-Não sei, é um sonho que eu tenho.

-É, então aproveita a oportunidade, e junte bastante dinheiro, porque montar um bar não é tão difícil, agora para fazer o negocio dar certo tem que ter um bom saldo no banco...

-Por falar em banco senhor Osvaldo, como se faz para guardar dinheiro no banco?

-É muito simples, é só você ir lá falar com o gerente que ele abre uma conta para você

-Só falar com o gerente, é tão simples assim?

-Não é só falar com o gerente propriamente dito. Você tem que levar o RG, CIC e a carteira profissional... Mas como você ainda é de menor terá que ter alguém para se responsabilizar por você. Mais é só você falar como Honório, que ele o leva ao banco que ele tem conta, e ele assina por você.

-Na hora do jantar eu falo, com ele... Mas será que ele não vai me dizer não?

-Se você quiser, eu mesmo posso falar com ele para você, porque sendo eu a fazer o pedido, é mais provável que ele diga sim.

-É, eu acho que é melhor o senhor falar com ele.

Enquanto ainda conversavam, alguém bateu na porta do quarto.

-Tio o jantar esta na mesa – disse Maria lá de fora – chama o Toninho e vêm jantar antes que a comida esfrie.

-Oba! Já estamos indo.

Todos degustavam o jantar em silêncio. Toninho vez por outra olhava discretamente para Letícia, que retribuía o olhar com um breve sorriso... Toninho percebeu logo que havia algo errado, só não sabia o que. Por fim, Osvaldo quebrou o silêncio por pergunta:

-O que você acha Honório, este novo presidente eleito, será que ele vai conseguir acertar a economia desse país?

-Não sei Sr. Osvaldo, ele fez uma boa campanha, prometeu muitas coisas. Tem fama de ter feito o bom governo lá em Alagoas.

-Se ele cumprir a metade do que prometeu em campanhas já está de bom tamanho.

-Ele é jovem, é provável que ele vá fazer um bom governo.

-Assim espero...

-Honório – disse Maria – na hora da refeição, não é hora de discutir política.

-Desculpe Maria – disse Osvaldo – fui eu que comecei.

-Tudo bem tio.

O silêncio voltou a imperar novamente, o único barulho que se ouvia era o dos talheres retinindo ao tocar na louça.

-Honório – disse Osvaldo – o Toninho esta querendo abrir uma conta no banco, sabe como é... Ele me disse que quer juntar dinheiro para montar um bar, então eu o aconselhei a depositar no banco.

-Podemos ir ao banco na segunda-feira, depois do almoço e abri uma conta poupança para ele.

-É mais ele vai precisa que alguém assim por ele, visto que ele é menor de idade.

-Sem problemas.

Toninho estava se sentindo importante, tinha emprego, iria abrir conta no banco... Só estava faltando uma coisa para que tudo ficasse perfeito, comprar roupas novas.

-Hei, vocês perceberam? – perguntou Maria – vocês estão falando do rapaz como se ele não estivesse aqui, e ele mesmo não diz nada, o que foi moço feio, o gato comeu sua língua – continuou Maria esboçando um leve sorriso.

-Não foi nada, é que eu aprendi que quando os outros estão falando sem se dirigirem a palavra a mim, eu devo ficar calado.

-E! Você terá muito que aprender... Aqui não é assim não, todos são iguais, pode falar do que quiser...

-Ah, meu pai me ensinou que quando os mais velhos estão conversando, devemos ficar quieto, dizia que é falta de respeito ficar nos metendo nas conversas das pessoas.

-Nisso ele esta certo, meu pai também dizia a mesma coisa, que Deus o tenha num bom lugar...

-Por que a senhora falou assim, que deus o tenha num bom lugar, ele morreu?

-Sim.

Maria devolveu o garfo ao prato, a tristeza ficou visível em sua face.

-É filho, ele morreu faz uns quatro pra cinco anos, não é tio Osvaldo?

-Quase isso, ainda vai fazer cinco no ano que vem.

-O prato que ele mais gostava era polenta com quiabo... Que saudade que eu tenho dele.

Toninho, ao ver a tristeza da esposa do patrão, se sentiu culpado por ter provocado aquele assunto. Terminou de jantar, virou o suco que restava no copo. Meio desconcertado, visto que todos ainda tinham comida em seus pratos, ele ficou sem jeito de sair da mesa. Mais, por fim tomou coragem.

-Com licença – disse ele ao se levantar.

-Não vai esperar a sobremesa – disse Letícia – fiz um bolo gelado de chocolate, com tanto carinho e você não vai nem provar?

-Acho melhor você ficar rapaz – disse Honório – se tem duas coisas que a Letícia sabe fazer, e os faz muito bem, e pizza e bolo de chocolate.

-Não é falando não moço feio – disse Maria – ela passou a tarde toda fazendo esse bolo, e a maior preocupação dela era se você iria gostar.

-Mamãe!

Honório olhou para Toninho, em seguida para a filha e fechou o semblante. Toninho ficou meio indeciso, se ficava ou não, depois da mudança de semblante do seu patrão.

-Senta rapaz, você não vai fazer essa desfeita para minha filha, vai?

-Não senhor – disse Toninho voltando a se sentar.

-Mãe, você tira a mesa enquanto eu pego o bolo na geladeira? – perguntou Letícia a mãe, toda sorridente.

-Sim filha.

Honório terminava de limpar o prato quando o bolo foi posto sobre a mesa.

-Hum! Está bonito hein – disse Osvaldo – já esta me dando água na boca.

-Mãe, pega os talheres enquanto eu pego os pratos para sobremesa.

Letícia, ignorando a rega, pegou uma faca e cortou uma fatia bem grande, com a espátula na mão pediu que Toninho desse o seu prato, passando a vez de seu pai, que pela regra de se servir da esquerda para a direita, seu pai seria o primeiro.

A curiosidade de Toninho era saber qual o sabor do bolo gelado, a bem da verdade ele nunca havia comido bolo de chocolate antes, gelado então, nem em sonho. Após ter lhe servido, Letícia esperou que ele provasse o bolo. A massa era meio marrom, com cobertura de chocolate e recheio do mesmo

sabor. Toninho, meio desconfiado, por todos os estarem olhando, pegou o garfo e levou uma pequena porção do bolo a boca.

-Hum! – murmurou ele.

-E então, gostou? – perguntou Letícia, ansiosa pela resposta.

-Sim isso é muito bom!

-Só tenha cuidado para não se sujar com a cobertura, porque ela ficou um pouco mole.

Pela ordem o próximo seria seu tio Osvaldo, mais seu pai já estava estendendo o seu prato na direção do bolo, ela o serviu. Após ter servido a todos, ela se serviu de um pequeno pedaço e se sentou. Honório parecia que estava em um campeonato de comida, ele enfiava na boca um pedaço atrás do outro.

-Calma Honório! Comendo depressa desse jeito, você não vai conseguir sentir nem o sabor do bolo.

-Não sou eu que estou comendo rápido, é vocês que comem muito de vagar.

-Não repara não Toninho – disse Letícia – meu pai é assim mesmo.

-É que ele não perdeu o costume de quando era empregado – disse Maria, em defesa do marido.

-Eu nunca tinha comido um bolo tão gostoso – disse Toninho ao terminar de comer...

-Você quer mais um pedaço?

-Se não for abusar, eu aceito.

-Eu também quero mais um pedacinho – disse Honório.

-Você, gosta de pizza? – perguntou Letícia a Toninho, enquanto lhe servia.

-Não sei, eu nunca comi...

-Pois então a manha eu vou fazer pizza para o jantar.

-Oba! Amanhã teremos pizza – exclamou Honório todo sorridente.

-Que bom, já sei que amanhã estarei livre da cozinha na hora do jantar- disse Maria.

Toninho estava feliz, estava se sentindo em casa, rodeado de pessoas amigas. Osvaldo após o jantar tomou um gole de café e pediu licença, pois teria que ir dormir no sobrado de Valdir irmão de Letícia, que havia viajado em lua de mel naquela manhã e pedira ao tio para tomar conta do sobrado toda noite, até ele voltar de viagem.

-Pai, já que o tio vai para o sobrado, o Toninho pode assistir TV na sala com a gente até a hora de dormir?

-Mais é claro que pode filha. Eu vou ler um pouco no escritório, mas o rapaz pode ficar a vontade.

-Esta bem Sr. Honório – disse Toninho – mais eu não quero incomodar...

-Não é incomodo nenhum, meu rapaz.

-Então vamos para a sala Toninho – disse Letícia ao se levantar – vamos também mamãe!

-Vai indo vocês, eu vou tirar a mesa do jantar depois eu irei.

-Esta bem.

Toninho meio sem graça pediu licença e seguiu Letícia para a sala de estar.

3 Capítulo

Em fim chegara à noite do dia vinte e quatro de dezembro. A família Sobrinho não comemorava o Natal, mais todos os funcionários ganhavam um panettone, um champagne e um garrafão de vinho de cinco litros. O que sobrava Honório guardava uns dois ou três, vinhos, panettone e champagne para o consumo da família, o resto ele distribuía para os vizinhos mais achegados e entre os parentes de sua esposa.

Toninho se esbaldou, comeu panettone, que para ele era uma iguaria estranha, já tinha ouvido falar, mais nunca tinha experimentando, ate arriscou tomar um pouco de champagne mais não gostou... Algo que ele degustou e gostou muito, foi a tal de espanhola que Letícia lhe ofereceu, (batida de vinho tinto, pêssego e leite moça).

Estava uma noite agradável... Todos reunidos na sala de estar, Honório, Maria, Letícia e Toninho, o único que não estava presente era Osvaldo, pois estava de guarda na casa de Valdir, que estava viajando para o sul em lua de mel. Na TV estava passando o programa "Os Trapalhões"... era uma das atrações mais divertidas da época. O quarteto, "Didi, Dede, Mussum e Zacarias" eram divertidíssimos. Honório se divertia com as trapalhadas do personagem "Mussum"... em cada cena que ele aparecia era motivo para gargalhadas em geral. entre um comercial e outro era anunciado à Missa do Galo, que seria exibida após a meia noite.

Tudo parecia estar bem, mais a vida reservava uma surpresa desagradável para um membro daquela família. Passava das 19 horas quando o telefone tocou, Maria que estava perto da mesinha do Telefone foi quem atendeu.

-Alo!

Uma voz chorosa do outro lado repetiu.

-Alo! Quem esta falando?

-É Maria...

-Maria quem esta falando é João, seu primo, filho do Osvaldo.

-Oi João, aconteceu alguma coisa?

-Sim, Maria aconteceu uma tragédia... Eu preciso falar com o pai, ele esta por ai?

-Não João, o tio esta dormindo lá no sobrado do Valdir. Mais me diz o que aconteceu para que eu mande avisá-lo.

-Minha Irma mais velha, a Marta morreu atropelada...

-Meu deus! Quando foi isso?

-O que foi nega? – Perguntou Honório já se levantando do sofá e indo em direção a Maria.

-A prima Marta morreu.

-O Sr. Osvaldo já sabe?

Maria gesticulou com a mão para que Honório fizesse silencio.

-João aonde vai ser o velório? – continuou Maria a falar com João ao telefone.

-Não sei Maria, o corpo ainda não foi liberado.

-Você esta em qual hospital?

-Nós estamos todos aqui no pronto socorro de Ferraz. Está eu, a mamãe e o Rubens, viemos todos para cá assim que soubemos.

-Mais como isso foi aconteceu , e quando aconteceu meu Deus?

-Toninho, por favor – disse Honório – vai ao sobrado e fala para o Sr. Osvaldo vir para cá, mais não fala nada sobre o telefonema...

-Esta bem Sr. Honório, eu vou num pé e volto no outro.

-Mais vai rápido, Letícia vai com ele para abrir o portão.

-Está bem pai.

Toninho sai às pressas e Letícia o seguia escada abaixo, pelo corredor.

-Vai rápido, – disse Letícia enquanto fechava o portão atrás de Toninho - eu vou ficar aqui esperando.

-Esta bem, eu já volto.

Toninho desceu a rua a passos largos. O sobrado de Valdir ficava no mesmo quarteirão na próxima rua. Na esquina, Toninho virou à esquerda. Ele nunca havia ido antes ao sobrado de Valdir, sabia que era o último no fim da rua, ele seguiu frente. Naquele lado da rua só havia cinco casas, o quinto portão era o do sobrado. A luz da sala estava acesa, Toninho apertou o botão da campainha duas vezes em seguida. Foi questão de segundos, para que Osvaldo aparecesse na porta.

-Pois não!

-Sr. Osvaldo sou eu, o Toninho.

-O que foi que aconteceu?

-O Sr. Honório mandou chamar o senhor, ele disse que é para o senhor ir lá agora.

-Está bem, só vou calçar os sapatos, vestir a camisa e já estou indo.

*

Quando Toninho e Osvaldo chegaram, Letícia os esperava com o portão semi-aberto.

-O que está acontecendo Letícia – perguntou Osvaldo a sóbria, ao entrar na garagem.

-Eu não sei tio, a mamãe está na sala, vai lá que ela explica para o senhor.

Osvaldo subiu pela escada, apressado. Ao adentrar a cozinha, os seus sessenta e oito anos e os inúmeros cigarros que fumava por dia, foram acusados por seu pulmão. Para conseguir prosseguir, ele teve que parar e apoiar as mãos nos joelhos para retomar o fôlego. Tendo recuperado o controle da respiração. Ele foi para a sala. Maria ainda estava ao telefone, ao vê-lo entrar, ela disse.

-João o tio acabou de chegar, eu vou passar para ele.

-O que está acontecendo? – perguntou Osvaldo ao receber o fone da mão de Maria.

-Uma tragédia tio, mais fala com o João que ele te explica.

-Alo, filho! Diga-me o que é que está acontecendo.

-Pai, a Marta foi atropelada...

-Repete filho que eu não entendi...

Por estar nervoso, João estava com a voz meio embargada, não pronunciava as palavras de modo entendíveis.

-Filho respira, e depois fala com calma, para que eu o possa entender.

-Pai a Marta foi atropelada e não resistiu aos ferimentos... Ela morreu aqui no pronto socorro de Ferraz.

Osvaldo ficou em silêncio, passou a mão sobre os cabelos grisalhos... o filho dizia alo do outro lado da linha, e nada de resposta. Por fim Osvaldo disse:

-Se acalma filho, eu ainda estou aqui... Dê-me uns quarenta minutos que já estou indo pra aí.

Ele disse isso e devolveu o fone ao gancho.

-Sr. Osvaldo eu vou pegar as chaves do carro para levar o senhor – disse Honório.

-Eu vou com vocês – disse Maria. Irão fazer a necropsia para ver qual foi a causa da morte.

-Tio mais foi um acidente, atropelamento seguido de morte...

-Filha você sabe como é hospital, é difícil a pessoa ser atendida, e se por um acaso ela der entrada e vier a falecer, eles demoram de duas a quatro horas para liberar o corpo então é melhor você ficar. Quando estiver tudo resolvido, eu mando alguém avisar.

-Está bem tio, eu vou ficar esperando o senhor ligar. Vai com Deus.

-Fique com ele também, filha.

Todos os seguiram até o portão, Osvaldo fingia estar bem, mais era visível que ele estava tremulo. Também não era para menos, véspera de natal, todos estão com o espírito voltado para alegria, confraternização, este é o conceito de quase todo mundo... Vinte e quatro de dezembro é dia de preparação para a virada a meia noite. Família reunida, muita comida, champagne, vinho e tudo o que a ocasião permitir. Mas não para o Sr. Osvaldo, a vida lhe tinha reservado uma surpresa, a perda de sua filha primogênita.

Maria, Letícia e Toninho ficaram parados enfrente ao portão, olhando o carro sumir no fim da rua. A rua estava vazia só estava o vizinho do casal ao lado, fumando um cigarro, debruçado sobre o muro enfrente. Ao ver a movimentação ele perguntou:

-Aconteceu alguma coisa dona Maria?

-Infelizmente Sr. Antonio, minha prima morreu atropelada.

-Que tragédia! Qual delas?

-A filha mais velha do tio Osvaldo.

-Coitado, ele deve estar arrasado.

-É, ele estava tremulo quando saiu daqui.

-Justamente na noite de Natal, dia de festa, de alegria vai acontecer uma tragédia dessas...

-É Sr. Antonio, a vida nos prega cada peça.

-É verdade dona Maria... Mas a senhora já sabe aonde será o enterro?

-Ainda não, o corpo não foi liberado, o tio foi para lá, assim que tiver liberado ele vai ligar. Agora o Senhor dê-me licença, que eu vou entrar, tenho que ligar para minhas irmãs, para avisá-las do ocorrido.

Toninho fechou as duas partes do portão. Maria o trancou com a chave, passou também uma corrente com um cadeado bem grande para reforçar a segurança. Todos subiram os degraus de volta para a sala de estar. Maria, fora direto para o telefone passou um bom tempo ligando para os parentes e amigos, avisando do ocorrido.

O clima não estava bom. De longas gargalhadas com as performances dos personagens do programa “Os Trapalhões”, agora o ambiente estava silencioso, só se ouvia a voz de Maria ao telefone informando os familiares da tragédia. Letícia estava sentada em um canto do sofá, encolhida, com os pés sobre o sofá bem juntos ao corpo, as mãos sobre os joelhos e o queixo apoiado sobre as mãos. Os longos cabelos caídos em seus ombros como um negro véu, o olhar perdido entre a TV, e sua mãe ao telefone. Toninho pediu licença e foi para o quarto. Letícia se limitou a dizer boa noite, a tristeza era visível em seus olhos.

No quarto Toninho ligou o televisor e ficou assistindo ao “Fantástico”... As notícias não chamaram a sua atenção. Ficou “zapeando” com o seletor ate que encontrou um canal que estava exibindo um filme do Bruce Lee, “Operação Dragão”, deixou a TV ligada naquele canal... Mas sua atenção não estava ali, os últimos acontecimentos o fez pensar no quanto estava longe de casa, que nenhum dos seus parentes sabia do seu paradeiro, sozinho com seus pensamentos ele adormeceu...

*

Quando Honório e Osvaldo chegaram ao hospital toda sua família já estavam. Ao vê-lo João e Rubens foram ao seu encontro.

-Ola papai – disse João enquanto o abraçava – que tragédia papai! – disse isso com lágrimas escorrendo pelo rosto.

-Se acalme filhos, seja forte.

Rubens abraçou o pai e o irmão ao mesmo tempo. Enquanto pai e filhos se consternavam a perda de Marta, Honório se aproximou da viúva para saber como ela esta suportando todo aquele sofrimento de perder uma filha de uma forma tão horrível.

-Boa noite dona Juliette – disse Honório ao se aproxima – como você esta?

-Ah eu estou me segurando pra não desabar.

Ela pôs a mão sobre a boca para abafar o choro as lagrimas escorriam sobre sua face em cascatas... Ela era uma mulher morena, rechonchuda. Seus cabelos já grisalhos estavam levemente úmidos, tinha o aspecto de que ela havia tomado banho há pouco tempo. Enquanto ela tentava disfarçar sua emoção. Seu corpo tremia. Honório, consternado por vê-la daquele jeito, tentou confortá-la pondo a mão sobre os ombros dela.

-Não é fácil perder um filho, mas você precisa ser forte agora...

-Não é justo ela sempre foi uma boa mãe para seus filhos... Por que..., por quê? Por que o infeliz que a atropelou não pode desviar dela, o miserável nem sequer parou para socorrê-la.

Ela havia acordado toda feliz, cuidou cedo dos seus afazeres domésticos, depois foi a feira para comprar os últimos itens para prepara a ceia para as crianças. Vem este infeliz do quinto dos infernos e atropela minha filha.

-Não se preocupe com ele agora, a hora dele vai chegar... e a policia, com certeza vai investigar, cedo ou tarde vai pagar pela dor que lhes esta causando no dia de hoje.

Enquanto Honório tentava atenuar a dor de Juliette, Osvaldo se aproximou. Os dois não se falavam desde a separação. Osvaldo tentou cumprimentá-la , mas foi em vão, estendendo sua mão , ela simplesmente saiu de perto e foi para onde estavam os Filhos.

-Mãe, - disse João - deixa o seu orgulho de lado pelo menos por hoje, não é momento para ficarmos remoendo coisas do passado, agora é hora de unirmos nossas forças para juntos suportamos essa dor...

-Me perdoe filhos mais eu sofri muito e ainda estou muito ferida.

-O! Mulher rancorosa – disse Osvaldo por entre os dentes – quanto mais os anos passam, parece que ela me odeia ainda mais.

-Se acalme ser Osvaldo... a circunstância não é boa, portanto é natural que ela esteja magoada, triste, e no momento é compreensível que ela queira certa apatia no que se refere ao senhor.

Enquanto esperavam a liberação do corpo, na sala de espera do hospital aproximou-se um negro forte e alto, usando uniforme marrom claro, ele trazia nas mãos prancheta.

–Sr. Paulo de Xavier e Silva – anunciou ele.

Visto que ninguém se moveu de imediato, ele repetiu.

–Sr. Paulo de Xavier e Silva, esposo da Sr. Marta Marques e Silva.

Osvaldo olhou para a ex-esposa que estava junto aos filhos, por não ter visto o genro ele mesmo tomou a iniciativa.

-O esposo dela ainda não chegou, mas eu sou Osvaldo o pai dela.

-Por favor, o senhor Osvaldo o sou o doutor Carlos, o senhor poderia vir comigo? Eu preciso de um parente para reconhecer o corpo.

-Tudo bem, eu acho posso fazer isso.

-Quer que eu vá com o senhor, Sr. Osvaldo? – Perguntou Honório.

-Ele pode ir junto doutor?

-Não tem problema...

Osvaldo e Honório seguiram o funcionário, por um amplo corredor até o elevador. O doutor pressionou o botão para descer. O hospital estava movimentado naquela noite... Enfermeiros empurrando macas pra lá e pra cá o tempo todo. Pacientes gritando de dor, outros tomando soro nas poltronas de espera espalhado pelo amplo corredor.

-Eu não sei o que passa na cabeça das pessoas – disse o médico legista – é uma época em que todos deveriam estar em suas casas com os seus familiares, no entanto, por incrível que pareça, é nesses dias que o índice de acidentes e de briga doméstica aumenta mais...

-É doutor, - disse Honório - parece-me que quanto mais o tempo passa, mais as pessoas, parecem estar passando por uma metamorfose, se transformando, deixando florescer seu lado animal.

-O senhor disse tudo, as pessoas têm se revelado verdadeiros animais.

O elevador chegou, os três entram no elevador, em seguida o Dr. Carlos apertou o botão que indicava menos dois. Quando o elevador finalmente parou e a porta se abriu, o ambiente foi invadido por uma lufada de gélido, com um odor livremente carregado com um misto, de sangue e banha.

-Aqui em baixo, - disse o médico - para os que vêm pela primeira vez, se sentem incomodados com o cheiro, mas com o tempo se acostumam.

Ninguém disse nada em argüição ao comentário do médico. Ao sair do elevador, eles seguiram pelo que parecia mais um corredor polonês. De um lado enormes refrigeradores e do outro uma fileira de macas, com corpos cobertos por panos cor-gelo encardidos, alguns até manchados de sangue. Quando já estavam quase no fim do corredor, o médico para de súbito próximo a uma maca, e levantou o pano de cima do que deveria ser o rosto de Marta. Osvaldo ao ver o rosto da filha todo ensanguentado, os cabelos empapados de sangue, cobriu o próprio rosto com as mãos.

O médico olhou para Osvaldo com aparência de consternação, como se quisesse dizer, - eu entendo a sua dor, pai – após alguns segundos ele perguntou.

-Tudo bem Sr. Osvaldo, podemos continuar?

-Sim, doutor é ela, é minha filha.

-Ok... o estado dela é muito ruim, não será possível velá-la por muito tempo... O enterro não poderá passar das 08h00m, 08h30m da manhã...

O silêncio se fez presente novamente.

-O Senhor já tem uma funerária de sua preferência- continuou o médico.

-Não.

-Está bem... Enquanto preparamos o corpo, os senhores poderão ser auxiliados pela a recepcionista Edna, diga a ela que o Dr. Carlos os mandou procurá-la, ela irá encaminhá-los a funerária mais próxima, quando o corpo já estiver pronto para ser vestido eu os chamo.

Honório e Osvaldo voltaram pelo mesmo caminho que haviam ido.

4 Capítulo

Em fim chegou o ano novo, 1990. Um ano de renovação, de esperança... Fim definitivo do militarismo e o começo de uma real democracia. Todos sonhavam com um futuro melhor... Apostando todas as fichas no novo presidente eleito (Fernando Collor de melo, vulgo caçador de marajás). Para Toninho, não fazia nenhuma diferença quem governava ou deixava de governar o país... Para ele o que tinha importância era que ele estava trabalhando, se quisesse permanecer no emprego, teria que dar o seu melhor, trabalhar “duro”, não fazer corpo mole.

Apesar de gostar do trabalho que realizava suas motivações para se dedicar ao trabalho, praticamente de segunda a segunda..., não vinham simplesmente do gostar do que fazia, a sua real motivação era a filha do patrão, a doce Letícia. Toninha contava os minutos para estar perto dela.

Sua tristeza começava pela manhã quando ia para a fábrica, e no decorrer do dia, este sentimento ia mudando para um misto de alegria e ansiedade que o invadia ao passo que ia se aproximando o fim do expediente. Para Toninho, não havia recompensa maior do que após uma árdua jornada de trabalho poder ver, todos os dias, todo fim de tarde aquele anjo em forma de uma linda jovem.

O que ele mais queria, e às vezes até sonhava que dizia a ela o quanto ela era bonita, que ele estava perdidamente apaixonado por ela, mais eles nunca tinha a oportunidade de estarem a sós..., e se por um momento ficassem a sós, ele não sabia o que dizer, parecia que seus lábios eram selados por uma força maior.

Houve um sábado que surgiu a oportunidade perfeita. Os dois estavam na sala de estar, enquanto Maria terminava de preparar o almoço, Letícia mostrou a ele todos os seus discos de vinil, inclusive um novo que ela havia comprado no Shopping. Teve um em especial que ela fez questão de colocar para tocar..., era um disco solo do canto Robby Draco Rosa, um dos rapazes do extinto “Grupo Menudos”...

As musicas eram muito bonitas. A que mais chamou a atenção de Toninho foi à canção que deixava a entender que o cantor estava pedindo para a chuva trazer-lhe a pessoa amada. A melodia começava com o som de baixo, bateria e guitarra, em seguida entrava a voz do interprete...

*Mais um dia passa
Fico te esperando
É mais um engano
E eu digo que te amo
Oh! baby
Chuva fina traz você*

*Mais um dia passa
Fico sem te ver
Na canção do rádio
Tento te esquecer
Oh! baby
Chuva fina traz você*

*Da janela a lua
Faz lembrar teu olhar*

*Só quem ama tem o dom
De saber esperar
Você chegar*

Se amar faz parte da vid

25

*Diz como aprender a esquecer
Se eu ainda te amo
Diz o que fazer do meu dia
Sem você não sei mais viver
Se eu ainda te amo, amo
Oh! baby
Chuva fina traz você.*

Composição: Michael Sullivan e Paulo Massadas

Interprete: Robby Draco Rosa.

Enquanto a música era executada, Toninho sonhava, viajava em pensamento, via-se dizendo palavras similares para a bela Letícia. Ao fim da execução musical, Toninho viu os seus olhos encontrarem os de Letícia que o observava atentamente, Toninho pode ver nitidamente o brilho, em seus lindos olhos negros. E o nervosismo tomou conta do seu ser...

-Não é bela essa musica? – perguntou Letícia.

Toninho parecia estar em estado catatônico, de olhar fixo em Letícia sem nada dizer.

-Toninho... hei Toninho acorda! Esta tudo bem com você?...

Ele desviou o olhar, meio sem graça e respondeu:

-Esta tudo bem, sim... Essa música é belíssima...

-Você gostou mesmo!?

-Sim, todas as anteriores são boas, mais essa é demais..., parece tocar na alma...

-Até parece que estar apaixonado...

-Por que, você acha que estou apaixonado?

-Nunca ouvi ninguém dizer isso ao ouvir essa música você é o primeiro...

-Sendo assim é provável que...

-Crianças, o almoço já esta na mesa – anunciou Maria lá da cozinha.

-Está bem mãe, já estamos indo – disse Letícia, enquanto diminuía o volume do som- vou deixar tocando baixinho...

-Esta bem.

*

A mesa como sempre estava farta. Maria cozinhava muito bem, mais o que deixava Toninho “encafifado” era que embora seus patrões tivessem uma boa situação financeira, era Maria quem cuidava

de tudo na casa, desde limpar a casa, lavar roupas e cozinhar. Ela parecia ser feliz, mais em seus olhos havia uma tristeza que às vezes deixava Toninho, meio curioso e confuso.

Às vezes ele se perguntava. – por que será que ela não tem uma empregada?- ao que parecia dinheiro não era um problema. A julgar pela quantia de dinheiro que eles movimentavam todos os dias, ela poderia ter muito bem uma empregada para ajudá-la. Enquanto servia, de um pouco de feijão, Toninho perguntou:

-E o Sr. Honório e o Sr. Osvaldo, eles não vão almoçar?

-O Honório foi à fábrica, parece que apareceu um comprador, ele marcou com ele de se encontrarem as 12h30m, mais já é quase duas horas..., eu acho que ele já deve estar chegando por aí. Quanto ao tio, ele está meio estranho desde o enterro da prima..., quase não está comendo, está tomando café de balde...

-E fumando um cigarro atrás do outro – completou Letícia.

-Letícia!

-Me perdoa mãe, mais eu não disse nada de mais.

-Você está certa filha, ele tem fumado mais do que o costureiro.

-Eu tenho notado que ele tem andado muito triste nestes últimos dias. – disse Toninho.

-Pois é filho...

Toninho olhou para Maria com ar de surpresa, por ela o ter chamado de filho. Ele já tinha acostumado a ser chamado por ela, de moço feio, menino feio e etc. ser chamado de filho o surpreendeu. Até Letícia a olhou com olhar de surpresa.

-O que foi? – perguntou Maira, esboçando um sorriso maroto, de quem sabia que havia feito algo de estranho – eu só o chamei de filho, o que há de errado nisso?

-Nada mamãe, só..., só que fiquei surpresa e creio que Toninho também tenha ficado.

-Não, não fiquei surpresa, eu diria que estou emocionado...

-Emocionado, não entendi!

-É simples, minha mãe, que eu me lembre só me chamou de filho uma vez..., eu me lembro que tinha feito algo que ela não gostou, na verdade eu não tinha feito nada, mas ela quis me culpar.

Eu me lembro como se fosse hoje. Nós morávamos em uma chácara, em um lugar chamado Ilha Brava, a chácara não era nossa, era arrendada de uma senhora de nome Dina. Meus pais criavam cabras... ,então certo dia, eu estava pastoreando as cabritas, de repente uma delas arrebitou a corada e saiu correndo para casa.

Eu fui atrás dela, só que ela era bem mais esperta do que eu, resumindo, ela chegou em casa primeiro do que eu e foi direto para a tina, aonde a mãe deixava as locas para lavar. Quando eu fui tentar impedir que a cabrita bebesse a água suja das louças do almoço, a danada acabou por derrubar toda a louça no chão, quebrando um jogo de xícaras que mamãe havia ganhado de presente do seu pai no dia do seu casamento. Será que preciso contar o resto?

-Presente de casamento, e que o pai tenha dado – argumentou Maria - ela deve ter ficado uma fera!

-E se ficou. A casa que morávamos, era de chão rústico e não havia água encanada. A água para consumo doméstico era tirada de um poço artesiano. Meu pai estava viajando, então mamãe me ameaçou dizendo que quando papai chegasse, ela iria contar a ele que eu tinha quebrado o jogo de xícaras dela. Eu implorei para que ela não contasse nada a ele, então..., ela colocou as mãos na cintura e disse pragmática:

-Filho... Eu posso até não dizer nada ao seu pai, mais só se você lavar toda a casa pra mim.

-E você aceitou? –Perguntou Letícia.

-Mais é claro que aceitei, passeia a tarde toda, tirando água do poço e esfregando a casa..., quando terminei o sol já se escondia atrás das montanhas.

-Quantos anos você tinha? – perguntou Maria, com certa ansiedade e um pouco de tristeza na fala.

-Isso fui em 1978, eu nasci em 1972, eu tinha entre cinco e seis anos.

-Sua mãe foi cruel com você, não foi mamãe – disse Letícia.

-E se foi, mais e quando seu pai chegou, ela disse a ele, ou não?

-Bem, à noite eu deitei e apaguei. Quando acordei de manhã, por volta das 07h00m, ouvi vozes no quintal. Levantei e fui correndo para fora. Papai e mamãe estavam abraçados sob um pé de mexerica. Eu corri para papai, todo feliz, o que recebi?

-Não vai me dizer que ela tinha contado a seu pai!

-Não só contou como papai me segurou no auto e ela me bateu. Desde então, ela nunca mais me chamou de filho, parecíamos dois estranhos..., ela nunca demonstrou afeto, e eu sempre fui frio com os dois, desde então.

-Poxa vida, essa historia é muito triste.

-É por isso que eu disse que fiquei emocionado, quando a senhora me chamou de filho.

-Também não é pra menos, do jeito que você foi tratado...

-É..., mas é melhor mudarmos de assunto não é mesmo... Como chama esse prato, coberto de azeitonas e tomate?

-Eu o chamo de lasanha de berinjela.

-É muito bom, posso pegar mais um pouco?

-Mais é claro que pode, não precisa nem pedir, pode repetir quantas vezes quiser.

Toninho se serviu uma farta porção.

-Eu falei tanto que e a senhora não concluiu o que estava dizendo – disse Toninho enquanto se servia.

-Do que eu estava falando mesmo?

-A senhora estava falando que o tio tem estado estranho desde que a prima morreu.

-Ah é! Eu já estou ficando preocupada com ele, quase não come e esta que uma tristeza só.

-Eu não o tenho visto ultimamente, sempre que eu chego aqui, ele já foi para a casa do Valdir.

-Quem sabe você não poderia ir lá e conversar um pouco com ele!

-É talvez eu possa ajudá-lo...

-Quem sabe, uma boa conversa sempre ajuda, talvez ele só precise de um ombro amigo, de alguém com quem possa desabafar.

-Ok, eu vou fazer isso, mais tarde eu vou lá.

*

Já quase no fim da tarde, por volta da 17h00m. Toninho foi à quitanda da dona Lucrecia, (um local misto, onde se encontrar quase tudo que precisa em menor quantidade) ele comprou quatro refrigerantes e alguns salgadinhos, tira-gosto sabor camarão e dois pacotes de batata Ruffles.

-Só isso?- perguntou Lucrecia ao somar os valores – não vai levar alguns doces, chegou uma remessa nova..

-Não, agora não, mais tarde eu volto aqui.

-Esta bem, eu já estava preocupada... faz uns dez dias que você não vem aqui, para ser exata, você veio aqui foi antes do natal, o que aconteceu? Já sei, aproveitou os feriados para ir a praia...

-Praia... , há..., bem que eu queria, pois nunca vi o mar de perto, só pela televisão.

-Serio?

-Sim, eu nunca vi o mar..., a única grande quantidade de água que já vi de perto, foi o Rio Doce.

-Mais o Rio Doce não fica aqui, fica lá nas Minas Gerais?

-Sim, ele passa por Governador Valadares.

-Então você é mineiro?

-Sou mineiro uai! E com muito orgulho.

-Governador Valadares..., hei não essa a cidade de onde vão mais pessoas para os Estados Unidos do que praticamente todo o estado brasileiro?

-Sim, é lá mesmo.

-Então o que você veio fazer aqui?

-Na verdade, era para eu esta nos Estados Unidos desde junho, mas...

-Mas..., não foi por quê? Desculpe isso não é da minha conta.

-Não tem problema, eu posso dizer o porquê de eu não ter ido..., é que um amigo, estava de férias aqui no Brasil, queria levar não só eu, mas também mais seis pessoas. Primeiro iria quatro mulheres, eu iria à segunda leva...

-O que foi que deu errado?

-Bem... , nós íamos de forma meio que clandestina....

-É, ir para os Estados Unidos, clandestino é ariscado...

-Não era totalmente clandestino, mas íamos pelo sistema de bolha, a senhora já ouviu falar?

-Não.

-É mais ou menos assim... Você pega, ou melhor, dizendo. Você compra o passaporte de uma pessoa idônea, uma pessoa que tenha propriedade no Brasil e de preferência que tenha um parente nos EUA. Você pega o passaporte dela, leva para um bom falsário, alguém de confiança. Ele retira a foto da pessoa e substitui pela sua automaticamente todos seus documentos são alterado... Depois que você já estiver nos Estados Unidos, tendo tudo corrido normalmente, quando você já estiver instalada e trabalhando, ai você começa a pagar as despesas que o seu “agente” teve com você.

-Mais e se der tudo errado?

-Foi o que aconteceu com a primeira leva que antecedeu a que eu iria. O falsário não foi muito bom, sabe como é não fechou todas as pontas... As meninas ficarão detidas no Rio de Janeiro durante oito dias, depois foram liberadas.

-Ás pessoas se arriscam muito para ir tentar a vida lá fora.

-E como elas se arriscam. Eu conheci um dono de mercenária, sujeito ate bem sucedido no ramo. Ele vendeu tudo que tinha para ir para o exterior, chegando lá não passou nem do tapete vermelho e já foi barrado, ficando quarenta dias preso. Ele era bem gordo, quando voltou ao Brasil ele estava um a palito.

-Alguns até que conseguem, mas para outros a experiência é aterrorizante.

-É isso mesmo. Quanto é que eu te devo?

-Bem, foram quatro refrigerantes, três pacotes de salgadinhos, dois tira-gostos sabor camarão e duas batatas *Ruffles*... são Cr\$ 2,78.

-Aqui está – disse Toninho, colocando uma nota de 5 cruzados sobre o balcão – muito obrigado.

-Obrigada você.

*

Ao chegar ao sobrado de Valdir, Toninho observou que a janela da sala estava aberta, isso era sinal de que Osvaldo estava lá. Tocou a companhia e esperou. Osvaldo apareceu na porta com cara de desconfiado.

-Ah é você! Espera um pouco – disse ele ao ver que era Toninho.

Alguns segundos se passaram ele reapareceu, com as chaves do portão e abotoando os botões da camisa.

-Como esta quente hoje – disse Osvaldo ao abrir o portão.

-É eu acho que chegou a uns trinta graus Sr. Osvaldo.

-Espero que a noite seja menos quente, se não vai ser difícil para dormir.

-Realmente, com este calor fica difícil para gente dormir.

-Entre ai. Eu pensei que fosse o Valdir, ele ligou ontem dizendo que vai chegar amanhã.

-Que bom.

Toninho subiu os degraus que levava a sala, ao chegar enfrente a porta, ele deu passagem para que Osvaldo entrasse primeiro. Após terem entrando, Osvaldo indicou o sofá para que ele se sentasse. Na TV anunciava que logo após sessão aventura seria exibido mais um capítulo da novela “*Sexo dos Anjos*”.

-A casa deles é muito bonita – disse Toninho, puxando conversa.

-É um sobrado muito bonito e grande, tem três dormitórios, um quintal também grande.

-Legal...

Pausa.

-A dona Maria esta preocupada com o senhor, - Continuou Toninho, indo direto ao ponto - ela disse que o senhor não tem se alimentando direito nos últimos dias...

-Não, é bobagem dela, eu tenho me alimentado sim.

-Mais hoje o senhor não foi almoçar, não é mesmo?

-É verdade, hoje eu esqueci, quando dei por mim já era quase 16h00.

-Está certo..., o local aqui é calmo a noite?

Não obtendo resposta, Toninho preferiu sair pela tangente para voltar ao assunto mais tarde, passando alguns segundos Sr. Osvaldo responde:

-Sim e não, durante o dia é normal, agora à noite..., tudo que a pessoa faz do outro lado da pra escutar do lado de cá. O problema é que as paredes são germinadas.

-E não tem como isolar o som?

-Tem como isolar o que?

-O som.

Osvaldo começou a sorrir.

-O que foi, eu disse alguma bobagem?

-Não, eu penso desculpas..., é que você é um pouco estranho... Você diz que nunca estudou, e eu acredito em você, mas tem horas que você fala umas coisas que me deixa confuso

-Sei, mais isso de isolamento que eu disse, eu não aprendi em escola não senhor...

-E aonde foi que você aprendeu?

-Foi na construção que trabalhei no começo do ano passado. O chefe da obra mandava colocar espuma de alta intensidade, entre as paredes germinadas para amenizar o som.

-Me parece uma ótima idéia, mais aqui eu acho que não foi feito isso não.

-É provável que não. Eu comprei uns refrigerantes, o senhor aceita?

-Eu aceito sim.

-Também trouxe alguns tira-gostos..., tem sabor camarão e batata *Ruffles*.

Oswaldo ao abrir a Coca Cola virou um grande gole, goela abaixo. Toninho lhe entregou um pacote de salgadinhos sabor camarão. Na TV, estava começando a exibição de mais um capítulo da novela “*Sexo dos Anjos*”.

-O senhor esta sabendo – continuou Toninho – que o Sr. Honório vai vender o prédio da fabrica?

-Sim, ele me disse que é porque o gasto com gasolina esta ficando muito alto, e isso acaba por aumentar o custo final das tabuas.

-Mas se ele vender, aonde será fabricado as peças?

-Bem, ele disse que vai continuar com o acabamento aonde esta, e vai fabricar lá em cima. Não tem aquele monte de casa desocupada, o que ele vai fazer e derrubar as paredes, para ter espaço para se trabalhar.

-Legal! Isso significa que iremos poder dormir um pouco mais, visto que vamos estar praticamente no local de trabalho.

-É isso vai ser bom.

O silencio se instalou no ambiente, dando lugar apenas ao som que vinha do televisor. Toninho assistia atentamente a cada cena. Por fim Oswaldo disse:

-Eu estou pensando em passar uns dias em Minas.

-Por que Sr. Oswaldo?

-Desde que minha filia faleceu...

Ele fez uma longa paz, olhando fixamente para a lata de refrigerante em sua mão.

-Eu fique pensando em como a vida é injusta – continuou ele: - eu estou com os meus 68 anos, aposentado...,e Deus é testemunha que não fui um bom pai, eu e minha mulher nunca nos demos bem, desde o dia em que casamos, a nossa vida era brigar. Apesar da incompatibilidade, nós tivemos três filhos, Marta, João e Rubens.

Ele tomou mais um gole do refrigerante.

-Vocês ficaram casados por quantos anos?

-Nos suportamos por 18 anos. Devido o desgosto que era minha vida. Logo depois do nascimento do nosso segundo filho João, eu passei a beber muito e a ficar violento. Desde então as coisa só foram piorando, até que nos separamos.

-Isso já faz quanto tempo, isto é, que o senhor se separou?

-Já vai para uns dezesseis anos de liberdade...

-Mas hoje o senhor não bebe mais?

-Não!Graças a Deus... ,quando nos separamos, eu procurei ajuda do “AA”. (Alcoólatras Anônimos)..., me recuperei.

Ele ficou em silencio novamente. Seus olhos marejaram, por mais que ele tenha tentado conter amção, seus olhos o traíam,deixando as lágrimas rolaem por sua face. Num gesto quase que involuntário, ele passou as costas da mão sobre a face, enxugando as lagrimas.

-Sabe rapaz, – continuou ele, com a voz meio embargada – ver a minha filha ali sobre uma pedra, Toda esfolada, quebrada... Não foi nada fácil, só Deus sabe o que eu senti naquele momento... , que mais me corta o coração é que ela deixou quatro filhos pequenos. Um rapazinho de nove, outro de sete e duas meninas, uma de seis e outra de quatro anos e meio.

-É Sr. Oswaldo, a vida não é fácil! Se eu dissesse que sei o que o senhor esta passando, eu estaria mentindo de certa forma, porque a dor que cada um sente e diferente da do outro..., mas quando eu perdi a minha avó por parte de pai, eu também fique muito triste, meu pai então, este pirou de vez, ficou mau por

uns dois anos...em outras palavras, a dor vai passar um dia, pode ser amanhã pode ser daqui a meses ou anos., vai de pessoas para pessoa. Enquanto isso, o jeito é se apegar com deus.

-Você esta certo, mais dói demais...

-Talvez o senhor tenha razão no que disse sobre ir para Minas, espaiar, descansar um pouco, pode até ser bom.

-Eu gostaria, mais com essa provável mudança da fabrica para cá, eu acho que não vai ser possível eu viajar por agora, o Honório vai precisar de mim.

-Isso lá é verdade, vamos dar tempo ao tempo.

A novela já estava acabando. Toninho decidiu que já era tarde, e se levantou para ir embora.

-Já vai! Que pena rapaz, fica mais um pouco, você não tem nada para fazer lá mesmo.

-Não Sr. Osvaldo, eu vou ver se descanso um pouco antes do jantar, tenho trabalhado muito ultimamente, só hoje que eu tirei folga, para ir à cidade, mais a manhã já terei que trabalhar. O Sr. Honório me escalou para a limpeza da fabrica, para que na segunda feira os rapazes não percam seu tempo limpando.

-É verdade, ele me disse que esta com muitos pedidos acumulados. As lojas venderam tudo no natal e precisam repor o estoque.

-É isso, então até mais, nos vemos na hora do jantar.

-Sim, nos veremos no jantar. Foi muito bom você ter vindo, às vezes agente precisa desabafar um pouco, para clarear as idéias...

-É verdade Sr. Osvaldo, uma boa conversa sempre ajuda.

*

Algum tempo após o jantar, já pelas 10h30m da noite, Honório e Maria, foram para o quarto se deitar. Enquanto vestia a camisola para ir dormir, Maria começou a expressar as suas preocupações.

-Querido – disse ela num tom amável – eu não sei se você percebeu, mas eu acho que o Toninho e a Letícia estão se gostando.

-Bobagem sua “nega”...

-Eu não creio que seja bobagem minha.

-Por que você tem tanta certeza, que eles estão se gostando...

-Certeza, certeza eu não tenho, porem, hoje depois que você foi para fabrica, mostrar o salão ao comprador, ele veio tomar um gole de café, visto que o almoço não ia demorar muito... Ele ficou ai na sala conversando com a Letícia e ouvindo música. Você sabe como a Letícia é geniosa...

-É... Ela tem um gênio muito difícil, o que foi que ela fez? Não vai me dizer que ela humilhou o garoto!

-Não, pelo contrario, você precisava ver! Ela mostrou a ele todos os seus discos...

-Não acredito, ela fez isso!?

-Pode acredita, ela fez sim.

-E ele, demonstra estar gostando dela também?

-Sim, não fala nada pra ele, mais ela me confidenciou ter achado alguns bilhetes nas coisas dela...

-Ah!Nega, vou ter conversar com ele.

-Não Honório, não fala nada..., ele é só um adolescente, inocente..., talvez seja só uma paixonite, logo passa.

-Esta bem..., vamos ver até aonde essa historia vai.

Ambos se calaram...

-Você não falou, da fabrica desde que veio de lá, vai vender o galpão mesmo?

-Sim, já fechamos o negocio...,na segunda-feira ele vai transferir o dinheiro para minha conta. Eu pedi a ele quinze dias, para que eu possa adaptar as casinhas ai dos fundos para trazer as maquinas pra cá.

Honório ficou em silencio por algum tempo. Maria pensava na possibilidade de Toninho e Letícia se casarem um dia – até que não seria má idéia, não sei, eles são muito jovens, e a Letícia tem um gênio muito difícil-. – dizia ela em pensamento.

-Honório, você está dormindo?

-Não nega, estou acordado, por quê?

-Em que você esta pensando?

-Em nada de importante, só estava relembrando a minha vida..., lembrando de quando eu cheguei em São Paulo, do meu primeiro emprego, de tudo que passai para chegar aonde cheguei. Relembrando o dia em que casamos da nossa pobreza... Fomos pagar aluguel, você se lembra?

-Ou se lembro, era uma casinha de dois cômodos, sem luz e água encanada. Tínhamos que tirar água de um poço para tudo. Era uma água salgada e cheia de ferrugem.

-Mas uma coisa não pode negar apesar de tudo nos éramos felizes.

-Isso é verdade, caminhamos o pão que o diabo amassou com o rabo, mas, sobrevivemos.

-É querida, acho que teremos que nos abdicar da reforma da casa por enquanto. Vou ter que derrubar essas casinhas que temos ai nos fundos e levantar um prédio em no máximo seis meses. Só depois poderemos retomar a reforma da casa.

-O que eu posso dizer Honório..., não há como fazer um grande omelete sem quebrar alguns ovos, não é mesmo? Se não tem jeito, já esperei tanto, esperarei mais alguns meses.

-Mais eu prometo nega, assim que a fabrica voltar a funcionar normalmente, retomaremos a reforma...

-Esta bem – disse Maria bocejando – eu acho que agora o sono veio...

-Boa noite querida– disse Honório virando-se de lado.

-Boa noite querido... há! Será que amanhã você poderia me levar bem sedo em Ferraz, vai haver um encontro da paróquia.,..., da comunidade deficiente físicos, e nós estamos como problema de transporte, você poder nos levar com a perua, ficaríamos muito grato.

-Esta bem, mais me acorda bem sedo, porque umas 9:00, eu tenho um compromisso.

- Tudo bem o encontro esta marcado, pras seis e meia enfrente a paróquia, lá na são vitorio.

-Então esta bem, eu levarei vocês, mais não poderei buscá-los.

-Tudo bem, para o retorno o Padre Paulo dará um jeito.

Capítulo 5

Na segunda-feira, todos os funcionários trabalhavam absortos em suas funções, sem terem conhecimento dos últimos acontecimentos. As 9:00 horas o sinal tocou, anunciando que havia chegado a hora de parada para o café da manhã. Todos formaram fila para lavarem as mãos antes de irem ao refeitório.

Enquanto todos degustavam seus pãezinhos com manteiga e café com leite no refeitório. O patrão estacionava o automóvel enfrente a fabrica. Acompanhado por seu filho Valdir, subiram as escadas que dava acesso a sessão de montagem da fabrica, Fernando o encarregado os recebeu.

-Bom dia senhor Honório – disse Fernando ao vê-los adentrarem a sessão de montagem- o que os trazem aqui tão cedo? Ainda não temos nenhuma peça pronta.

-Eu sei Fernando, não viemos buscar peças agora não. Mas me faça um grande favor, assim que os rapazes terminarem de tomar o café, avise- os que queremos falar com todos eles.

-Está bem patrão.

Fernando os deixou no salão e foi dar a noticia aos funcionários. Ao se aproximar do refeitório, de longe se podia ouvia a algazarra que ocorria em seu interior, cada um parecia querer falar mais alto do que o outro, no intuito de ser ouvido. Ao adentrar, todos emudeceram instantaneamente.

-Rapazes o patrão acabou de chegar e quer ter uma palavrinha com todos nós, portanto, assim que terminarem de tomar café, vão todos para o setor de montagem.

Todos se entre olharam. Um mais afoito foi logo perguntando.

-Esta sabendo do que se trata chefe?

-Não eles não me adiantarão nada – disse Fernando enquanto se servia leite com café – mas, eu acho que é coisa seria, pois eles não estão com caras de bons amigos.

-Quem está ai, além do Sr. Honório? – perguntou outro curioso.

-Ninguém estranho, é só o Sr. Honório o seu filho Valdir.

-Então a coisa é grave, porque o Valdir só vem aqui para buscar as peças para serem levadas para dar acabamento.

-Eu não sei do que se trata, mas assim que terminarem vão todos para lá.

O pânico se instalou entre eles... Toninho como tinha uma vaga idéia do que podia ser não se apavorou, simplesmente terminou de tomar seu café e foi para a sessão de montagem.

-Bom dia Sr. Honório – disse ele ao adentrar a sessão.

Embora fosse Valdir quem fosse o patrão de Toninho no papel, ou seja, quem assinava em sua carteira. Toninho apenas se limitou a perguntar se estava tudo bem, não por falta de respeito, mas sim porque a diferença de idade entre eles era mínima... Valdir havia sido emancipado pelo pai para poder ter firmas em seu nome, mas na pratica a diferença de idade entre eles era de apenas três anos e meio. Toninho tinha dezesseis e Valdir ia fazer vinte. Quando o sinal tocou as 09h15m, todos os funcionários já estavam no salão de montagem. Honório olhou para todos os presentes, como se quisesse se certificar de que todos estavam ali. Na duvida perguntou.

-Fernando, todos já estão aqui?

-Sim senhor já está todos aqui.

-Muito bem rapazes! Vocês já devem estar curiosos para saber das novas...

Honório parou de falar por um momento, olhou para o piso da fabrica, passou o pé sobre um cavaco de madeira, empurrando-o para o lado.

-Como vocês bem sabem – continuou ele – nos últimos dias, tentaram arrombar a fabrica por duas vezes, na primeira vez só tentaram, mas não conseguiram... já na segunda vez, não só arrebentaram a porta de aço ai da frente, como colocarão fogo no entulho ai fora. Em virtude dos últimos acontecimentos, nós decidimos vender este galpão. No ultimo sábado apareceu um comprador e acabamos fechando o negocio.

Após estas ultimas palavras, ouviu-se um burburinho entre os funcionários...

-Essa é a parte boa, a parte ruim é que teremos que sair deste prédio daqui a quinze dias. Para isso vou precisar da cooperação de todos vocês. Preciso que façam horas extras todos os dias para que possamos fazer no mínimo 50% da media diária todos os dias, aos sábados trabalharemos das 8:00 as 17:00, durante estes quinze dias. Alguém tem alguma sugestão ou objeção?

Não ouve nenhuma contra argumentação.

-Muito bem, se ninguém tem nada a dizer...,quero informá-los de que especialmente, durante esses quinze dias, quem fizer horas extras todos os dias, ganhará 50% a mais nas horas extras de segunda a sexta, e se vier aos sábados,nas horas extras ganhará 75% a mais por hora.

Todos aquiescerão entre side que a proposta era excelente.

-Então pessoal vocês topam ou não topam trabalhar um pouco mais, durantes estes quinze dias.

Todos foram unânimes em aceitar a proposta...

*

Os quinze dias passaram rápidos. As casas que Honório tinha nos fundos de sua residência foram derrubadas com exceção da casa maior que fora deixada para irem trabalhando, enquanto o prédio fosse construído. Os funcionários que tinham férias vencidas foram convidados a saírem de férias..., os que estavam acabando a fase de experiência foram mandados para casa, alguns com a promessa de que assim que a prédio estivessem pronto, eles seriam chamados.

Com a mudança, o encarregado Fernando ao ser convidado a sair de férias, surpreendeu o patrão com o pedido de demissão, o qual Honório tentou recusar, mas após uma boa explicação da parte de Fernando, o patrão não viu outra forma de convencê-lo ficar, pois o empregado recebera uma proposta de emprego com salário 50% maior do que ele ganhava. Honório não quis cobrir a ofertar.

Visto que a fábrica estava funcionando com menos de 25% dos funcionários, dos trintas... Somente sete funcionários ficaram no setor de fabricação entre os setes, estava Toninho que com a saída de Fernando fora promovido a encarregado. Nos primeiros dias essa promoção causou ciúmes em seus colegas que já estavam trabalhando ali há mais tempo, porem, visto Toninho ter sido por Fernando como o mais responsável para a função, a promoção foi merecida.

Em fim chegou fevereiro e Letícia voltou às aulas. Ela estava no último ano do terceiro colegial técnico de administração. Apesar da fabrica estar funcionado agora no fundo da residência dos patrões, para Toninho nada mudou, pois ele só via Letícia aos fins de semana.

Os dias foram passando como um fleche. Toninho mergulhou de cabeça no trabalho. Durante o dia ele era o encarregado, quando todos iam embora as 17h00, ele ficava adiantando o serviço do dia seguinte operava a Esquadrejadeira, serrando as madeiras até as 20h00. Era só ate este horário que a lei permitirá fazer barulho, visto que a fabrica estava funcionando em área residencial. Após as oito ele ficava marcando as chapas pare serem cortadas no dia seguinte, pela manhã e ajudava também o Osvaldo a envernizar as madeiras que eram utilizadas nos pés das tabuas de passar roupas.

No final dos seis meses programados a construção já estava levantada, o prédio de dois andares, não recebera acabamento por fora, mas por dentro estava impecável. Novos funcionários foram contratados.

O país estava passando por uma grande crise financeira devido ao plano Collor que fora lançado no mês de março, plano este que consistiu em confiscar o dinheiro das contas bancárias de toda a população brasileira, levando muitos a morrerem de ataques do coração... Muito embora a mídia não tenha relatado nenhum caso..., mas nos bastidores, da população brasileira, muitas tragédias aconteceram.

Embora houvesse muito emprego, a busca por dinheiro era muito grande e a culpa era da inflação altíssima..., com isso a bandidagem aumentou e muito. Os detentores de grandes quantias não podiam deixar o dinheiro parado, era um corre-corre constante. Se o dinheiro ficasse parado um dia, no dia seguinte ele já não servia para mais nada, não se comprava com ele 20% do que se compraria no dia anterior devido à oscilação da inflação. A vida era um inferno.

Honório sentia esse tormento na pele. Só nos últimos seis meses lhe fora roubado três carros. Devido à crise financeira que o país estava vivendo, os atacadistas recuaram um pouco as suas compras, mas isso não afetou em nada os negócios de Honório. As vendas no varejo e para os comerciantes informais aumentarão vertiginosamente, as pessoas iam à fábrica para retirar as mercadorias, nem esperavam ser entregues em seu endereço. Toda essa movimentação, na Rua Leonardo Cris tino, começou a chamar a atenção dos bandidos, provocando assaltos constantes.

Certa quarta-feira o setor de montagem da fábrica só funcionou até o meio dia. Devido os constantes assaltos que a empresa vinha sofrendo, quase sempre em dias de pagamento. Naquele dia para evitar essa surpresa desagradável, Honório pagou todos os funcionários com cheques e lhes deu à tarde de folga para que pudessem descontar os cheques no banco. Mas os bandidos não sabiam disso.

Por volta das 16h00m horas da tarde, só estava na firma os pedreiros que estavam dando acabamento no segundo andar do prédio, o motorista da firma, o encarregado da sessão de acabamentos e umas duas senhoras que estavam envernizando algumas madeiras. O portão da frente da fábrica estava aberto, para ventilar o ar devido o forte calor. Osvaldo conversava com o motorista quando Valdir estacionou o Gol enfrente a fábrica. Após ter se certificado de que tinha Estacionado o carro corretamente, Valdir travou as portas e entrou.

-Oi tio, tudo bem – disse ele ao passar por Osvaldo e foi direto para o escritório.

Mau ele se acomodou na cadeira por detrás da mesa. Um rapaz louro de olhos verde o surpreendeu, o tal passou tão rápido por Osvaldo e o motorista que eles não tiveram tempo de perguntar o que ele queria, por ele ter entrado sem nada dizer, Osvaldo pensou que fosse amigo de Valdir ou que tinha vindo com ele. Enquanto Valdir colocava as chaves do carro sobre a mesa, o rapaz anunciou:

-Isto é um assalto, passa todo o dinheiro e não façam nenhum movimento brusco senão eu estouro os seus miolos.

Valdir se apavorou, e se levantou. Um disparo ecoou no pequeno recinto. Valdir passou correndo pelo bandido e subiu correndo as escadas que davam acesso a cozinha, ao fazer a curva para correr para sala de estar, no desespero ele não segurou no corre mão, e acabou escorregando, quando ia se levantar, ele já sentiu algo de metal meio morno tocar em sua nuca e uma voz ofegante dizer.

-Parado, perdeu..., perdeu...

Ele tentou argumentar.

-Por... Favor não me mate, eu sei onde está o dinheiro...

-Não tente me enganar filhinho de papai – disse o malandro - eu sei da fita toda, a parada está lá embaixo...

-Não, não...eu sei onde tem mais dinheiro.

-Calado! Vamos descer e não tente nenhuma gracinha, senão já era!

Maria estava em cima da laje estendendo roupas e viu tudo, mas se manteve calma. Quando Valdir desceu para o escritório na mira do revólver do assaltante. Ela desceu da laje e foi correndo para onde estavam os pedreiros para pedir socorro...

Toninho estava adiantando o serviço do dia seguinte e o Honório observava o serviço dos pedreiros, quando Maria chegou dizendo que a firma estava sendo assaltada. Honório pediu que todos parassem o que estavam fazendo e gritassem pedindo socorro. Foi aquele corre, corre geral. Os pedreiros colocaram uma escada do lado do quintal do vizinho e todos pularam para lá. Honório pegou um bloco de cimento e levou consigo.

Quando ele chegou ao portão do vizinho, colocou a cabeça sobre o muro, e pode ver um sujeito de guarda no portão com um revólver na cintura. Não deu outra, ele abriu o bocado a gritar.

-Socorro! Socorro! Pega ladrão, estamos sendo assaltado socorro...

O que estava de vigia se apavorou e gritou para o outro.

-Sujou! Sujou! Vamos embora corre, vamos.

Sairão correndo e entraram no Gol de Valdir que estava enfrente ao portão. Eles manobram o automóvel rapidamente, na pressa eles não virão que Honório já estava na rua com um enorme bloco de cimento na mão, quando eles arrancaram com o carro, Honório arremessou o bloco sobre o vidro traseiro do automóvel...

-Alguém liga para a policia... Rápido, rápido- gritou Honório desesperado.

Enquanto ele ainda gritava no meio da rua, os bandidos foram até a esquina e voltaram seguidos por outro carro, com os seus comparsas, que provavelmente os aguardavam na esquina para dar a fuga. Ao verem que as coisas não haviam saído como esperavam eles voltaram com as armas em punho... ao ver os revólveres nas mãos dos bandidos, Toninho que estava ao lado de Honório saiu correndo para o quintal do vizinho, os pedreiros que estavam escondidos atrás do muro não entenderam nada e o seguiram correndo desesperados.

O que separava os terrenos do vizinho com o do outro que dava frente para uma praça, era uma cerca de madeira... Toninho e os pedreiros a derrubaram no peito iguais a touros bravos. Passaram tão rápido pelo quintal do vizinho que nem um cão, pastor alemão os conseguiu deter. Toninho enroscou a camisa no portão, ficando só com a parte da frente..., meia hora depois ele ainda estava ofegante. Os pedreiros aproveitarão o susto para ir ao bar tomarem uma *branquinha*.

Quando Toninho se sentiu seguro para voltar para a fábrica, já estava anoitecendo. Ao virar a esquina, ele viu duas viaturas de policia paradas enfrente a o portão. Honório discutia com os policiais porque eles tinham demorado meia hora para atender o chamado.

-Se eu não fosse cristão e tivesse uma arma teriam matados os dois – disse ele ao policial que estava no comando – eram uns moleques brincando de assaltantes.

-De se por feliz – disse o policial – eles só levarão o carro e cheques sem fundo, se o senhor os tivesse matado, agora eu não estaria tomando o seu depoimento, o estaria levando preso sob acusação de assassinato.

*

Após terem colhido todas as informações necessárias, os policiais sairão cantando pneus. Valdir estava com o emocional abalado, mas o que ele queria no momento era ver aqueles bandidos presos e as chaves jogadas lá no mar morto, para que eles nunca mais vissem a luz do sol, a não ser no formato quadrado.

Os pedreiros vieram do bar, trocaram de roupa e foram fazer a jornada de volta para casa... Depois do susto não tinha mais condições de ninguém trabalhar até mais tarde naquele dia. Toninho foi para o quarto, tomar banho e trocar de roupas. Valdir foi para casa. Quando Toninho voltou à cozinha, sobre a mesa havia uma grande jarra com suco de caju bem gelado e dois tipos de bolachas sobre a mesa.

-Filho toma um pouco de suco – disse Maria para Toninho, com a mão esticada em direção a mesa.

-Depois desse susto, só tomando um suco bem gelado para acalmar os nevos.

-Pois então aproveita que ele esta gelado, eu acabei de fazer.

-E o pessoal?

-O Honório esta tomando banho, o tio saiu antes da policia chegar...,me parece que uma das senhoras que estava lá em baixo na hora do assalto ficou muito apavorada, ai ele foi acompanhá-la até a casa dela. Acho que é tal de Clotilde.

Toninho deu uma risadinha de menino maroto.

-O que foi você esta sabendo de alguma coisa que eu não sei filho?

-Não! Não estou sabendo de nada não dona Maria.

-Não sei não, esse seu sorriso não me engana não. Os dois estão de namorico, estão?

-Sinceramente eu não sei...

Toninho ficou sem graça por ter dado a entender, algo que ele não sabia se o Sr. Osvaldo queria tornar do conhecimento de todos. Percebendo que deixará Toninho sem graça, Maria disse.

-Não se preocupe filho, eu não vou dizer nada a ninguém, até porque o tio é maior de idade, ele deve saber muito bem em que cumbuca ele esta enfiando a mão.

Quando Honório adentrou a sala, o telefone tocou, ele foi atender.

-Alo! – disse ele ao levar o aparelho ao ouvido.

-Alo aqui é o tenente Altair, nós encontramos o carro do seu filho Sr. Honório, enfrente a uma pizzaria aqui na Rua Itinguçu, na Vila Ré. De acordo com a descrição que o senhor nos passou, parece que eles estão dentro da pizzaria. Precisamos que o senhor, sua esposa e seu filho venham reconhecer os rapazes. Para darmos voz de prisão.

-Tudo bem estamos indo qual é nome da pizzaria mesmo?

-O nome é Pizzaria Boa Esperança.

-Obrigado tenente.

Enquanto devolveia o telefone a base, Honório já foi apanhando as chaves de seu carro que estava sobre a mesa de centro.

-Nega, depressa! Temos que ir a Vila Ré... Encontrarão o carro do Valdir.

-Mais já, assim tão rápido?

-É o tenente que atendeu a ocorrência disse que o carro esta enfrente a uma pizzaria lá na Vila Ré, mas eles precisam que reconheçamos os rapazes para que eles os levem presos.

-Esta bem, me deixe só passar o pente nos cabelos...

-Não temos tempo pra isso Nega, se demormos muito eles podem fugir.

-Esta bem! Então vamos.

Honório virou-se para Toninho e disse.

-Toninho, o Sr, Osvaldo ainda não voltou. Você toma conta de tudo ai, a Letícia já deve esta chegando na estação, ela vai ligar para eu ir buscá-la...,você diz a ela para tomar um taxi, se ela disser que não tem dinheiro - Ele disse isso tirando do bolso um bolo de dinheiro, foliou e puxou um nota de 10 cruzeiros novos – diga que eu deixei dez cruzeiros para ela pagar o taxi quando chegar aqui. Não diga nada a ela sobre o ocorrido, quando chegarmos, nós mesmos diremos a ela.

-Tudo bem Sr. Honório, eu farei do jeito que o senhor esta falando.

-Ah! E não abra o portão para ninguém que não conheça.

-Pode deixar.

*

Dez minutos após Honório e a esposa terem saído, o telefone tocou. Toninho atendeu e passou para Letícia as instruções que Honório lhe havia dito. Quando ela chegou, quis saber por que seu pai não pode ir buscá-la na estação. Toninho disse tudo, menos o que ela queria saber. Toninho quis ir para o quarto, mas Letícia o deteve.

-Por favor - disse ela – fique aqui até o papai e a mãe chegar.

Toninho não pensou duas vezes.

-Esta bem.

-Ótimo – disse ela esboçando um leve sorriso – eu vou me trocar e já volto se quiser pode ligar a TV.

Toninho ligou o televisor e se acomodou no sofá de quatro lugares. Alguns minutos se passaram e a porta do quarto foi aberta. Letícia havia substituído a calça jeans, por um macacão-short de malha cor bege e marrom claro. Aquilo era uma visão do paraíso.

-Você quer comer ou beber alguma coisa?

-Não obrigado, antes de seus pais saírem sua mãe ofereceu suco com bolachas.

-Então toma mais um pouco de suco.

-Não, muito obrigado.

Ela foi até a cozinha e voltou para a sala com um copo com suco e algumas bolachas em um prato de sobremesa. Sentada na outra extremidade do sofá, ela fazia seu lanche graciosamente. Toninho de vez enquanto dava uma breve olhada para ela. Após terminar de comer, ela pôs o prato e o copo sobre a mesa de centro. O silêncio era geral entre os dois... a única voz que ouvia era a dos personagens da novela das sete que estava passando na TV. Por fim ela quebrou o silêncio entre os dois.

-Você tem algum sonho Toninho? -perguntou ela.

-Sonho...

Toninho teve vontade de dizer que sim..., o sonho de tocar nas mãos dela, lhe acariciar o rosto, beijá-la com todo o carinho do mundo. Mas uma voz bem lá no fundo consciente estalou os dedos para ele. – Toninho, tenha cuidado com o que você vai dizer, ela é filha do seu patrão... Vê lá muito bem o que você vai dizer- por fim seu pensamento o deixou decidir o que iria dizer.

-Não sei o que é um sonho pra você?

-Sonho é alguma coisa que você gostaria de ter ou de fazer, um desejo...

-Ah! Entendi... As vezes eu gostaria de ser diferente.

-Diferente!

-É... Não ter medo da vida, fazer tudo que eu gostaria, dizer as coisas sem muito pensar.

-Por exemplo?

-Sei lá, como eu posso te explicar... Às vezes:

Eu queria agitar, viver a vida
Estar feliz comigo mesmo
Enfrentar os sentimentos,
Correr os riscos, ser feliz

Queria acordar de manhã
Viver o melhor da vida...
Viver as horas e os minutos
Como se fosse os últimos

Ter mais amor ao próximo...
Disseminar a alegria,
Dar adeus a tristeza

Revelar ao mundo o melhor de mim
Registra na historia minha alegria,
Deixar todos saber que a felicidade existe...

-O que foi isso, são os seus sonhos ou uma poesia!

-Poesia o que é isso?

-Poesias são pequenos versos que juntos são denominados como sendo poesia.

Os dois ficaram conversando. Por fim Toninho fechou os olhos e adormeceu ali no sofá, Letícia adormeceu na outra extremidade. Meio sonolenta ela se ajeitou no sofá, sem perceber ela ficou com a cabeça próxima da perna de Toninho.

*

Enfrente a Pizzaria Boa Esperança, Honório acompanhado de sua esposa Maria e o filho Valdir, aguardavam os policiais fazerem seu serviço... Prender os malandros que estavam dentro da pizzaria, se divertindo como se nada tivesse acontecido. Valdir já estava impaciente, fazia meia hora que estavam ali e os policiais não faziam nada, a não ser esperar e esperar. O tenente que estava no comando, estudara a situação e vira que o melhor seria esperar, por que havia muita gente na pizzaria, além do que, Valdir, Honório e Maria, só reconheceram dois dos malandros, mas haviam cinco à mesa. Preocupado com a segurança dos inúmeros civis que ali estavam..., o tenente Altair, decidiu esperar.

Visto que o tempo estava passando, o tenente decidiu pressionar os rapazes a saírem da pizzaria. Pediu reforços pelo radio, designou três viaturas para ficarem de emboscada próximo ao farol que dava acesso a favela da Vila Nhocuné em cada viatura tinha de três a quatro policiais, duas viaturas, com quatro soldados cada, ficaram com o tenente.

Após os policiais que iram ficar de emboscada, terem tomado suas posições no local marcado, avisaram ao tenente que já estavam apostos. O tenente Altair, designou dois dos melhores homens que estava sobe seu comando e os mandou que entrassem na pizzaria, mas com cautela... Como se simplesmente fossem comprar alguma coisa, para que os bandidos se sentissem ameaçados com a

presença deles e saíssem. Os policiais adentraram a pizzaria e pediram duas garrafas de água mineral. Os bandidos ao avistarem os policiais no balcão da Pizzaria, ficaram apavorados.

Alex disse:

-Estamos ferrados...

-Se acalma –disse Tamanduá, seu comparsa- talvez ele só estejam de passagem.

-É, vejam eles estão tomando água - disse um terceiro dos que estavam com Alex.

-Esta bem...,vamos pedir a conta e depois sairemos calmamente, ok!

Alex acenou para o garçom e solicitou a conta. Não demorou muito, para que o garçom viesse com a conta. Dois dos rapazes fingirão ir ao banheiro e saíram pelos fundos da pizzaria. Alex, tamanduá e outro comparsa foram para o carro e saíram calmamente. Ao vê-los saindo o tenente Altair avisou os policiais da emboscada que os ratos estavam indo para a armadilha... , os dois soldados vieram correndo do estabelecimento, entram na viatura com outros policiais que já estava parando enfrente a pizzaria e saíram no encalço dos malandros. Alex estava dirigindo a noventa por hora, quando viu as viaturas no farol, ele tentou reduzir mais já estava muito encima.

-Merda... ferrou...

-Não para, acelera – gritou Tamanduá.

Visto que eles não desaceleravam, os policiais abriram fogo, acertando dois pneus, um da frente um traseiro. O Gol rodopiou e bateu em um banco no ponto de taxi que havia na praça ao lado do farol. Ao constatarem que a situação estava sobre controle, eles avisarão o tenente que poderia vir com as vitimas do assalto. Mas ressaltou que o carro não estava em boas condições.

Alex só teve um leve ferimento na testa, por bater a cabeça contra o volante. Tamanduá torceu o pé e o terceiro ocupante fora alvejado na boca, ficando uma bala calibre 38, alojada no céu de sua boca. Ao chegar ao local, o tenente quis saber se fora realmente necessário os disparos... O soldado que dera o primeiro tiro lhe explicou que os malandros não demonstram intenção de parar, por isso tiveram que atirar.

Após terem identificado os bandidos mais uma vez, Honório juntamente com Valdir e Maria foram liberados, sob aviso que no dia seguinte teriam que comparecer a delegacia para prestarem depoimento... Tendo em vista o carro ter sido roubando, se tornara parte das provas da ação, devido ao fato de um dos ocupantes terem sido feridos a bala em seu interior, por isso teria que ser periciado...,isto foi o que disse o tenente Altair. Dado os últimos eventos, Valdir voltara para casa sem o carro, o qual, depois de ser liberado pela policia, teria que passar por uma boa reforma.

Quando Honório e Maria chegarão a casa, viram aquela cena, Toninho roncando de boca aberta no sofá e Letícia dormindo ao seu lado. Honório foi logo tirando conclusões precipitadas. Maria acordou Toninho calmamente e disse para ele ir para o quarto... o pobre rapaz, estava tão cansando que foi embora e nem percebeu que seu patrão estava furioso...

Quando Maria fechou a porta da cozinha após a saída de Toninho, ele ouviu nitidamente um tapa e em seguida um som de choro, mais não deu bola...,foi para o quarto e apagou. Nem se quer percebeu que Osvaldo ainda não havia chegado.

No dia seguinte Toninho acordou como se nada de anormal tivesse acontecido. Foi ao banheiro lavou o rosto, isso por volta das sei e dez da manhã Quando arrumava sua cama, Osvaldo tossiu espreguiçou e disse.

-Bom dia Toninho, tudo bem com você?

-Sim senhor Osvaldo, esta tudo bem comigo, por quê?

-Por nada, é que...

-É que...?

-Quando eu cheguei ontem o Honório estava bravo, dizendo que você abusou da confiança dele.

-Como assim Sr. Osvaldo? Eu não me lembro de ter feito nada de errado.

-Eu não sei o que aconteceu entre você e a Letícia, mais me parece que a coisa foi grave, a Maria me disse que ele deu uns tapas nela.

-Eu não sei por que Sr. Osvaldo, mais garanto pro senhor que nós só conversamos.

-Eu acredito em você, Maria me disse que ela acredita no que a Letícia falou.

-E o que foi que ela falou?!

-Ela jurou de pé juntos que vocês não fizeram nada.

-Ufa, que alívio. Será que o senhor Honório vai me mandar embora?

-Não eu não acredito que ele vá fazer isso não.

-Assim eu espero.

Toninho colocou a roupa de guerra e desceu para bater o cartão no horário de entrada. Quando ele puxou o cartão de ponto para introduzir no orifício do relógio de ponto, ele ouviu a voz de Honório que disse.

-Bom dia Toninho.

-Bom dia Sr. Honório – respondeu Toninho Sem se virar.

Bateu o ponto e em seguida devolveu o cartão ao quando, e virou lentamente para voltar para a cessão de trabalho, mas não adiantou. Honório disse friamente, sem dó nem piedade.

-Toninho você é um rapaz muito trabalhador, nunca tive um funcionário igual a você, porem, não quero que você tenha nada haver com minha filha, ela não é pra você... Mesmo que ela queira, eu a profbo. E se você insistir eu o mando embora.

Aquele golpe Toninho não esperava, não estava preparado para recebê-lo. Dado as circunstâncias ele nada disse, até porque reagir era inútil..., naquele jogo Toninho não teria chance nem para mostrar as suas cartas, por isso engoliu seco e foi trabalhar.

*

Toninho trabalhou naquele dia, meio desconsolado, confuso, aturdido. Até os colegas de trabalho, notaram o seu desalento... A produção caiu 10%. Ele não “acelerou” a ninguém para irem mais rápido nos seus afazeres. Não quis tomar café naquela manhã. Na hora do almoço, todos foi para suas casas, ele fora para uma praça que havia próximo da fábrica e ficou pensando na vida sob a sombra das arvores.

No primeiro momento ele teve raiva de si mesmo, no intimo ele se perguntava-por que eu sou tão respeitador? Tive varias oportunidade para ter dito a Letícia que a amo, por que eu não disse? Por que não a chamei para sair? Como você foi burro Toninho, como você é devagar. após meditar em todos os fatos, ele voltou para fabrica. Honório estava ao telefone quando ele adentrou. Ao vê-lo, Honório sinalizou para que Toninho esperasse.

O tempo passava e a conversa de Honório ao telefone parecia interminável. Toninho decidira que não ia esperar mais, se seu patrão quisesse realmente falar com ele, que fosse a seção de montagem. Subiu pela rampa com passos letárgicos, sem a menor preocupação. Valdir que chegara do almoço passou por ele a passos largos e disse:

-Opa!...

Toninho estava tão aturdido em seus pensamentos que nada disse. Valdir foi direto para a seção de acabamento.

-Tio - disse ele para Osvaldo – eu preciso de duzentas peças para ser entregue as 16h00 , lá no Jaçanã.

-Sem chance! –disse Osvaldo em resposta - a produção esta atrasada hoje, o que estão aqui, esta terminando, não subiu nenhuma peça da seção de montagem antes do almoço, se tivesse, eu teria banhado os pés no olho antes de ter ido almoçar.

-Por que esta havendo este atraso?

-Não sei, talvez seja pelo o que aconteceu ontem...

-Estranho... Não tem nada haver uma coisa com a outra, eu vou falar com o papai.

Valdir desceu, passou olhando a movimentação na seção de montagem. Parou mais a frente, correu os olhos e foi para o escritório. Toninho percebeu que a produção estava muito atrasada, apesar de estar sentindo um trapo em sentido emocional, ele se viu preocupando... Olhou para um lado, olhou para outro na procura de uma solução imediata, então percebeu que estava com dois funcionários a menos, então seu coração se aquietou. Se questionado, pelo atraso na produção, já tinha uma resposta convincente.

Não passou cinco minutos e os dois, Valdir e Honório apareceram na seção. Ficaram de longe observando por alguns segundos. Depois Honório pediu que Toninho o acompanhasse ao escritório e Valdir ficou na sessão, olhando os funcionários.

-Sente-se Toninho – disse Honório, ao chegarem ao escritório – a Maria me disse que você não foi almoçar não esta se sentindo bem?

-Estou bem, sim senhor...

Disse isso quase que por entre os dentes.

-Rapaz, não fique ofendido comigo, pelo o que eu te disse pela manhã.

-Eu não estou ofendido não senhor.

-Que bom! Talvez eu tenha dito de forma rude, porém, eu não lhe faltei com a verdade... Você realmente não serve para minha filha. Você é muito trabalhador, não posso negar, entretanto, você não tem nada a oferecer para minha filha... Ela está acostumada com o melhor que eu a posso dar, e você não tem condição de dar a ela uma vida digna.

-Sr. Honório, tudo que o senhor esta dizendo é verdade, mas, podemos falar de outra coisa?

-Não filho eu lhe devo uma explicação...

-Não, o senhor não me deve nenhuma explicação... O senhor só esta visando o melhor para sua filha e isso é justo, posso até não concordar com o senhor, quando diz que não sirvo para sua filha, mas, este é o seu ponto de vista e eu o respeito.

-Está bem rapaz. Continuamos amigos? – disse isso estendendo a mão para Toninho.

Ele meio que relutou em lhe apertar a mão, mas acabou o fazendo.

-Obrigado por me compreender... E não desista, você vai encontrar outra moça de quem ira gostar, o que sentes por minha filha é só uma paixonite, isso passa com o tempo, você vai ver.

Toninho preferiu não contra argumentar. Honório mexeu umas papeladas que estava sobre a mesa.

-Filho, eu sei que hoje faltou dois funcionários, mas eu preciso da sua ajuda. Temos este pedido de 200 peças para entregar lá no Jaçanã às 16:00 horas, e nós só temos 145 peças quase prontas no acabamento... O que eu preciso é que você dê prioridades para essas 55 peças que estão faltando, e que assim que elas estiverem prontas para irem para a sessão de acabamento, você me disponha de três rapazes, para ajudar terminá-las antes das 15h00.

-Tudo bem, eu acho que da para fazer isso sim...

-Ótimo! Peça a quem puder para ficar até as 18h00, para adiantar o trabalho de amanhã, e depois você também pode descansar, não precisa ficar até as 22:00 horas hoje.

-Esta bem, eu vou dizer a eles.

Após o expediente, Toninho tomou banho, vestiu uma bermuda, uma camiseta e foi para a quitanda de Dona Lucrecia, mas não pediu guaraná ou os doces costumeiros, mais sim uma cerveja. As porradas que ele levará naquele dia, ainda estavam doendo na alma, e para esquecer a dor, não tinha outro jeito senão, mandando uma gelada no peito. Lucrecia o servil, sem questionar os motivos da repentina mudança de habito.

Capítulo 6

Os dias que se seguiram, desde que Toninho recebera o cartão vermelho do pai de Letícia, não fora os melhores para ele. O pobre, fraco de espírito passou a beber..., no começo era só uma cerveja após o expediente, porém, os dias iam passando e o desgosto aumentando e o número das cervejas também. Mas, ele nunca deixara outros perceber que ele estava mal, sempre deitava cedo, para que no dia seguinte estivesse apto para cumprir seus deveres.

Ele e Letícia, já não se viam com tanta frequência. Ela se aprofundara nos estudos, curso de inglês pela manhã, ensino médio junto com técnico administrativo na parte da tarde..., quando por ventura se viam nos fins de semana, na hora das refeições, não trocavam uma única palavra se quer. Para Toninho, tal situação era insuportável, mas, ele nada podia fazer. Para ele as noites eram sempre de eclipse, ao dia o sol não mais brilhava.

O que mais deixava Toninho magoado, era que Letícia começou a andar com pessoas inferiores a ele... Logicamente sem o conhecimento de seu pai, mas visto ter concordado com Honório em ficar longe de Letícia, ele sofria, mas manterá a palavra. Tudo parecia sem esperança para o apaixonado. Até que certo dia algo inusitado lhe aconteceu.

Era uma tarde de verão de uma sexta-feira de 1991, Toninho recebeu um convite inusitado... Uma bela garota da sessão de acabamento, o convidou para ir com ela a rua São Bento, pois ela queria comprar algumas roupas. Ele ficou surpreso, pois, não a conhecia tanto, para ir as compras com ela.

Percebendo o seu embaraço, ela disse-lhe:

-Nós não iremos sozinhos o Alex e a Valdirene também irão.

Toninho conhecia o Alex, quanto a Valdirene, nem sabia que ela trabalhava na firma.

-Posso pensar? – perguntou ele.

-Pode.

Ela disse isso meio constrangida.

-Só me de a resposta antes do fim do expediente – continuou ela - para que possamos marcar o local de encontro.

-Tudo bem...

-Tchau.

Na sessão todos ficarão a olhar para Toninho, queriam entender o que estava acontecendo, até que um dos seus colegas de sessão, de nome Rubem se aproximou como quem não queria nada e perguntou;

-E aí “maluco”, o que a gostosa queria com você?

-Quem?

-A menina do acabamento...

-Nada não...

-Me engana... Que eu acredito.

As horas pareciam que estavam voando. O tempo passava e Toninho não sabia o que iria dizer.

As 15h30m, ela desceu fingiu que fora tomar água... Ao voltar, ela se aproximou, tocou no braço de Toninho e perguntou;

-Você vai com a gente, ou não?

-Vou sim....., aonde eu encontro vocês?

Ela esboçou um largo sorriso, e tirou do bolso da calça um pedaço de papel bem dobrado.

-Ai esta o endereço e o horário, não vai se atrasar hein!

-Esta bem.

Toninho não sabia por que havia dito sim, talvez por curiosidade. No entanto, algumas perguntas pairavam, sobre sua cabeça... -Porque ela convidou justamente eu? O que será que ela quer comigo?...- inocente o garoto!

Ao chegar o fim do expediente. Ele saiu apressado, louco para chegar em seu quarto tomar banho e ir para o local marcado. Tudo correu bem, chegou antes do pessoal, minutos depois eles chegaram. Ela estava linda, usava um vestido de malha preto, estilo tubinho, daqueles que contorna o corpo. Ao se aproximarem, ela anunciou;

-Nós iremos de metrô, tem algum problema para você?

-Não, para mim tudo bem!

Alex e Valdirene foram à frente, Toninho e a bela ficaram para trás. Ele meio sem jeito no começo, depois se “desencanou”. Não demorou muito e já estavam os quatro na praça da Sé Alex e Valdirene estavam decididos a deixá-los a sós. Decidiram que o melhor seria se separarem, depois se encontraria enfrente a Pizzaria Hot, que ficava na Rua São Bento.

Foi o que fizeram, eles foram para um lado, Toninho e a bela foram para outro. Antes de seguirem, ele percebeu que Valdirene dera uma piscadela para Veruska. [Perdoe-me caro leitor, até então, eu não sabia que nome dar ao personagem a bela da sessão de acabamento, vista que este conto é baseado em fatos reais, eu procuro omitir os nomes verdadeiros].

Eles entravam e saíam de uma loja e outra sucessivamente, porem, ela nada comprava, ele meio abobado, até então não tinha ganhado a “fita” ou estava fingindo não entender o que ela queria. Ao ver uma loja da qual ele era cliente há algum tempo, decidiu entrar, visto que os vendedores já o conheciam, logo veio alguém dar atenção.

A vendedora Yasmin, uma mestiça japonesa belíssima, a qual o atendia sempre que ele ia a loja. Visto já se conhecerem a tempos, ela lhe recebeu com um beijo no rosto. Veruska não disse nada, nem precisava, o vermelho em seu rosto já mostrava que ela não havia se agradao do que vira.

Yasmin, tomou-o pelo braço e o arrastou loja adentro, mostrou-lhe todas as novidades que havia na loja em termos de roupa masculina. Ao perceber que Veruska os seguia, ela virou e perguntou;

-Posso lhe ajudar querida?!

Para evitar maiores transtornos, Toninho decidiu intervir;

-Perdoe-me Yasmin, eu me esqueci de te apresentar, essa é a Veruska, uma... Uma amiga...

-Assim... - disse Yasmin, mirando-a de cima a baixo.

Os olhares que elas se trocaram, parecia o de dois boxeadores se cumprimentando para o primeiro round de uma revanche. Toninho percebeu que as coisas poderiam pegar fogo a qualquer momento. Não havia outro jeito, teria que fazer o papel do negociador.

-Yasmin – disse ele – minha amiga esta procurando alguma coisa especial, como eu sei que vocês sempre têm excelentes mercadorias, por isso eu a trouxe aqui, será que você pode ajudá-la?

-Mais é claro! O que você esta precisando querida?

-Algumas coisinhas básicas, camisetas, calças jeans e etc.

-A sim, vem comigo a sessão de roupas femininas.

Toninho deixou as duas e foi para próximo aos caixas, para que Yasmin pudessem mostrar tudo que Veruska precisava. A vendedora colocou sobre o balcão todos os modelos de jeans que tinha na loja, blusas, cintos, tênis, sapatos, sandálias e botas. Veruska parecia não estar muito interessada, as vez enquanto ela olhava para Toninho, era como se quisesse dizer alguma coisa. Depois, que Yasmin já havia mostrado quase toda a loja, Toninho se aproximou. Veruska pareceu aliviada ao vê-lo se aproximando.

-E ai, quantas calças e blusas você vai levar? - perguntou Toninho, todo sorridente.

-Esta...meio difícil.,escolher, tudo é muito bonito, mais eu acho que vou levar só uma calça. O que você acha dessa azul desbotada na frente e atrás? – disse ela erguendo a calça junto ao corpo para que Toninho pudesse ter uma idéia.

-Olhando assim parece bonita, porque você não a veste para que eu possa ver como vai ficar em seu corpo.

Ela fez uma cara de desconfiada, olhou mais alguns detalhes, olhou para Toninho com um olhar de menina sapeca e foi para o vestiário. Aquele olhar mexeu com ele de alguma forma... o fez imaginar como ela ficaria naquela calça. Não demorou muito, apenas uns três a quatro minutos, e Yasmin que a havia acompanhado ate o provador o chamou.

-Toni, vem ver como a calça ficou bem nela.

Quando Toninho chegou ao vestiário, Veruska estava de frente para o espelho.

Ele a olhou do calcanhar a cabeça, na região dos glutes, ele observou mais detalhadamente... Esqueceu que ela estava a olhá-lo pelo espelho. Esboçando um sorriso malicioso, ela virou para que ele a pudesse vê-la por inteiro.

-Ficou... é...

-Ficou... é... o que? – disse ela, ainda sorridente, olhando bem nos olhos dele.

-É... ela ficou linda em você.

-Esta bem, se você gostou, eu vou levá-la.

Na hora Toninho não sabia se abria um buraco e se enterrava vivo, ou se procurava o banheiro para lavar o rosto, para amenizar o calor que estava sentido, seu rosto parecia que estava em brasas. Em sua cabeça não passava mais nada a não ser a reprise daquele jeans colado no corpo de Veruska. Tanto ela como Yasmin perceberam que ele estava vermelho feito um pimentão. Enquanto ela tirava a calça ele voltou para o caixa, logo após, ela veio com o valor a ser pago anotado em um pedaço de papel, quando ela foi abrir a bolsa para pegar o valor, Toninho interferiu se dispondo a pagar pela calça.

-Não, por favor, deixa que eu pago!

-Não, eu não posso aceitar, fui eu quem o convidou para vir comigo.

-Esta tudo bem, aceite como um presente meu.

-Esta bem!

Dali eles foram direto para o ponto de encontro, Pizza Hot. Todos pedirão Choop, Toninho, como não gostava de ser encarado como alguém dado a bebidas alcoólicas, pediu um suco de abacaxi. Todos o olharam com desaprovação, porem, ele não se abalou...

-O que tem Alex, - Disse Veruska – o menino quer suco

Toninho se sentiu meio constrangido com o comentário dela, e achou melhor dar uma desculpa qualquer.

-Não é que eu não bebo ou não goste de chop é... que...

-É que... – disse Valdirene num tom interrogativo, meio que sarcástico.

-Na verdade, eu evito tomar bebida alcoólica, quando estou acompanhar ou acompanhado alguém...

-Há Toninho, vai toma só um chopinho, não vai fazer mal nenhum...

-Não é melhor não... Sempre que eu bebo fico meio estranho.

-Opa, estranho como assim!

-Fico solto demais.

-Se este é o seu medo, é exatamente o que você precisa soltar um pouco, relaxar.

-Não, hoje não.

-Esta bem, eu não vou insistir.

Após o chop, foram todos para a estação Sé, embarcaram no trem do metro de volta para casa. Veruska sempre tentava puxar assunto com Toninho. Ele por ser muito tímido, sempre respondia as indagações dela com sim, talvez, não e pode ser..., sempre que podia ele evitava olhá-la nos olhos.

Quando chegaram à estação Patriarca, Alex fora levar Valdirene para casa. Toninho muito respeitador pensou que o melhor a fazer, seria se despedir de Veruska ali mesmo e ir para casa, visto não a conhecer muito bem. Sem nada dizer ele esticou a mão para ela, ela o olhou de alto abaixo e perguntou.

-O que foi? Você tem outro compromisso, não vai nem ao menos, me deixar em casa?

-Perdoe-me, mais eu nem sei onde você mora.

-Meu deus – disse ela, olhando pro céu – você é virgem?

-O que! Claro que não! Não entendo qual o propósito dessa pergunta...

-Tudo bem, esquece... é que você é muito certinho, tudo é por favor, não posso isso, não faço aquilo... se solta “cara”, relaxa...

Toninho sacudiu os ombros... num ato infantil, perguntou.

-Esta melhor assim.

-Deixa pra lá, vamos embora me acompanha até em casa.

Durante a caminhada, eles não trocaram uma única palavra se quer... Toninho se perguntava, porque ela pareceu tão dócil durante as compras, e de repente se tornou tão agressiva com as palavras, emburrada, calada.

-Pronto chegamos – disse ela, apontando para uma casinha verde-musgo.

A frente da casa era cercada por uma cerca de madeiras pintada de azul, com um arco de trepadeiras na entrada. Afastado uns três a cinco metros do portão, havia uma pequena varanda.

-É aqui que eu moro..., só não o convido para entrar, porque..., bem tchau.

Ela abriu o pequeno portão e entrou, ao virar-se para fechá-lo, Toninho estava parado no mesmo lugar. Ela o olhou de alto a baixo, deu um leve sorriso e perguntou.

-Você vai fazer algo amanhã a tarde?

-Não, por quê?

-Bem, amanhã vai ser inaugurado um shopping na vila Ré, se você quiser poderemos ir lá, na parte da tarde, o que você acha?

-Pra mim tudo bem, a que horas nos encontramos?

-Dixe me ver, as 15h00 horas esta bem pra você?

-Ok, te vejo a manha as 15h00 .

*

Toninho esperou que ela entrasse em casa, quando ela virou para fechar a porta, acenou com a mão para ele e fechou a porta. Meio sem saber o que estava acontecendo Toninho foi para casa. Já

passava das oito e meia quando ele chegou. Ao entrar na cozinha, Maria já estava lavando a louça do jantar, ao vê-lo entrando ela perguntou:

-Ola filho, onde você estava? Eu te chamei para jantar mais você não respondeu...

-Me perdoe, o pessoal do acabamento me convidou para ir com eles a cidade depois do expediente e eu me esqueci de avisar.

-Não tem problema, o tio disse que você havia saído mais que provavelmente já estava chegando, ele saiu daqui neste instante. Mais senta ia que eu esquento o seu jantar.

-Não dona Maria, não precisa esquentar não, eu como frio mesmo.

-Que isso, não demora três minutinhos , eu já deixei seu prato pronto no microondas.

-Tem certeza que não vai dar trabalho?

-Trabalho nenhum, é só apertar este botãozinho – disse ela apontando para os números no painel de controle do microondas – depois de acionado, é só aguardar o sinal de aviso e estará pronto.

-Então esta bem, enquanto isso eu vou lavar as mãos.

No toalete, Toninho não lavou só as mãos, aproveitou e passou água no rosto também, no intuito de tentar disfarçar sua cara de preocupação. Após ter enxugado o rosto, ele olha no espelho, a imagem que ele via refletida no espelho era a de um traidor. Para ele, Letícia era sua única paixão, mas ele precisava esquecê-la..., afinal não dá para se ter tudo que quer na vida – dizia ele para si mesmo em pensamento. Ao voltar à cozinha, seu prato já estava sobre a mesa, a fumaça subia da comida e se dissipava no ar. Enquanto se sentava a mesa, Maria lhe perguntou.

-Você vai querer suco ou refrigerante?

Por um momento ele nada disse, seus pensamentos estavam em novembro de 1989, quando ele vira pela primeira vez aquela bela morena ao fundo do corredor. Sem se dar conta, Toninho estava de olha fixo no vidro da cozinha.

-Filho, você prefere suco ou refrigerante?

-Perdão, eu não ouvi o que a senhora disse...

-O que foi, você parece estar preocupado com alguma coisa – disse Maira enquanto tirava da geladeira, a jarra de suco e uma garrafa de refrigerante – eu te perguntei duas vezes se você queria suco ou refrigerante, e você nada disse...

-Perdoe-me, é que eu estava com o pensamento longe.

-Posso saber em que você estava pensando, o que te preocupa?

-Não! Quer dizer..., não é nada importante.

-Já sei, você esta pensando na Letícia...acertei?

-É dona Maria a senhor me conhece melhor do que eu mesmo...,sabe a senhora deveria ter sido minha mãe!

-Ah filho, mãe... Não é a que põem no mundo mais sim a que cuida e que dá carinho.

-Se for assim, a senhora já é a mãe numero 2.

-Ah! E quem é a primeira?

-É a dona Irene...

-Assim, a senhora que cuidou de você antes de você vir para cá.

-Sim, ela mesma. Dona Irene... tai! Uma mulher de um grande coração...,falando em grande coração, cadê o Sr. Honório e...,a Letícia?

-Ele saiu, disse que tinha uma reunião e a Letícia ainda não chegou... ela agora esta fazendo um tal de estágio num banco, lá perto do vale do Anhangabaú, o banco tem um nome estranho, Crefisa, Sofisa... Não sei ao certo, só sei que é um desses nomes.

-Ah sei... Bem, se for o Sofisa que fica perto do Viaduto do Chá, eu passei lá perto hoje, eu estava ali na Rua São Bento, que fica atrás dele.

-É, o tio disse que você, o Alex e mais duas mocinhas foram passear hoje de tarde.

-É...!

-Eu não senti entusiasmo, nesse é, ou eu estou enganada!

-Não, a senhora não esta enganada.

-Por que você não esta feliz?

-Felicidade...,eu acho que eu nunca vou saber o que é felicidade de verdade.

-Não diga isso filho quanta amargura...,você é jovem, tem a vida toda pela frente, anime-se rapaz!

-Eu tento mais...

-Já sei você esta falando assim por causa da Letícia... Olha filho, eu até que faço gosto que vocês namorem um dia, teria muito prazer em tê-lo como genro, porém, agora vocês são muito jovens... da tempo ao tempo, quem sabe no futuro, vocês...

-É dona Maria, espero que a senhora esteja com razão...

-Razão... já nem sei o que é que estou dizendo... Sei que todo tem o direito a felicidade e você vai ser feliz, se não for com a Letícia, será com uma outra moça... e pelo que o tio me contou, tem uma tal Veruska lá no acabamentoo que esta louquinha por você.

-Não sei disso não... eu acho que o Sr. Oswaldo esta vendo coisa de mais...

-Será!

Maria disse isso, forçando um sorriso na face, pois ela não concordava com a atitude do marido em não deixar Toninho e Letícia namorarem, porém, como uma boa e submissa esposa, ela não se opôs, entretanto os últimos acontecimentos poderiam fazer com que Toninho mudasse o rumo dos seus sentimentos, e isso não a agradava.

Após ter terminado o seu jantar, Toninho fora direto para seu quarto; sim, agora ele já tinha um quarto só seu não mais tinha que dividir o quarto com Osvaldo. Já deitado em sua cama, ele assistiu um pouco de TV... por volta das 11:00 fora dormir.

7 Capítulo

Na manhã de sábado ele levantou bem cedo, pois não conseguira dormir bem à noite, preocupado com o encontro marcado para a tarde de sábado. Após ter tomado um farto café da manhã, ele saiu para comprar uma roupa nova e retirar algum dinheiro no caixa eletrônico.

Na hora do almoço, Toninho teve que passar por uma prova de fogo, todos estavam à mesa, sem muito falar, o diálogo que havia vez por outra, era: por favor, me passe à salada, me passe à jarra de suco, me passa o refrigerante e etc... até que Osvaldo do nada pergunta.

-Como foi o passeio ontem Toninho?

Toninho fez de esquecido.

-Do que o senhor esta falando Sr. Osvaldo?

-Do passeio de ontem, você, Alex Valdirene e Veruska!

Toninho olhou para a Letícia, para ver se ela estava prestando atenção a conversa. Ela estava de cabeça baixa. Visto que ele não queria lhe causar nenhum desconforto, se limitou a dizer.

-Não foi o que se diga um passeio, eles só foram comprar algumas roupas.

-Eu não sei não, ontem a Veruska não falava em outra coisa a tarde inteira, parecia ansiosa para tê-lo em sua companhia, eu acho que ela esta gostando ou esta “*afim de ficar com você*”, como os jovens costumam dizer hoje em dia.

Antes mesmo que Osvaldo terminasse a frase, Letícia se retirou da mesa, e fora para a sala de áudio e vídeo, levando com si seu prato.

-O que foi filha – disse Maria, mas ela nada disse em resposta – eu heim, que será que deu nela.

Osvaldo percebendo que tal reação fora efeito do seu comentário, se calou. Todos terminaram a refeição sem nada dizer. Honório fora para a biblioteca, Osvaldo e Toninho, foram cada um para o seu respectivo quarto e Maria fora tirar a mesa do almoço. Toninho ligou o televisor, mas o programa que estava sendo exibido não lhe fez desviar os pensamentos que lhe povoava a mente. Eram interrogações, para as quais ele não tinha uma resposta plausível...,no fundo ele não queria ir ao encontro de Veruska, o que sentia por Letícia era muito forte, porem, de acordo com o pai dela eles eram incompatíveis em todos os sentidos.

Ele era pobre, ela não era rica, mas Honório queria um futuro diferente para ela... Como se isso não bastasse, a fé dela ou “religião” não permitia que seus membros namorassem pessoas de fé diferente... Poderiam casar-se, mas só no “*senhor*”, fora a explicação que Honório dera a Toninho, em uma conversa informal alguns meses depois de ter lhe dado cartão vermelho, ate lhe propôs que se quisesse saber um pouco mais a respeito do assunto, desde que não fosse por interesse a sua filha, ele estaria disposto a lhe explicar, alguns pormenores.

Toninho não via outra saída, senão seguir com sua vida enfrente. Mais ele também não queria usar Veruska para se esquecer de Letícia. Embora Veruska fosse bela...,ela lhe parecia um tanto estranha: - será que vale apenas embarcar nessa aventura? Perguntava ele a si mesmo, será que vale apenas? Será que eu não vou magoar essa moça? Ah mais, a essa altura ela já deve saber que eu gosto de outra pessoa, afinal, o Alex sabe do que eu sinto por Letícia, ele já deve ter dito isso a ela.

As horas pareciam voar, Toninho olhou para o relógio do despertado, sobre o criado mudo, já era 14:10... hora da verdade se aproximava velozmente, ir ou não ir ao encontro de Veruska? Era a interrogação que estava em sua mente. – a final, eu não tenho nada a perder – pensou ele passando a mão sobre os cabelos – eu vou a este encontro, decidiu ele finalmente.

*

Quando Toninho chegou à esquina da rua onde Veruska morava, ela o aguardava enfrente ao portão. Ao avistá-lo, ela pareceu feliz. Ela estava usando tênis, shorts jeans cor azul desbotado e blusa branca. Os cabelos ainda estavam úmidos do banho. Quando Toninho se aproximar ela logo foi dizendo.

-Pensei que você não ia vir!

Toninho olhou para relógio. Ele estava atrasado cinco minutos.

-Perdoe-me o atraso, é que...

-Tudo bem – disse ela, dando-lhe um beijo no rosto.

O calor dos seus lábios ao tocar no rosto de Toninho, fez aumentar-lhe a pressão sanguínea. O perfume do shampoo que exalava dos cabelos úmidos de Veruska,pareceram – lhe incitar. De maneira involuntária, aspirou o perfume que vinha de seus cabelos.

-O que foi meus cabelos não está cheirando bem?

-Não! Quer dizer sim, estão com um cheiro muito agradável.

-Assim... vamos...

-Ok, vamos.

A temperatura estava uns 25 a 28 graus, mas para Toninho, parecia que estava mais de trinta graus, o sangue em suas veias estava fervendo. Por mais que ele gostasse de Letícia, não podia negar que Veruska – como dissera Rubem – era uma garota muito bela, com aquele shortinho e os cabelos molhados, ela estava uma loucura.

Algo que o incomodava era que, por onde eles passavam, os homens pareciam que comia com os olhos. Quando desceram do ônibus próximo ao shopping na Avenida Águia de Haia, um senhor a olhou dos pés a cabeça, e ainda teve a petulância de fazer uma cara de aprovação e fazer um sinal de positivo para Toninho, (querendo lhe dizer que ele estava bem acompanhado) o que o deixou meio constrangido...

-Será que este senhor não se toca!- disse ele em voz alta.

-O que foi Toninho, quem é que não se toca?

-Não, ninguém não, eu só pensei alto.

-Há sim!

O shopping estava superlotado, para andar tinha que estar desviando das pessoas todo tempo. Eles olharam uma vitrine e outra..., depois foram para a área de alimentação que ficava no 3º andar. Pediram dois chopes, em uma das várias lanchonetes que havia ali e foram para uma mesa. O silêncio se fez presente entre os dois... Veruska, vez por outra bebericava seu Chope, Toninho apenas girava sua taça por sobre a mesa. Por fim Veruska lhe perguntou.

-Você não vai tomar seu chope?

-Vou sim, é que...

-Ah me perdoe, eu me esqueci que você evita beber bebida alcoólica quando está acompanhado...

-Não, tudo bem...

-Então é melhor que não demore muito, senão ele vai esquentar.

Toninho levou a taça aos lábios e solveu um pequeno gole, quando ele devolveu o copo a mesa, Veruska lhe olhou nos olhos e nos lábios, em seguida ela passou o polegar por sobre o lábio superior, tentando avisar a Toninho que ele estava com um bigode de espuma do chope no lábio. Visto que, Toninho não entendeu o que ela quis dizer. Veruska se inclinou levemente sobre a mesa, e passou o indicador sobre os lábios de Toninho, após tê-lo feito. Ela levou o dedo à boca e solveu o resquício de Chope que ficara em seu polegar. Este gesto pareceu meio vulgar para Toninho e ao mesmo tempo excitante. Com os olhos semicerrados, ela disse:

-Sabor interessante, nem doce e nem salgado.

A primeira reação de Toninho foi olhar para os lados, teve medo de que alguém os estivesse observando. Novamente sua mente fora bombardeada por varias perguntas.

– O que eu estou fazendo aqui? Será que essa menina não bate bem da cabeça? Onde já se viu isso? De onde eu venho, até para pegar na mão da moça, tem que esta na Companhia de alguém da família – em quando confabulava com seu pensamento, uma voz suave, lhe chamava. Era Veruska.

-Sim – disse ele de súbito.

-Você parece estar sonho acordado – disse ela com certo sarcasmo na voz e um brilho no olhar - vamos Sair daqui.

-Vamos, mas para onde?

-Sei lá... para um lugar mais calmo, que você possa ficar mais à vontade.

-Esta bem.

Próximo do shopping havia uma praça, eles foram para a lá. O local não era bem iluminado, havia uns quatro carros estacionados nas imediações. Três casais de namorados, sentados nos banquinhos espalhados pela praça, se beijavam freneticamente. Estavam tão absortos em suas trocas de carícias, que pareciam nem notar a presença de Toninho e Veruska.

Toninho pareceu meio curioso, e ao mesmo tempo, meio perdido no ambiente. Veruska sem nada dizer, apontou para um banquinho que estava num lugar mais afastado, entre duas árvores frondosas. Ela parecia conhecer bem o local, Toninho, nada disse apenas a seguiu.

*

Na penumbra da noite, desejos a flor da pele, não deu outra..., sentados juntinhos, os olhos de Toninho vislumbraram os de Veruska, que em meio a meia luz da praça, pareciam brilhar. Toninho pareceu estar hipnotizado, com um gesto suave, passou as costas dos dedos sobre a testa dela, tentando afastar uma pequena mecha de cabelo que cairá sobre o rosto da moça. Suas faces se aproximaram lentamente e então, se fez presente à atração. Seus lábios se encontraram, em fim aconteceu O PRIMEIRO BEIJO. Para Toninho, sua vida como homem começou naquele momento, pois apesar dos seu dezenove anos, nunca tinha beijado uma mulher antes... Quando os seus lábios encontraram os de Veruska, seus olhos fecharam, como se o mundo a sua volta tivesse deixado de existir.

Ele parecia que queria devorá-la. No frenesi do momento, ele a mapeava como se estivesse lendo um livro muito interessante, em braile. A respiração de ambos estava ofegante, como corredores em uma maratona. Mas para Toninho, nada mais interessava naquele momento. Veruska parecia não ligar por ele a esquadrinhar, por todos os centímetros do corpo. Após alguns minutos, ele parecia não ter controle de suas mãos. Quando sua mão deslizou pelas costas de Veruska, ela pareceu estremecer..., neste momento, Toninho se deu conta do que estava fazendo, e se afastou abruptamente da boca de Veruska.

-Perdoe-me, acho que me deixei levar pelo calor do momento.

Ela se abanava como se estivesse se derretendo de tanto calor.

-Não se desculpe seu bobo...,que loucura, e eu que pensei que você era inocente, o que foi isso!?

-Inocente, eu!

-Sim... no começo, você pareceu meio perdido, mas depois... ufa! Este beijo foi mágico.

Toninho não a contra-argumentou, mas pulou do frenesi para a nostalgia. A imagem de Letícia veio a sua mente. Ele respirou profundamente, como se quisesse sugar todo o ar do mundo só pra si.

-Hei! Dou-te um beijo pelo que você esta pensando.

-Não, obrigado...

-O que! Beijar-me foi tão ruim assim?

-Não! Por favor... é que não seria um troca justa...

-Não se preocupe, eu sei que você esta pensando na princesinha...

-Princesinha, eu não conheço nenhuma princesa.

Veruska, deu uma longa gargalhada.

-Toninho, você não precisa mentir pra mim, quando eu o convidei para sair, eu já sabia que você gostava da Letícia, o Alex, me contou e o Sr. Oswaldo me confirmou.

-E mesmo assim, você fez tudo isso para ter a chance de..., como é que vocês falam mesmo aqui?

-Ficar.

-Isso mesmo sabendo que eu gosto da Letícia, você ainda assim quis me conhecer?

-Bem... A primeira vez que vi você, foi passando perto da estação do metrô de Artur Alvin, eu te achei um gato..., depois eu comentei com minha amiga Valdirene, ela me falou que te conhecia, então pedi a ela que me arrumasse um emprego na firma e aqui estou.

-Puxa! Você fez todo esse esforço só para me conhecer!?

Ela se aproximou e o abraçou, deu-lhe um beijo no rosto.

-Te digo que só por hoje, já valeu apenas.

Toninho a retribuiu o abraço e voltarão a se beijarem, porém, mais contidos, com menos volúpia.

8 Capítulo

Desde que começou a ficar com Veruska, a vida de Toninho mudou da água pro vinho. Saiu do anonimato. Ia para os clubes mais freqüentados da cidade, ele se sentia meio perdido, tudo era novo para ele, mas como não tinha nada a perder, ele ia onde ela quisesse ir.

Mas, em meio a todas essas aventuras, havia algo que o incomodava muito. Os amigos de Veruska eram “*barra pesada*”, além disso eles já estavam juntos a quatro meses, e ela não o apresentara a família. Sempre dava desculpas que sua mãe era preconceituosa, que ela odiava negros. O namoro tinha algumas regras que Toninho não entendia..., eles se viam só de terça a domingo, segunda ela queria folga. No começo ele não se incomodou, já que se viam todo dia no trabalho, eles aceitou numa “boa”.

Certa vez no clube da cidade, eles estavam na pista de dança, ele foi ao bar pegar um drinque, logo em seguida veio uma das amigas de Veruska e lhe pediu para que lhe pagasse uma bebida. Por ela ser amiga de Veruska, ele pagou. Mas não era só isso que ela queria, quando ele ia votar a pista de dança. Ela o tomou pelo braço e disse:

-Hei! Para que a pressa, eu não mordo.

Toninho olhou a mão que o segurava, em seguida olhou bem nos olhos dela. Ela sorriu com todo o charme que pode, depois dos vários drinques que já havia consumido.

-Hei! Menina, eu acho que você, bebeu demais – disse lhe Toninho.

-Será que eu não mereço, nem um minuto da sua atenção? Será que Veruska é tão boa assim, que você não pode ficar longe dela nem cinco minutos?

Toninho sem saber o que dizer, simplesmente, tirou a mão dela de seu braço e foi saído. Ela não se deu por satisfeita e lhe perguntou:

-Você acha que a conhece muito bem, não acha?

Devido o barulho da música, ele não a ouviu direito e retornou, para ouvir o que ela havia dito.

-O que foi que você disse mesmo?

-Eu perguntei se você acha que conhece bem a Veruska?

-Mais ou mesmo, por quê?

-Pergunte a ela, se ela conhece um cara chamado “Caveira”...

-Por que devo perguntar isso a ela.

-Só pergunte..., depois você me diz o que foi que ela te disse.

-Ok! Hei, vê se para de beber por hoje, você já está bem alta...

Toninho ficou com a pulga atrás da orelha... , o que será que ela quis dizer com isso, deixa pra lá, ela está bêbada -. Na pista eles dançaram a valer, até a hora em que a música fora interrompida, o anfitrião anunciou que já era onze e dez da noite e aquela seria a última música, após término, todos estavam convidados a irem embora.

Apesar da música alta, Toninho ficou pensativo e confuso com o que aquela garota havia falado era como se uma pulga passeasse atrás da orelha dele... Deslizando de um lado para outro como se estivesse dançando bleak. Ao saírem da danceteria, alguns quiseram ir para um barzinho que ficava aberto até as quatro da manhã. Toninho quis ir para casa, Veruska o acompanhou. Ele não fez rodeios, no momento em que chagara enfrente a casa dela, ele foi logo perguntando quem era o tal de “Caveira”.

-Quem te disse esse nome? – disse ela, sem olhar para Toninho.

-Quem disse ou deixou de dizer não é importante, só me diga, quem é essa pessoa.

Pela primeira vez, em quatro meses, ela o convidou a acompanhá-la até a varanda. Tendo se acomodados em um sofá de dois lugares que havia na varanda, ela cobriu o rosto com as mãos, e por fim começou a falar.

-Sabe Toninho você é um *cara* muito *legal*. Eu pensei que nunca iria ter que te contar a minha historia, eu já quis te contar antes, mas tive medo de você não me entendesse.

-Mas a coisa é tão feia assim?

-Bem, tudo depende de como você vai encarar

-Então fala com calma, sou todo ouvido.

-Meus pais se separaram quando eu tinha onze anos – começou ela – eu pirei...

Veruska passou abrir o livro de sua vida para Toninho, contou a ele que depois que seus pais se separaram, ela virou uma verdadeira *maloqueira*. Passou a beber, a fumar, não só cigarros comuns... passou á fumar *maconha*, cheirar *cocaína* e a transar com qualquer um. Ela pensava que assim, iria conseguir magoar os seus pais. Mas o que conseguiu foi iri alto destruindo, dia após di

No começo ela ficou morando com o pai, porém, dois meses depois seu pai a devolveu para sua a mãe. Só que sua mãe queria liberdade, assim ela teve que ficar com seus avôs. Eles eram legais, mas, os maus hábitos que Veruska adquirirá deixavam os seus avôs malucos.

Ela contou que seu tio caçula era traficante, dois de seus primos assaltantes de automóveis... Sua família não era o que se poderia chamar de família exemplar. Seus avôs, eram italianos, haviam vindo da Itália quando criança. Tinham conhecimento dos negócios escusos dos filhos, morriam de vergonha, mas não se intervinham... para evitar constrangimentos, cortaram as relações com eles só se falavam em funerais e olhe lá.

O tal de *Caveira*, fora uma das suas aventuras amorosas. O cara era da pá virada, havia sido preso por assalto varias vezes, se gabava de ter matado duas pessoas, aos treze anos de idade. Mas nunca fora preso, ou acusado por estes supostos crimes. Toninho ouvia tudo em silencio, nesta altura da conversa ele perguntou.

-E agora, onde esta este tal de *Caveira*?

-Está preso, no Carandiru. Esta puxando 12 anos por assalto a mão armada seguido de morte. A única coisa que eu não entendo, e como você foi ficar sabendo dele.

Toninho preferiu não dizer quem lhe dissera o nome.

-Quem disse ou deixou de dizer, não importa. Mais, você o tem visitado na prisão?

-Bem, este tem sido um dos meus problemas. Faz quatro meses que eu não o visito. Da ultima vez que a mãe dele o visitou, ele mandou um recado.

Ela se calou... Toninho esperou que ela continuasse sem nada dizer.

-Ele mandou a mãe dele me dizer – continuou ela – que se eu não for vê-lo domingo que vem...

Ela olhou para o relógio, já era quase 2:00 da manhã

-Ou seja, amanhã -continuou ela- devo me considerar uma mulher morta.

-Neste caso, eu poderia ir com você...

-Você pirou, ele manda te matar no dia seguinte...

-Hei! O cara esta na prisão, o que ele pode fazer contra mim?

-Ele tem muitos amigos aqui fora, é só ele conseguir dar um telefonema, e esta feita a merda.

-E você não acha que ele já sabe de nós?

-Eu acho que não... a menos que...

-A menos que...

-A menos que alguém tenha nos visto juntos e contado para a mãe dele. Quem foi que te falou o apelido dele?

-Bem dado as circunstâncias, eu sou obrigado a te contar, foi aquela sua amiga no clube hoje, a... a Miriam.

-Estranho, ela ter te contado isso, ela é minha melhor amiga... Eu pedi a ela que não te disse nada, por que será que ela deu com a língua nos dentes?!

-Não sei, vai ver é ela tenha bebido demais...

-É, pode ser..., ela é meio fraca para bebidas, e hoje ela fez uma misturada danada.

-Pode ter sido isso.

Toninho se calou, estava tentando assimilar aquela enxurrada de informações.

Por fim ele se levantou, olhou o relógio já passava das duas da manhã, deu um beijo de boa noite em Veruska e fora para casa, dizendo que iria pensar em tudo que ela havia lhe dito, no dia seguinte ele diria a ela quais as decisões que tomaria, ela com olhar tristonho disse lhe;

-Mesmo que você decida que devemos terminar, quero que saiba que, desde que meus pais se separam... os melhores dias da minha vida, foram estes quatro meses que estou com você.

*

No caminho para casa, Toninho ficava repassando tudo que havia descoberto sobre Veruska. As palavras dela ferviam em sua cabeça. Ele tentava entende-la, porém, em meio à bagunça que estava em sua mente, tudo indicava que aquele relacionamento deveria ter um fim. Mas bem lá no fundo, uma voz lhe dizia, para não se preocupar, que chegasse a casa, tomasse um bom banho e depois dormisse o sono dos justos, no dia seguinte as coisas estariam mais clara em sua mente. Foi o que ele fez.

Pela manhã, Toninho acordou com um gosto horrível de meia suja na boca. Olhou para o relógio sobre o criado mudo, nele marcava 8:40 da manhã. Ao tentar se levantar sentiu as paredes do quarto

rodar, com certa dificuldade foi ao banheiro para fazer sua higiene matinal. No que ele inclinou para lavar o rosto, perdeu o equilíbrio e deu com a cara na pia. Com certa dificuldade, apoiou as mãos sobre a pia e se olhou no espelho.

Não havia nem um vestígio de sangue – ufa, estou mau, disse ele a sua imagem no espelho – ao olhar bem para sua imagem refletida no espelho, ele lamentou o que estava fazendo com sigio mesmo. Sem demora, lavou o rosto, escovou os dentes, penteou o cabelo, vestiu uma bermuda e camiseta, calçou o tênis e foi direto a procura de uma farmácia, de um farmacêutico bem conhecido do bairro. Tomou uma injeção de glicose e trouxe com sigio, vinte cápsulas de *Epocler*, para dar uma alívio ao fígado.

-Pode ficar sossegado... – disse o farmacêutico – daqui a meia hora você vai estar novo em folha. Vê se para de entornar assim, você é muito jovem para beber desse jeito.

-Obrigado pelo conselho, eu vou tentar pegar leve daqui pra frente. Só me faça uma gentileza, não fale sobre isso com o Sr. Honório e nem com o Valdir, por favor.

-Não se preocupe se caso eles venham saber, não será de minha boca.

-Muito obrigado, Sr. Getulio.

Ainda sentindo a ardência no braço, devido à picada da injeção, Toninho decidiu que já era hora de retomar as rédeas de sua vida. -Tudo estava fora de controle, e o farmacêutico estava coberto de razão – disse Toninho a si mesmo – eu ainda sou muito jovem para estragar a minha vida assim.

*

Ao chegar em casa, Maria e Honório estava a mesa, tomando o café da manhã.

-Bom dia Sr. Honório, bom dia dona Maria.

-Bom dia – responderam ambos.

-Eu pensei que você já tinha indo para a academia, moço feio – disse Maria.

-Não hoje eu não fui.

-Esta tudo bem, com você – perguntou Honório.

-Esta tudo bem...

-Não me parece... você esta com cara de quem não dormiu a noite.

Toninho não podia dizer que havia acabado de vir da farmácia, e que tinha tomado uma injeção de glicose, muito menos que chegará quase três da manhã. Portanto se limitou a dizer:

-Eu realmente, não dormi bem essa noite.

-Algo o preocupa, posso ajudar em alguma coisa?

Toninho se serviu um pouco de café, enquanto pensava no que dizer. Enquanto levava a xícara a boca, ele olhou para Honório, que fatiava um pedaço de papaia. Após engolir um bom gole do café, ele disse finalmente.

-Talvez, o senhor possa me ajudar.

-Esta bem, eu tenho que ir ao contador, levar alguns documentos, por que você não vem comigo, e a podemos ir conversando.

-Esta bem, eu não tenho nada para fazer mesmo, agora pela manhã.

-Então estamos combinados, acabe de tomar o seu café, eu vou pegar os documentos no escritório então poderemos ir.

*

A caminho do escritório de contabilidade, Honório contou a Toninho, que estava levando alguns documentos importantes da empresa em que ele era sócio com seu filho Valdir. Disse que iriam fechar a empresa. Eles haviam recebido uma notificação de que estava funcionando duas empresas no mesmo endereço, e isso era contra a lei, visto que ambas eram microempresas, e estavam ultrapassando o número de funcionários permitido.

Depois de analisarem a situação, a única solução que encontraram foi mandar os funcionários da AMAZONAS IND. E COM. de MOVEIS LTDA ME, embora. Selecionando apenas um aqui, outro ali. Iriam ficar apenas com os funcionários que fossem indispensáveis para a fábrica continuar funcionando normalmente. Os funcionários, que fossem selecionados para ficarem, teriam sua carteira dada baixa da AMAZONAS IND. E COM. DE MOVEIS LTDA ME, seus direitos seriam pagos, e começariam com um novo registro na LYVERPOOL IND. E COM DE MOVEIS LTDA ME. No começo seria difícil. A produção poderia cair um pouco, mais era o melhor a fazer.

-Mais não há outra saída? – perguntou Toninho.

-Infelizmente não. Eu e Valdir, até que pensamos em mudar a categoria da empresa, mas do jeito que está indo este governo, fica difícil. Quando ele entrou no poder, disse que a prioridade dele seria combater a inflação...,a primeira coisa que fez, foi confiscar os nossos recursos, e a inflação que é bom, teve penas uma pequena quedazinha, mas nada significativo.., todos planos que ele lançou ate agora, só trouxe dor de cabeça para a população.

-Realmente, eu tenho que concordar com o senhor, este governo esta uma bagunça.

-Mas me fala o que esta te preocupando, – disse Honório dando um tapinha de leve na perna de Toninho – afinal foi para isso que você veio comigo.

Toninho olhou para os passantes que ia pelas calçadas, procurando em seu cerne uma maneira de começar a conversa, expor para Honório o que lhe estava preocupando.

-Sabe Sr. Honório, – começou ele – nestes dois anos e pouco que eu tenho trabalhado com o senhor, eu aprendi a respeitá-lo como a um pai.

-Eu fico muito feliz em ouvir isso filho, também o tenho como um filho, prova disso é que você tem mais liberdade em minha casa, quase mais do que meu filho Valdir. Você sabe, tem passe livre para ir e vir.

-É verdade, e isso me causa alguns problemas, às vezes...,mas o que eu queria falar com o senhor...,na verdade o que eu quero é um conselho, sobre uma decisão que eu preciso tomar.

Toninho passou a contar para Honório, tudo que ele havia descoberto sobre Veruska. Contou que ela era filha de pais separados, do envolvimento dela com drogas, da vida desregrada que ela levava antes de conhecê-lo. Contou até do ex-namorado dela que estava preso por assassinato. Honório ouvia tudo sem lhe interromper. Quando Toninho parou de falar. Ao parar no semáforo, Honório ficou tamborilando com os dedos sobre o volante... como se estivesse tentando acompanhar o ritmo de um samba. Por fim ele disse:

-Que fria você se meteu hein! E agora o que você pretende fazer?

-Eu não sei, estou mais perdido do que cego em tiroteio.

-Eu até que gostaria de poder te ajudar, mais esta é uma situação muito delicada...

-Tudo bem, mais se fosse o senhor que estivesse na minha situação, o que o senhor faria?

O sinal abriu e os carros começaram a andar. Enquanto mudava a marcha do Gol, Honório olhou brevemente para Toninho.

-Filho, eu tenho me entremetido muito em sua vida, nestes dois anos que você trabalha comigo, prometi a mim mesmos que eu iria deixar-lo seguir seus instintos, mais já que você esta pedindo a minha opinião..., eu acho que você deve terminar com essa moça, até porque ela é muito jovem..., já fez tantas coisas na vida, coisas que mais cedo ou mais tarde terão conseqüências, e quem estiver com ela pode ser atingido também.

Toninho nada disse em argumentação as observações de Honório.

-Me diz uma coisa Toninho, - continuou Honório - você tem se protegido, quando está com ela?

-Me protegido, como assim?

-Como posso explicar...,você usa preservativo, quando esta com ela?

-Sim! Ela faz questão.

-Ainda bem! Que ela não é tão destrambelhada assim.

Resmungou Honório, por entre os dentes.

-O que foi que o senhor disse?

-Não, eu não disse nada, só pensei alto.

Honório ponderou com Toninho, todos os riscos que ele poderia estar correndo se continuasse com Veruska. Mas deixou claro que só ele poderia decidir o que fazer. Quando por fim eles chegaram ao

escritório do contador, Toninho não entrou, preferiu ir tomar um suco em uma lanchonete que havia em frente ao escritório. Enquanto tomava o suco e esperava por seu patrão, ele ficou pensando no que iria fazer com sua história com Veruska.

Depois da conversa que tivera com Honório. Ao voltar para casa, Toninho já estava decidido a enfrentar a situação ao lado de Veruska, até onde desse. Mas uma triste surpresa o aguardava. Bastou eles porem os pés em casa, Maria, esboçando um ar tristonho, deu a má notícia.

-Toninho ligaram de Governador Valadares, a dona Irene, a senhora que cuidou de você, faleceu ainda pouco, às 09h30m dessa manhã, ainda não sabem horário que será o enterro, mas será a manhã na parte da tarde.

Toninho ficou atônito.

-Você vai ao enterro dela? - perguntou Honório.

Depois de alguns segundos, Toninho respondeu.

-Não sei Sr. Honório, eu gostaria, mas...

-Olha, faz o seguinte, você pega umas duas mudas de roupa, coloca em uma mochila..., e vamos, que eu te levo a rodoviária.

-Mais, tenho que ir ao banco pegar algum dinheiro...

-Problema resolvido – disse Honório, tirando 200,00 Cruzeiros novos do bolso e pondo na de Toninho – não se preocupe, quando você voltar você me paga.

Eles chegaram ao Terminal Rodoviário do Tietê, às 13h30m, mas ia embarcar no ônibus para Governador Valadares, às 15h00. Toninho comprou a passagem e ficou esperando chegar o horário do embarque. Honório se despediu e voltou para casa.

Toninho tomou um cafezinho, foi ao banheiro, mas a hora não passava. Parecia que o tempo estava parando lentamente. O relógio do terminal, marcava 14h15m. Visto que ainda faltava 00h45m para o embarque, ele decidiu procurar um orelhão e ligar para Veruska. Ao encontrar o orelhão, introduziu duas fichas no orifício do aparelho e digitou o número da casa dos avôs de Veruska. O telefone chamou duas vezes e alguém o atendeu.

-Alo!

-Alo, quem está falando?

-Giovane, você que falar com quem?

-Por favor, Giovane, eu sou o namorado da Veruska, você pode chamá-la, por favor.

-Desculpe, ela não está no momento, quer deixar recado?

-Quero sim, diga ela que eu tive que ir para Governador Valadares, por motivo de morte, assim que eu chegar lá eu entrarei em contato.

-Esta bem, eu direi a ela.

-Muito obrigado Giovane.

Toninho devolveu o fone ao gancho e foi para a plataforma.

*

A ansiedade, não permitiu que Toninho pregasse os olhos a noite toda. As 7h:15m da manhã, o ônibus estava entrando na plataforma do terminal rodoviário de Governador Valadares. Toninho foi direto para o ponto de taxi. Enquanto se acomodava no assento do passageiro ele disse ao motorista:

-Bom dia senhor, Rua São Cristóvão, na altura do numero 47, por favor.

Quando o taxi virou a esquina na Rua Vale do Rio Doce, entrando na Rua São Cristóvão, Toninho já pode ver o tumulto que estava enfrente a casa da falecida. O taxi para um pouco antes do numero, devido à aglomeração de carros que estavam estacionados enfrente a casa. Toninho pagou a corrida e foi caminhando até a residência dos Gomes.

O portão estava aberto. Ao entrar, Toninho já avistou o caixão sobre o pedestal ao centro da sala. Ele não olhou para ninguém, caminhou na direção do caixão. Irene estava toda coberta de cravos brancos, sua pele branca, agora estava levemente roxa em volta dos lábios e dos olhos. As mãos, uma sobre a outra, na altura do peito. Havia também uma bela coroa de flores pendurada no canto da sala.

Toninho pôs a mão direita sobre as mãos de Irene e a esquerda apoiada na beirada do caixão, próximo a cabeça da falecida..., neste momento ele viu um filme passar em sua mente. Relembrou do dia em que a conheceu. Uma linda mulher, robusta, sorriso largo, uma leve malícia no olhar. Lembrou do carinho e respeito com que ela tratava a todos . Do macarrão delicioso que ela fazia aos domingos.

Enquanto a olhava ali, inerte naquele caixão, ele não percebeu que uma lagrima rolou em sua face. Para ele, naquele momento, não havia mais ninguém naquela sala, até que sentiu um braço pousar suavemente em seu ombro esquerdo, uma cabeça recostar sobre seu ombro direito, e uma voz suave lhe dizer.

-Ela falava sempre em você, quando estava doente..., ela deve estar feliz por você esta aqui.

Toninho não precisou olhar, para ver de quem era aquela voz. Era a inconfundível voz de Neusa, a filha caçula de Irene. Sem nada dizer ele a abraçou.

-Como foi que ela morreu – disse ele no ouvido de Neusa – ela era tão forte.

-Eu também já me fiz essa pergunta Toni.

Após ter abraçado Neusa, Toninho abraçou fortemente seu amigo Daniel, que não via há dois anos.

-Eu sei que não há nada que eu diga que possa te consolar amigo, mas força..., o importante é que ela esta descansando de tudo que viveu.

-O que me consola, é saber que ela viveu a vida intensamente, - disse Daniel - não se privou de nada que estava ao seu alcance...

-Pois então amigo..., isso é o que importa, ela viveu a vida com alegria

Toninho cumprimentou e deu seus pêsames aos demais membros da família. Todos os parentes estavam presentes, com exceção de Amália que estava fora do país e nem sequer fora possível avisá-la até aquele momento. As horas foram se passando e a hora do adeus final foi se aproximando. O enterro estava marcado para as 14h30m da tarde.

O carro funerário chegou as 13h00 horas em ponto, para o cortejo fúnebre até o cemitério, que ficava uns 45 minutos dali. As 13h15m, o carro, com um triste toque de sirene, anunciava a saída do corpo rumo ao cemitério Santa Rita. Todos os motores dos automóveis que iria acompanhá-lo tiveram os motores ligados.

Um ônibus que fora concedido pela prefeitura, para levar os familiares, fora logo atrás do carro fúnebre. O enterro ocorreu na hora marcada. Foi triste ver aquela grande mulher ir embora para sempre, mas a morte, sempre chega sem avisar e leva quem ela quer. Quem vai ficar nada pode fazer, a não ser, suportar a dor e o vazio que fica no coração.

Após o enterro, todos os amigos da família foram para suas casas. Toninho ficou com os familiares de Irene até as 20h00 horas, depois de se despedir de todos ele voltou para o terminal rodoviário, as 22h30m, já estava embarcando no ônibus, em retorno para São Paulo.

9 Capítulo

Quando Toninho chegou à grande São Paulo, o tempo estava fechado, nuvens espessas cobriam o céu. Por estar sem dormir a 48 horas, ao chegar em casa, ele apenas tomou banho e desabou na cama. Por volta das 18h30m ele acordou, tomou outro banho, comeu um leve lanche acompanhado de vitamina mista, depois ele foi para a casa de Veruska, embora fosse segunda-feira, ele queria fazer uma surpresa para ela, pois já não se via desde da última sexta-feira. Era bem verdade que ela não gostava de vê-lo as segundas, porém, visto que não tinham se visto no final de semana, e dado aos últimos acontecimentos, ele julgou que ela ficaria feliz em vê-lo.

Quando ele virou as esquina da rua que levava a casa de Veruska, ele a viu descendo a Rua acompanhada por um sujeito. De imediato ele sentiu o sangue ferver, porém, ponderou consigo mesmo e decidiu segui-los a distancia. Os dois iam conversando, despreocupados... mil coisa passava pela cabeça de Toninho. Todas as vezes que ele ligou para ela no fim de semana, ela nunca estava. Parecia que ela só esperou ele dar as costas para cair na farra. Por fim, ela e seu acompanhante entraram em uma lanchonete, a mesma que Toninho costumava levá-la.

Foram para mesa em que ela e Toninho sempre ficavam. Seu acompanhante fez um sinal para o barman, que logo foi atendê-los. Do outro lado da rua, Toninho os observava embasbacados... não acreditava no que estava vendo. Sentindo-se seu ego ferido, decidiu ir falar com ela. Ele poderia não ter estudo, mas era um sujeito que sabia respeitar as pessoas. Sem nenhuma alteração aparente, ele adentrou como se estivesse sendo esperado, foi direto a mesa em que Veruska, e o tal estavam sentados. Ela estava de costa e não viu ele se aproximar.

-Boa noite princesa – disse ele, beijando-a no rosto, em seguida puxou uma cadeira e sentou.

Ela se assustou ao vê-lo.

-Quando você chegou? – disse ela – soube que você tinha ido para Minas Gerais... como é mesmo o nome da cidade.

-Governador Valadares.

Ela estava vermelha feito um pimentão.

-Você não vai apresentar o seu amigo – continuou Toninho.

O rapaz parecia não entender nada do que estava acontecendo. Veruska passou a ponta dos dedos sobre a testa, num gesto nervoso, como se estivesse procurando uma explicação, plausível para aquela situação.

-Este é Julio – disse ela, sem olhar para o rapaz – Julio este é Toninho...

-Prazer – disse Toninho lhe estendendo a mão.

Toninho reparou bem o sujeito. Não tinha cara de ser o tal *Caveira* de quem ela lhe falara, até porque ele estava preso, também não poderia ser algum amigo dele, pois não parecia ser bandido. Visto que ninguém dizia nada, Toninho disse a Veruska.

-Precisamos conversar, será que podemos ir a outro lugar?

-Não! Não podemos, - disse ela secamente – estou acompanhada, você não está vendo?

De cabeça baixa, ele tentou assimilar aquela resposta.

-Afim o que está acontecendo aqui...

-Rapaz você não está vendo que ela está comigo – disse Julio.

A pressão sanguínea de Toninho foi a mil, mas ele se limitou a dizer.

-Meu caro, acho melhor você ficar fora disso.

Voltando-se para Veruska, ele perguntou.

-Você vem comigo, ou não?

-Eu... eu... não, eu não vou – disse ela sem olhar para ele.

-Esta bem, a escolha é sua.

Quando Toninho se levantou, para se retirar. Veruska, o olhou meio tristonha.

Ele passou a mão levemente no rosto dela, de cima para baixo. Este gesto a fez fechar os olhos bruscamente, no momento em que ele afastava a mão, pode ver que ela estava pálida e, seu acompanhante ameaçara se levantar... Toninho gesticulou em negativa, para que ele ficasse onde estava e saiu.

*

Toninho saiu da lanchonete, meio perdido em pensamentos. – eu nunca vou entender as mulheres, – disse ele a si mesmo em pensamento – a única garota que eu amei, quer dizer, acho que ainda amo... não fala comigo... tento me aventura com outra pra tentar esquecê-la, levo um chapéu de boi. Será que eu nunca vou acertar uma na vida. Há três dias, atrás, a maldita dizia que eu era muito importante para ela, bastou eu ficar dois dias, longe para ela já estar com outro -. Dado a desordem que estava em sua cabeça, ele decidirá que ir para casa não lhe ia ser bom. Visto que Alex morava na mesma rua da fabrica, ele fora a sua casa. As luzes de fora estavam apagadas, mas as da sala parecia estarem acesas. Tocou o interfone e aguardou, demorou alguns segundos e ouvi-se a voz de alguém.

-Por favor, eu sou um colega de trabalho do Alex, ele esta? – disse Toninho ao interfone.

-Sim, um momento que eu vou chamá-lo.

Toninho, sem se preocupar em sujar a roupa, sentou no meio-fio. Passados cinco minutos, Alex apareceu ao portão.

-Como vai *maluco*, - Disse Alex a Toninho - quando foi que você chegou? O Sr. Osvaldo disse que você tinha viajado sábado à tarde...

-É, foi uma viagem rápida... uma emergência.

-Que cara é essa, você já viu a Veruska?

-Infelizmente!

-Então você já esta sabendo.

-Sim, eu a vi com um sujeito na Nova Esperança.

-E agora, o que você vai fazer.

-Não vou, correr atrás... não esperava que ela fizesse isso comigo, mas já que fez, vou seguir enfrente.

Alex contou a Toninho, que no sábado à noite, Veruska estava muito triste... disse que ela havia contado a ele a conversa que tivera com Toninho na sexta-feira a noite, ela achava que estava tudo acabado. Disse que, apesar da tristeza que ela estava sentindo, ela achava que o melhor seria terminar o relacionamento , para que Toninho não acabasse saindo machucado.

Ele disse a Toninho que depois de terem conversado, ela foi para casa do tio dela. Pelo que ele soube depois ela fora para a noite de pagode no, *Terra Samba*, perto da favela. Que ela só saiu de lá as

04h00m da manhã, travada, e não foi só de bebida . Toninho ouviu tudo com atenção, disse simplesmente:

-Eu acho que foi melhor assim, nossa historia, cedo ou tarde iria ter que chegar ao fim... eu não queria que fosse assim...

-Mas foi como terminou. Eu sei que a forma que terminou não foi a melhor, mais a vida continua, e tem muita gatinha por ai louca pra te conhecer... se você quiser a manhã eu te apresento umas duas.

-Não, muito obrigado. Eu vou ficar numa *boa* por enquanto, *valeu*.

*

Em meio a tantas desventuras, Toninho, muito aprendia e nunca se dava por vencido, sempre driblava as circunstâncias e prosseguia. Entre os que foram dispensados, devido ao fechamento da Firma AMAZONA IND. E COM. DE MOVEIS LTDA/ME, Veruska foi uma das pessoas que ficaram na sessão de acabamento, por ser diligente no serviço e por ter o menor salário.

Trinta dias após ela e Toninho ter terminado, ela já estava com outro namorado. O tal era usuário de drogas de codinome “*Robocop*”, (o apelido vinha do fato, de ele andar meio desgovernado, problema advindo de um grave acidente de moto, no qual ele sofreu grave lesão na coluna). No começo ela parecia feliz, mas passado tempo , começou aparecer com alguns hematomas. Toninho fingia que não via a situação. Embora ele tivesse ficado com o orgulho ferido, não deixou de falar com ela, afinal, eles trabalhavam na mesma empresa. Com o numero de funcionários reduzidos, eles se encontrava o tempo todo.

Certo dia, devido à demanda de pedidos, a equipe do acabamento teve de descer para ajudar na fabricação. Veruska começou a lamentar sua sorte para Toninho, ele fazia ouvido de mercador. Ela lhe contou que seu namorado, era um bom sujeito, mas que nos fins de semana, ele bebia e cheirava cocaína, ficava doido e agressivo com ela.

-Eu não estou agüentando mais - disse ela, enquanto mudava as peças pré-montadas de lugar – minha vida esta um inferno.

Toninho meneou a cabeça, olhou para Alex e esboçou um sorriso de satisfação, mas ao perceber os olhos de Veruska ficarem lacrimosos, ele desfez o sorriso e virou o rosto.

-Veruska, – disse Alex - não adianta você reclamar da sorte para o Toninho, ele está em outra e se você esta sofrendo e porque você escolheu.

Ela enrubesceu, e foi em direção ao bebedouro.

-Obrigado – disse Toninho ao amigo – você disse a ela o que eu não tive coragem de dizer.

-Há fala sério, a menina pisa na bola, com você e ainda vem chorar as pitangas. Ela da sorte que você segura à onda numa boa, mas se fosse comigo, ela teria pagado caro...

-Deixa pra lá, ela já esta pagando.

Dois meses se passaram, Veruska ficou grávida. No terceiro mês de gravidez, o pai da criança faz ela pedir demissão do emprego e foram morar juntos, na casa da mãe do “Robocop”. Mesmo ela estando grávida, ele continuou a agredi-la, e a sogra sempre ficava do lado do filho. Dizia que Veruska não passava de uma vagabunda. Nesse ínterim, Toninho não mais a via, com tanta freqüência. Certo dia ele estava indo para a academia, no fim da tarde e se deparou com ela empurrando um carinho de bebe. Na hora ele quis fingir não tê-la visto, mas, não foi bem sucedido, pois ela o chamou para ver seu filho.

Um ano se passou. Toninho soube que ela havia separado do marido, mas o sujeito não permitiu que ela levasse o filho. Duas semanas mais tarde... por volta das 17:30, a campainha tocou, Toninho fora atender. Era Ana, Irmã de Alex.

-Ola Ana, tudo bem? – disse Toninho.

-Sim e não.

-Por quê?

-Bem... eu acho que não é do seu interesse, mas o Alex pediu para eu avisá-lo que a Veruska morreu.

-O que, como assim morreu?

-Ela foi encontrada morta a beira mar, na praia grande, na manhã de hoje.

-Ela morreu de que, foi afogamento?

-Não, a causa da morte, conforme a pericia, foi overdose. O corpo vai estar chegando ao cemitério da Vila Formosa, por volta das 2:00 da manhã, e o enterro será as 13:00, você vai vê-la?

-Não, eu acho que não seria bem recebido pelos familiares dela. Mesmo assim, obrigado por vir me avisar.

10 Capítulo

Toninho, apesar das aventuras vividas, dos anos passados, não conseguiu esquecer a bela Letícia. Afinal, de uma forma ou de outra, ela estava sempre presente em sua vida. Na véspera de sete de setembro de 1995, Maria recebera uma visita inesperada, uma amiga que não via há algum tempo, fora com o marido e filho visitá-la.

Após o almoço chegaram também suas sobrinhas e sobrinhos. Maria estava radiante de felicidade.

Letícia sugeriu que seria bom, pegarem alguns filmes na locadora, para assistirem, Toninho se propôs a ir buscar. Letícia ficou surpresa com a oferta, fez uma breve lista dos títulos dos filmes que ela queria. Fabio, marido da amiga da mãe de Letícia e seu primo Dudu, se propuseram a irem a locadora com Toninho, e assim foi, os três foram para a locadora.

Além dos filmes da lista de Letícia, Toninho trouxe *TRAÇOS DA MORTE 2 E O FIME CORINA*. Foi uma tarde agradável, todos sentados no sofá e no tapete da sala. Assistindo filme, com direito a pipoca e guaraná. Letícia parecia esta muito feliz, vez por outra Toninho dava uma olhada para ela.

Ao anoitecer, todos foram embora. Honório tomou banho e foi para a reunião de sua igreja, Letícia não o acompanhou, já fazia uns três anos que ela se desligara da igreja. O jantar, como de costume fora servido as oito em ponto. Após o jantar, Maria foi lavar a louça e, Letícia convidou Toninho para assistir os outros vídeos.

Por volta das dez e meia, Honório chegou da igreja, foi ate a sala de áudio e vídeo, observou os três, sua esposa, filha e Toninho assistindo filme. Após ter ido ao quarto e trocado de roupa, foi a cozinha, fez um lanche e depois, se juntou aos outros a sala de áudio e vídeo.

O filme que estava sendo assistido era *CORINA*, que tinha como atores principais: *Whoopi Goldberg, Ray Liotta e Joan Cusack*. Honório parecia estar cansado, dez minutos, ele já estava cochilando, não resistindo ao sono ele fora para o quarto, logo após Maria fora no encalço dele. Após o termino do

filme, Toninho quis ir para o seu quarto, mas Letícia insistiu que ele ficasse e assistisse com ela o filme *O JUIZ*, estrelado por: *Sylvester Stallone, Diane Lane, Armand Assante e Rob Schneider*. Ele, meio desconfiado, decidiu ficar.

Os trailers do inicio do filme, anunciava os próximos lançamentos. Naquele ano, dia 15 de dezembro seria lançado no cinema o filme *CORAÇÃO VALENTE*, o filme teria com ator principal: *Mel Gibson interpretaria William Wallace, um escocês que tem sua mulher morta por soldados ingleses em sua noite de núpcias*. Era uma grande promessa para o fim do ano. Letícia se mostrou entusiasmada. Vendo que ela demonstrava grande interesse pelo filme, Toninho propôs que eles fossem juntos ao cinema no dia do lançamento... Letícia concordou.

Naquela noite Toninho quase não dormiu, pensando na besteira que havia feito ao convidar Letícia para sair. Tudo bem que o convite era para assistir um filme que iria estar em cartaz só dali a quatro meses. Talvez no decorrer dos meses ela esquecesse o convite. Mas para ele, era o começo de uma longa tortura. O que ele poderia fazer para não ter a mesma frustração de cinco anos atrás, quando o pai dela lhe dissera que não deixaria os dois namorarem, porque ele não era o rapaz certo para sua filhinha

Letícia, além do mais, a igreja deles não permitia que seus membros namorassem com pessoas que não tivessem a mesma fé.

O rapaz ponderava, rolando sobre a cama, do canto para a beirada, da beirada para o canto. É verdade que a cinco anos passados, Letícia ia a igreja com o pai, mas agora, ela já estava afastada há uns três anos. Toninho, após conjectura com o travesseiro, decidiu que iria se tornar crente, se fosse necessário para não perder Letícia mais uma vez.

O tempo foi passando, ele passou a conversar com Letícia com mais frequência, sempre que possível ele dava um jeito de está próximo dela, ele até passou a adquirir livros da revista circulo do livro, da qual Letícia era assinante. Certa vez, ele comprou um livro de titulo “Uma Fortuna Perigosa” do escritor inglês Ken Follett. Letícia ao saber por sua mãe, que Toninho havia adquirido aquele livro com a moça que deixava as revistas do circulo do livro para ela, ficou eufórica.

-Mãe, - disse ela toda feliz, enquanto tomava um copo com água na cozinha – depois a senhora pede a ele para me emprestar o livro, tem uma amiga lá no banco que já o leu, ela disse que esse livro é bárbaro.

-Tudo bem, mais por que você mesma não pede a ele.

-Está bem, na hora do jantar eu falarei com ele.

Toninho só tinha lido o prefácio do livro, mas ficou feliz em ter algo que era do interesse de Letícia. Esse ocorrido fez com que Toninho decidisse tomar a decisão de conhecer a igreja do pai de Letícia. Pensava que dessa forma o pai dela não iria opor, caso eles viessem a namorar.

No sábado seguinte, Toninho foi ao centro da cidade, comprou roupa social e sapato. A reunião, conforme fora informado por Honório, começava as 17h00m. Para não correr o risco de chegar atrasado ele começou se arrumar uma hora antes, mas, depois de estar pronto, ele ficou com medo que Honório percebesse qual era a sua jogada. Depois do impasse entre ir ou não ir, ele foi. O salão como eles chamavam era um local simples com cadeiras fixadas ao piso. Embora, um jovem e um senhor que estavam próximo a entrada, insistisse para que Toninho entrasse e se sentasse. Ele preferiu ficar ali na entrada.

Foi uma reunião muito instrutiva. O orador falou sobre a importância de servir a Deus, de não estar se apegando as coisas do mundo. Frisou que tudo que há no mundo é passageiro, mas o que Deus promete aos que lhe são leais é de valor inestimável. Quando tudo terminou, Toninho perguntou ao jovem que ficara o tempo todo na entrada do salão.

-O que eu tenho que fazer para ser um membro da igreja?

-Você precisa estudar a bíblia, – respondeu o rapaz – é através do estudo que você vai saber quem é Deus e o que ele espera de você.

-E com quem eu posso falar para ter esse estudo?

O rapaz direcionou o olhar de Toninho, por entre a multidão apontando para o orador que havia feito o discurso. O sujeito era um rapaz na casa dos trinta, trinta e três anos, ele estava rodeado de pessoas que o cumprimentavam pelo discurso.

-Ele parasse que está meio ocupado, deixa ..., outro dia eu venho aqui e falo com ele.

-Não, vem comigo que eu lhe apresento a ele, e ai você conversa.

Os dois saíram se esgueirando por entre o povo.

-Carlos, este aqui é...

-Toninho.

-Sim, este jovem quer estudar a bíblia, será que você pode falar com ele um instante.

-Sim, como não.

O rapaz os deixou com versando. Em casa, na hora do jantar, Toninho contou a boa nova para os presentes a mesa. Osvaldo achou engraçado, Maria disse que seria bom saber um pouco a respeito de Deus.

-Eu sou católica desde pequena e estou feliz assim, mais não desfaço de religião nenhuma... o que importa é estar servindo a Deus.

-Quem vai ser seu instrutor – Perguntou Honório

-O Carlos Molinari.

-Ah, ele e um bom rapaz, é novo na verdade, mas tem grande alvos no ministério.

Após o jantar, Honório convidou Toninho para ver alguns livros que provável mente, seria utilizado para o estudo, ensinou a ele como funcionava o estudo, para que no dia, ele não ficasse perdido. Naquela noite Toninho dormiu, pois, a julgar pelo interesse de Honório em ajudá-lo, mostrava que ele estava no caminho certo.

*

Os dias foram passando, Toninho ia se aprofundando no estudo da bíblia. Em poucos dias, ele aprendera sobre Deus, coisas que não havia aprendido durante todo o tempo que vivera com seus pais. Embora seus pais tivessem sido adventistas, eles não falavam muito sobre Deus em casa.

Os dias estavam muito corridos no mês de dezembro. Com o aumento de pedidos na fabrica, devido ao natal que se aproximava.nos fins de semana até Letícia acabava tendo que ajudar na sessão de acabamento... devido a toda essa correria, chegou o dia do lançamento do filme e, nem Letícia e nem Toninho se lembraram do que haviam combinado.

No dia vinte e um, Honório dera ferias coletiva para todos os funcionários. No dia vinte e três, a família desceu para a praia de Cananéia, para voltar só depois do ano novo. Toninho Ficou para tomar conta da casa, e atender alguns clientes retardatários, em retirar suas encomendas.

Enfim..., 1996. Toninho viu que se ele quisesse ter um futuro melhor, teria que estudar. Com a ajuda de D. Maria, esposa de seu patrão, ele conseguiu fazer inscrição em uma escola que tinha supletivo à noite. No dia 05 de fevereiro de 1996, Toninho teve sua primeira aula. Visto que Letícia já tinha terminado seus estudos e já era funcionaria em um banco de finanças, Toninho queria ampliar suas possibilidades de chances para com ela.

No primeiro dia de aula tudo foi estranho para ele. Os alunos, embora fossem todos adultos, agiam como crianças. Toninho como sempre fora instruído, que todos os que têm certa autoridade sobre outros devem ser respeitados, logo ganhou a admiração da professora, por seu jeito educado de ser.

A primeira tarefa que a professora propôs, foi uma pequena redação, na qual os alunos deveriam dizer seus nomes, quais os seus sonhos... dizer sua idade, citar livros que já tinham lido e quais seus autores preferido. Na hora do intervalo, Toninho ficou isolado, por ser muito tímido, ele se sentia um peixe fora d'água no enorme refeitório da escola.

Em meio aquela multidão, ele visualizou uma belíssima morena que fumava em um canto, era uma mulher na casa dos trinta e oito anos, mas tinha um corpo escultural, longos cabelos negros e aproximadamente 1,75 de altura. A beleza daquela mulher e a tristeza estampada em sua face lhe chamaram atenção. Para se aproximar dela, ele fingiu ir tomar água no bebedouro próximo a ela. Após ter tomado forçados goles de água, ele se sentou no banco de madeira próximo a ela. Não demorou muito e ela se sentou perto dele.

-Cigarro – disse ela a Toninho.

-Não, obrigado, eu não fumo.

-Eu tenho tentado parar mais não consigo, quando eu fico nervosa então, é um atrás do outro.

-Entendo.

Toninho olhou para ela, e percebeu que a mão dela tremia quando levava o cigarro aos lábios.

-É seu primeiro dia aqui? – continuou Toninho.

-Não, comecei aqui no ano passado, e você?

-É meu primeiro dia, muito prazer, Antonio Pereira da Silva.

A moça começou a sorrir.

-Prazer, eu me chamo Vera – disse ela tentando segurar o sorriso.

-O que foi?

-Me perdoe, mais é que você falou de um jeito engraçado.

-Tudo bem, ...é que sou mineiro, embora eu já esteja residindo em São Paulo a cinco anos, ainda não perdi o hábito de me apresentar sem dizer o nome todo, mas pode me chamar de Toninho.

-Esta bem... Toninho.

Vera tinha lábios carnudos, usava um batom vermelho que os realçava, deixando-lhe a boca mais sensual. Toninho reparou os contornos do rosto dela detalhadamente, em seguida ele olhou para os alunos, alguns tomavam seus lanches ordeiramente, outros simplesmente conversavam, na verdade gritavam, pois em meio a tanta gente... era impossível ser ouvido se não gritasse.

-É difícil suportar toda essa algazarra, não é mesmo? - disse Vera, soltando uma baforada de fumaça, do seu insuportável Hollywood.

-É..., as pessoas aqui parecem estar em um concurso para ver quem fala mais alto.

-Eu estou na segunda série e você, em que classe você está?

-Na quarta, mas eu não estou conseguindo acompanhar. Eu não sei como eles me mandaram para lá, eu nunca estudei antes, só me deram um teste para fazer e com base no que respondi, eles disseram que estou apto para a quarta série.

-Mais é assim mesmo, quando eu entrei aqui no ano passado, eu fiz o mesmo teste.

-Fala sério! eles colocam no papel a pergunta: o que você faz com o lixo produzido em sua casa?

As alternativas são:

() A – Varre o lixo para o quintal?

() B - Esconde debaixo do tapete?

() C – colocá-lo em um saco, para lixo e deixa no sexto de lixo para o lixeiro recolher?

-Não há dúvida – continuou ele – de que a alternativa certa é a C. só um tapado ou um porco, não escolheria a terceira alternativa.

-Você tem razão, o teste é muito fácil mesmo, mas se você acha que ficar na quarta série é perda de tempo, vá a diretoria, fala para o coordenador que a quarta série está muito difícil para você acompanhar.

Quando o sinal tocou, todos os alunos voltaram para suas respectivas classes. Toninho se despediu de Vera, dizendo que seguiria o conselho dela, e no dia seguinte ele falaria com o coordenador de pedagogia.

Por volta das 23h15m Toninho estava chegando em casa. Honório e Maria já tinha se recolhido, Letícia estava na sala de áudio e vídeo, assistindo o filme que era exibido em “Tela quente”, ela parecia estar triste, mais não quis dizer a Toninho o motivo do semblante decaído. Toninho foi à cozinha, fez um

um prato com arroz, feijão e legumes e, foi para o seu quarto que ficava fora da casa, próximo à dispensa. Após ter jantado, colocou o prato sobre o criado mudo, assistiu um pouco de TV, depois foi

fazer o dever de casa, que a professora lhe havia passado. Para ele tudo que aprendeu naquela noite era algo novo, estava muito empolgado com tudo, quando foi dormir já passava da 01h00 da manhã.

Pela manhã, Toninho tomou um banho para despertar, sentia o corpo quebrado como se tivesse sido atropelado por um caminhão. Ao adentrar a cozinha com o pranto na mão, Honório estava acabando de tomar um cafezinho.

-Bom dia Rapaz, - disse ele a Toninho – como foi ontem o seu primeiro dia de aula?

-Foi bem, encontrei certa dificuldade em algumas matérias, no mais eu gostei.

-No começo é assim mesmo, mas daqui uns dias você vai ver, vai esta tirando tudo de letra.

-Assim espero.

-Toninho antes de você ir para a sessão, desça ao escritório que preciso ter um particular com você.

-Esta bem Sr. Honório, é só o tempo de tomar um gole de café, e já desço para falar com o senhor.

Toninho ficou meio apreensivo, - o que será que o Sr. Honório quer falar comigo tão cedo, será que fiz algo de errado ontem? Não a de ser nada importante.

11 Capítulo

Honório estava muito preocupado com a queda que tivera nas vendas nos últimos dois anos, mas não havia nada que pudesse fazer para mudar o quadro, a não ser administrar bem o pouco que estava ganhando. Ele calculava as vendas do último mês quando Toninho bateu na porta.

-Entre – disse Honório.

Ao adentrar ao escritório, Toninho percebeu que Honório estava preocupado com alguma coisa.

-Sente-se, – continuou Honório, indicando à cadeira sua frente - é rapaz, a coisa esta feia, vamos ter que fazer alguns ajustes.

-As vendas caíram muito este ano Sr. Honório, temos em estoque quase trezentas peças... nunca aconteceu isso nestes cinco anos que estou aqui!

-É verdade, muito embora, todo começo de ano seja difícil, este ano esta mais devagar, espero que as coisas melhorem depois do carnaval. Mas o que eu quero falar com você, é sobre outra coisa.

-Vamos lá.

-Pois é Toninho, você sabe que eu o tenho quase como um filho, a Maria também gosta muito de você, mas... eu quero te pedir um grande favor, na verdade, alguns favores

-Pode pedir Sr. Honório.

-Bem... eu tenho observado que você e Letícia tem conversado bastante ultimamente e... sabe rapaz, eu não tenho nada contra você, pelo contrario, ate o admiro por ser um rapaz respeitador. Toninho abaixou a cabeça, deduzindo o resultado daquela conversa.

-Você se lembra, – continuou Honório - da conversa que tivemos há uns quatro anos atrás?

-Sim, eu me lembro – disse Toninho sem olhar para o patrão.

-Pois é... naquela época eu disse que não deixaria você namorar com a Letícia, porque você não servia para ela... hoje a situação mudou. Eu não deixo você namorá-la porque ela não serve para você. Ela tem tido um comportamento rude com a mãe dela, quando chega do trabalho, fala mal da mãe, reclama da comida e etc.

Ontem eu tive que dar umas bolachas nela, ela já esta uma moça, mais enquanto estiver debaixo do meu teto, comer a minha comida eu exijo respeito. Não só isso, já faz um três anos que ela não quer saber de ir a igreja, ela já é maior de idade e eu não posso obrigá-la, porem, não vou admitir que ela trate mal, ou desrespeite a mim ou a mãe dela. Não leve pro lado pessoal rapaz, mas eu não permito que vocês namorem, tudo bem?

Toninho não respondeu, na verdade, naquele momento o que ele queria era dar um sopapo na fuça do patrão, pedir as contas e se mandar... mas lá no íntimo uma voz lhe dizia, - entenda, se ele que é pai está dizendo que ela não serve pra você, ele sabe o que está dizendo – por instantes, Toninho pareceu estar em outro planeta.

-Tudo bem rapaz!?

-Sim Sr. Honório...

-Não me queira mal, rapaz, mas é para o seu bem. Ainda mais agora que você está estudado a bíblia e, seu instrutor tem elogiado muito... eu acho melhor você esperar, ter paciência, cedo ou tarde apareceria alguém especial, Letícia não é a única moça no mundo. Na igreja tem um monte de moçinhas que possam vir a se interessarem por você, por exemplo, aquela moreninha, como é que é o nome dela meu deus? A sim, Juliana, filha do irmão Carlos, ela sempre pergunta de você, quais são os seus objetivos... ela é uma moça muito bonita, você não acha?

-Sim, ela é bonita...

-Então Toninho. Além do que, ela está servindo a Deus e, você já aprendeu que o servo de Deus só deve se casar no senhor e, minha filha... Infelizmente não quer saber de nada, então vamos por um ponto final neste assunto, estamos entendidos.

-Sim.

-Ok! Tem outro assunto que quero te fala. Como você sabe o meu filho, o Valdir já não é sócio da empresa há dois anos, está trabalhando na área de telefonia, não quer saber da firma.

Honório contou a Toninho tudo que pretendia fazer. Disse que estava cansando, que estava perto de se aposentar e não queria ter muitas preocupações, dali por de diante iria reduzir sua presença na firma e que para isso contava com a ajuda de Toninho.

Já que as vendas estavam despencando, Honório viu a oportunidade para realizar um antigo sonho, se dedicar mais a obra de Deus, ou ao ministério como ele dizia. No mês de maio ele iria viajar para um congresso da igreja, que seria realizado na Bahia e, quando voltasse, só iria aparecer na firma por meio período, pela manhã ele iria esta pregando a palavra de Deus.

Enquanto eles ainda conversavam o sinal tocou, avisando aos funcionarias que era hora de começarem a trabalhar. Honório entregou para Toninho, uma lista com os nomes dos oito funcionários que seriam dispensados. Toninho olhou a lista rapidamente.

-Não tem outro jeito mesmo, Sr. Honório? Com este corte, vamos ficar apenas com três pessoas no acabamento e, cinco na montagem.

-Não há outra saída, tenho que diminuir os gastos, a dispensa destes, vão representar uma redução de R\$ 1440,00, na próxima folha de pagamento, isto sem contar os impostos. Terei hoje um gasto em torno de R\$ 4000,00 a R\$ 5000,00, mas é melhor do que ficar com eles ai, gastando força, água e só acumulando peças em estoque.

-O senhor tem razão, vou mandá-los descer.

-Só me faça um favor, mande um por vez.

-Ok.

Quando Toninho chegou à sessão, alguns dos rapazes estavam brincando de guerra, com os grampeadores pneumáticos. Por estar absorto em seus pensamentos, dado as notícias que recebera, e as que teriam de transmitir, não dera bronca nos rapazes como faria em outras circunstâncias. Como o nome de dois dos rapazes que brincavam, estava na lista de demissão, ele simplesmente disse secamente.

-Rogério, desça ao escritório, vai falar com o Sr. Honório.

Os demais foram, sucessivamente, conforme os que haviam descido ia voltando para se despedirem dos colegas. Toninho gostaria de ter conversado contados antes, explicado a situação, mas sua cabeça estava a mil. Após ter dado as instruções para o pessoal, sobre o trabalho que deveria ser feito, ele foi ao banheiro para passar uma água no rosto.

Toninho não conseguia entender porque Honório se opunha tanto, a possibilidade de tê-lo como genro, sempre que tentava se aproximar de Letícia, ele se intrometia e, nunca era convincente em seus argumentos. Mas dessa vez, ele conseguiu deixar Toninho com a pulga atrás da orelha, ao dizer que as coisas haviam invertido. Que agora era ela, Letícia, que não servia para ele.

-Será que é só uma jogada do Sr. Honório, para que eu me afaste de sua filha -perguntava Toninho para sua imagem refletida no espelho do banheiro - ou ela realmente esta aprontando algo que eu desconheço.

Toninho se sentia de mãos atadas mais uma vez. Quem poderia dizer a ele o que realmente estava acontecendo? Oswaldo já havia voltado para Governador Valadares há seis meses, por ter tido um desentendimento com um funcionário na seção de acabamento, se ele ainda estivesse em São Paulo, com certeza saberia o que estava se passando com Letícia.

-Mas..., chega de ficar pensando em Letícia, ela nunca vai ser minha mesmo, ela foi apenas uma paixão de adolescente, perdido, solitário na grande São Paulo. É isso ai, vou te esquecer de uma vez por todas...

Letícia, vou apagar você da minha memória. – ele disse isso ao espelho, foi até o suporte de papel toalha, puxou duas folhas, tirou o excesso de água do rosto e voltou para a sessão.

Os rapazes estavam todos desconfiados, Rogério ainda não havia voltado do escritório. Eles queriam saber o que estava acontecendo, porque cinco deles teriam que falar, alguns até se defendiam dizendo que nem havia tocado nos grampeadores. Toninho lhes explicou que não era pela brincadeira, embora fosse errado brincar com algo tão perigoso, que se pegasse nos olhos ou no pescoço poderia até matar a pessoa. O real motivo era que a firma estava passando por uma crise financeira e, precisava reduzir o quadro de funcionários, ele explicou que não seria só na sessão de montagem, o acabamento também sofreria o corte de três pessoas.

Na hora do almoço, Maria não estava falante como o costumeiro, parecia abatida. Toninho, só se limitou a cumprimentá-la quando adentrou na cozinha, sentou-se a mesa, e se serviu. Honório havia ido ao contador para resolver o assunto das demissões. Maria ao perceber que Toninho também parecia meio triste, comentou:

-Pelo jeito o Honório já falou com você.

-Sobre?

-Do que ocorreu ontem.

-Ele só me disse para eu me afastar da Letícia.

-É filho, o Honório cabeça dura, às vezes age sem pensar... mas a culpa é minha, eu estava dando uma arrumada no quarto dela e acabei encontrando algumas coisas, uns cigarros... nas coisas dela, contei a ele e quando ela chegou ontem a noite ele foi falar com ela.

Maria começou a tremer, e as lágrimas se tornaram visíveis.

-Não fique assim D. Maria...

-Ah filho, eu não sei o que esta acontecendo com essa menina, desde que ela começou a trabalhar neste banco ela mudou muito... Reclama de tudo, diz que a minha comida é um lixo. Wellington, meu sobrinho havia dito que ela estava andando com uma Turma da pesada ai da COHAB, mas eu pensei que fosse conversa do moleque. Ela diz jurou para o pai que os cigarros não são dela, mas estavam nas coisas dela, em que devo acreditar?

Maria desabafou, contou a Toninho tudo que estava acontecendo. Toninho não podia acreditar com sua paixão, uma menina crente, comportada... Estivesse enveredado por caminhos tortuosos.

*

Decidido a esquecer Letícia de uma vez por todas, Toninho começa a namorar uma garota da escola, de nome Luciana. No começo ele tentou esconder de todos que estava namorando. Devido ao fato de a igreja aconselhar seus membros a não se envolver emocionalmente com alguém de fora, que não seja

da mesma fé e, também por Luciana ser uma moça diferente, daquilo que Honório e Maria idealizava para ele.

O namoro foi ficando serio. Como Luciana trabalhava como vendedora em uma loja na Rua Vinte e Cinco de Março, de segunda a domingo, eles se viam mais na escola e nos fins de semana. Toninho ia para casa dela e a levava ao cinema e pizzaria. Passados três meses de namoro, Toninho deu o telefone de casa para ela, quando ela passou a ligar para ele, a família ficou sabendo que ele estava namorando... ai começou as oposições.

Maria não dava palpite, para ela o que importava era que Toninho estivesse feliz. Já Honório, na primeira vez que ele atendeu uma ligação de Luciana, não deu outra... foi falar com Toninho. O rapaz sendo respeitador como era, não argumentou, apenas afirmou que estava namorando e que era algo serio. Mas a marcação era ferrenha. Quando era Honório ou Letícia que atendiam as ligações de Luciana não lhe era passado o recado, Toninho só ficaria sabendo que Luciana havia ligado para ele quando chegasse na escola.

Como o quarto de Toninho era pequeno, só tinha uma cama e um guarda roupa de solteiro, este já não comportava as suas roupas. Desde que começará a estudar a bíblia, ele pausou a guardar suas roupas sociais, no quarto de hóspedes. Como o quarto ficava no segundo piso da casa, sempre que tinha que sair, tinha que ir a casa e subir até lá. Visto que no piso superior ficava a suíte do casal e o quarto de Letícia, Toninho sempre pedia permissão quando precisava ir pegar suas roupas. Ele tinha passe livre por toda casa, mas a boa educação não o permitia fazê-lo sem avisar previamente.

Certo dia, Maria teve que viajar para a cidade de Volta Redonda, devido ao falecimento de um primo e, acabou ficando quinze dias por lá. No sábado em que ela chegaria, Toninho tinha marcado com Luciana que iria encontrá-la por volta do entardecer na estação do Metrô da Penha, pois iram a uma festa de aniversario de uma amiga dela. Visto que Luciana morava perto da estação, isso facilitava para ambos, pois essa amiga morava perto do Terminal Parque D. Pedro. Às duas horas, Toninho começou a se arrumar, tomou banho e depois foi para escolher a roupa que usaria. Letícia estava na sala assistindo TV, ao vê-la ele a cumprimentou.

-Oi Letícia, tudo bem?

Ela olhou para ele com cara de poucos amigos e respondeu secamente.

-Tudo.

-Posso subir para pegar uma muda de roupa?

-Não.

Toninho se surpreendeu com o veemente não dela. Ao primeiro momento ele recuou, mas ao chegar à porta, ele voltou e insistiu.

-Por favor, serei rápido, estou atrasado para um compromisso!

-Não, meu pai não está e você não vai subir.

Toninho voltou para o seu quarto, e tentou se acalmar, afinal ela era a dona da casa na ausência de seus pais ele tinha que respeitá-la. Alguns minutos se passaram e ele decidiu ir até a garagem e ver se o carro de Honório estava lá, ao verificar que o automóvel estava lá, ele se animou e voltou a casa, Letícia continuava assistindo TV. Embora soubesse que Honório estava em casa, ele perguntou a ela.

-Letícia, seu pai já chegou?

-Não, ele ainda não chegou.

-Estranho, o carro dele está na garagem.

-Se ele chegou, eu não o vi.

-Então, eu posso subir para pegar a minha roupa?

Ela fechou as mãos, em sinal de ira e disse secamente.

-Não, você não vai subir para pegar roupa nenhuma.

Toninho, triste e preocupado com a hora do encontro com sua namorada, decidiu esperar no hall, entre a área de serviço e a cozinha, até que Honório viesse na cozinha para fazer um lanche ou tomar água. Não demorou muito para ele aparecer cantarolando, ao ver Toninho encostado na coluna que ficava entre o hall, e a área de serviço, perguntou se estava tudo bem. Toninho anuiu com a cabeça que sim e, pediu para ir pegar a muda de roupa e foi embora. Naquele dia ele não voltou para casa, só deu notícia no domingo por volta das 22h00. Honório demonstrou preocupação, dizendo:

-Filho quando for assim você avisa, porque numa cidade perigosa como São Paulo, tudo é emotivo para pensar o pior, a Maria já estava cogitando a possibilidade de chamarmos a polícia desde a hora do almoço, se você não chegasse ou não desse notícias até meia noite, nós iríamos a polícia.

-Mil perdões Sr. Honório, eu vou chegar pela manhã bem cedo, aí eu explicarei tudo.

-Tudo bem mais não faça mais isso, por favor.

*

Toninho passou mais uma noite na casa da namorada, contra vontade dos futuros cunhados, mais eles nada podia fazer para impedi-los de estarem juntos, já que Luciana demonstrava estar gostando muito de Toninho. A irmã mais nova de Luciana, até pediu para falar em particular com Toninho. Pediu a ele que não brincasse com os sentimentos da irmã dela. Disse que estava preocupada, pois Luciana era pacata, não era dessa que fica com um “cara” hoje e outro amanhã. Disse que apesar da irmã já estar com

seus vinte e dois anos, ela só havia tido um namoradinho, que a traiu com sua melhor amiga, e não queria ver sua irmã se machucar novamente.

Toninho explicou a Rosa, irmã de Luciana, que não pretendia brincar com os sentimentos dela, que ele também já tinha tido suas decepções na vida e entendia sua preocupação. Por volta das cinco da manhã, Toninho se levantou e foi para casa. Ao adentrar na cozinha, Honório já o aguardava.

-Bom dia Antonio – disse ele com um tom, um tanto quanto áspero na voz – o que foi que aconteceu, para você ter nos pregado este susto?

Toninho engoliu em seco, e respondeu com rispidez.

-Bom dia para o senhor também.

-Ou, ou, ou! Vamos devagar rapaz, sei que você não é mal educado e nem quer agir como tal.

-Me perdoe, é que...

-Tudo bem, me conte o que foi que aconteceu para você ter sumido, nos deixando preocupados?

-Bem Sr. Honório...

-Desembucha rapaz, estou ouvindo.

Por um momento, Toninho tentou procurar palavras que explicasse seu sumiço, sem envolver o nome de Letícia.

-Bem, Sr. Honório – disse finalmente – como o senhor já deve estar sabendo, eu estou namorando uma moça que mora na Penha. O que aconteceu foi que no sábado, ela me convidou para ir à casa de uma amiga dela, que mora perto do mercadão. Conversa vai e conversa vem, quando vimos já era duas da manhã, já não tinha mais condução e acabamos dormindo na casa dessa amiga.. Levantamos tarde e quando dei por mim já era quase dez da noite, ou seja, na hora que eu liguei para o senhor ontem.

Honório começou a sorrir.

-Sabe rapaz, você até que sabe mentir bem, mais eu já sei de tudo, ontem Letícia estava meio agitada com o fato de você não ter dado notícia, eu a coloquei contra parede e ela me disse o que aconteceu. Eu só queria saber se você iria dedurá-la.

-Me desculpe Sr. Honório, mais é que eu me senti meio humilhado.

-Tudo bem, mais você tem liberdade para ir e vir quando e onde quiser aqui em casa. Eu e a Maria tivemos uma longa conversa com a Letícia, ela não vai mais te incomodar, mas, se ela voltar a querer te impedir de pegar sua roupa ou qualquer outra coisa, você fala comigo que eu dou um jeito nela, essa menina está ficando impossível.

*

Embora Toninho se sentisse bem ao lado de Luciana, sua consciência o atormentava, pois ele sabia que não podia esconder seu namoro por muito mais tempo, cedo ou tarde seu instrutor iria perceber que ele estava preocupado com alguma coisa, que ele andava meio diferente. Ele tentou fazer com que Luciana conhecesse a sua fé, ele até levou ela em uma reunião, perto da casa dela, onde ninguém o conhecia, para que ela ver como era, mas Luciana não parecia interessada.

Dado ao desinteresse dela, ele comentou que se ela não se convertesse, eles não poderiam continuar juntos. Ficaram sem se ver uns dois dias, mais ao perceber que ela estava muito infeliz, ele deu a ela mais uma chance. Depois disso eles terminaram algumas vezes, mas, as amigas dela sempre conversavam com ele. Dizia que ela estava sofrendo muito, apelavam para a possibilidade de Luciana cometer uma loucura.

Certa vez, a irmã dela ligou para Toninho desesperada. Estava preocupada com o estado emocional da irmã, disse que ela não tinha ido trabalhar naquele dia, que não quis se alimentar e que só falava que queria morrer. Toninho, por ser um rapaz que fora instruído, a ser responsável, ponderou a situação e foi vê-la à noite. Dessa vez ele percebeu que sua historia com Luciana já tinha ido longe demais, que só tinha dois caminhos a escolher, casar-se com ela ou sumir da vida dela correndo risco de receber uma noticia sobre ela ter cometido alguma loucura. Seu bom senso lhe dizia que a primeira opção, era a mais correta, visto que eles haviam passado a linha demarcatória dos beijos e abraço.

Quando iam completar sete meses de namoro Toninho fez uma surpresa para Luciana. Marcaram de se encontrar no Mappin, (uma loja de departamento, tinha quase tudo, desde moveis a consorcio de automóveis). Ela foi para comprar um edredom, mas a intenção de Toninho era outra. A primeira coisa que ele fez foi levá-la ao departamento de jóias e comprou um par de alianças de noivado. A noite, quando já estavam na casa dela, ele pegou a caixa com as alianças, segurou a mão dela e disse:

-Luciana, eu não tenho muito para te oferecer, talvez tenhamos que enfrentar algumas dificuldades na vida, provavelmente teremos que morar de aluguel por algum tempo, mas se você estiver disposta a correr os riscos da viver ao meu lado, eu estou disposto a dividir a minha vida com você.

-Eu topo, - disse ela com um brilho no olhar - com meu salário na loja e o seu na fabrica poderemos, construir um futuro juntos.

Toninho sabia que a vida com ela poderia não ser um mar de rosas, mais era o máximo que ele poderia oferecer a ela naquele momento, abriria mão dos seus sonhos, e tentaria fazê-la feliz. Ele Abriu a caixinha e colocou a aliança no dedo dela, em seguida, ela fez o mesmo e selaram o momento com um beijo. Já que haviam ficado noivos, Toninho decidiu apresentá-la para os seus patrões, os quais ele considerava como sua família.

O dia seguinte era véspera de natal. Ele queria apresentá-la em grande estilo. Então tiraram o dia para se prepararem. Ele a levou ao salão de beleza. Cuidaram dela dos pés a cabeça. Compram roupas e

sapatos, e a noite, ela foi apresentada aos patrões. Quando chegaram a casa de Honório, ele não estava, havia ido a reunião da igreja, só estavam em casa Maria e Letícia. Maria ficou feliz por conhecer Luciana, ela a tratou como uma amiga que não via há anos. Letícia foi gentil. Depois de ter apresentado Luciana a família. Toninho a levou a uma pizzaria para comemorarem a ocasião.

12 Capítulo

Passado as festas de fim de ano. Iniciou o ano 1997, com novas esperanças. Honório decidiu que o prédio de dois andares, onde funcionava a fabrica havia se tornado grande demais para a quantidade de peças que eram fabricadas. Um espaço menor seria mais adequado, reduziria os gastos e poderia usar o prédio para outras finalidades. Depois de calcular os custos e benefícios, ele decidiu vender cinco de seis lotes que havia adquirido atrás da favela Nhocune. Com o dinheiro da venda dos terrenos, ele iria construir um prédio menor, no lote restante, nas mesmas características do outro prédio, porem, usaria o primeiro piso para a fabricação das tabuas, em cima seria moradia.

Tão longo fora vendido os terrenos. Fora contratada uma construtora para efetuar o projeto. Em apenas quatro meses a fabrica já estava funcionando no novo endereço com apenas oito funcionários. Honório aparecia cada vez menos na fabrica. A produção havia se estabilizado, em uma media de 1200 peças mês. Isso representava uma queda, a contar dos últimos dois anos, de 76%. Mas para Honório, isso não o estava afetando em nada, pois ele adaptara o antigo prédio, da Rua Leonardo Cristino para moradia, das nove casas que foram feitas com a divisão do espaço, três já estavam alugadas. Sua renda estava se estabilizando.

Quando todas as casas já estavam alugadas, Honório propôs que Toninho assumisse a fabrica de vez. Vendeu para ele os maquinários a preço módicos e também a carteira de clientes que lhe restara. Tominho arregaçou as mangas e foi à luta. Para aumentar o capital de giro, ele adotou preços promocionais, vendia as peças com 50% de desconto para o varejo, com isso ele mantinha dinheiro em caixa e podia facilitar o pagamento para os atacadistas em 15 e ate 30 dias, tudo dependia da quantidade que o cliente comprava.

Mas todo este estresse, não lhe estava fazendo bem. Trabalhava de segunda a segunda, às vezes não tinha tempo nem para fazer uma refeição decente. A preocupação com o casamento que se aproxima tudo lhe era desgastante. Começou a ter problema de pele, inchaço nas mãos, pequenas erupções pelo corpo. Iniciou-se árduo tratamento dermatológico, mais os médicos pareciam não conseguir acertar o medicamento. Após dois meses de correria, entre um medico e outro Toninho decidiu adiar o casamento. Depois de iniciar um novo tratamento na Santa Casa, na segunda consulta foi diagnosticado, que não havia nada de grave, seu problema era estresse emocional.

Visto que havia aplicado todas as suas economias na firma, e de contrapeso o problema de saúde, que lhe fez gastar alguns trocados. Decidira que melhor seria esperarem mais um pouco para se casar. Apesar de já estar bem melhor de saúde Luciana não se opôs a isso. Tudo estava indo bem, até que alguns membros da família de Luciana começaram maltratá-la, fazendo piadas, da situação. Como a casa em que íamos morar já estava quase pronta, Toninho ponderou a situação. Ele estava magoado. Já não agüentava mais fazer com que Luciana fosse maltratada, por seus parentes, não vendo outra saída, ele quis por um ponto final naquela historia.

Em plena segunda-feira, após o expediente na fabrica, ele foi à casa da namorada para conversar com os irmãos dela. Pois não era possível falar com os pais da moça, visto que eles moravam em Pernambuco. Toninho conhecia apenas a mãe. Já passava das dez quando ele chegou. Antes de comunicar a família sua decisão, ele conversou com a noiva primeiro e ela concordou em ir mora com ele, ate as coisas melhorarem um pouco mais. Eles moraram juntos por sei meses, e então decidiram se casar finalmente.

Toninho queria uma cerimônia simples, algo para apenas cinquenta pessoas no Maximo. Não alugariam um salão de festa, fariam a recepção no quintal de casa mesmo. Um bolo e uma churrascada, só para a ocasião não passar em branco, afinal já estavam morando juntos há seis meses, o casamento era só uma formalidade. Para Luciana não teria problema algum. Maria e Honório não se opuseram, já que era o que Toninho e Luciana queriam, para eles estava tudo bem. Mas Letícia não concordou, para ela o casamento de Toninho era uma ocasião especial. Tanto fez que conseguiu que a festa fosse feita na casa da família.

Enquanto as papeladas do casamento corriam no cartório, Toninho e Luciana corriam contra o tempo com os preparativos. Toninho não conseguia entender o interesse súbito de Letícia em seu casamento. É verdade que logo que ele assumira a fábrica, ela lhe oferecera ajuda, disse lhe que poderia contar com ela. Mas agora já era tarde demais, ele estava vivendo com Luciana há seis meses, porque Letícia fazia tanta questão que a festa, fosse feita na casa dos pais dela? Toninho não tinha a resposta a essa pergunta.

*

Na manhã do casamento, Toninho praticamente amanhecera na Rua Vinte Cinco de Março. Fora para buscar uma das testemunhas de Luciana, que não sabia vir até a casa deles. Toninho chegou lá as 07h30, para não correr o risco de chegar atrasado para o próprio casamento. As oito em ponto, Takano Tanaka chegou à loja, trazendo sua filha para tomar conta do estabelecimento na sua ausência.

O casamento estava marcado para as dez horas e trinta minutos. Takano dirigia muito mal, cometia barbeiragens uma atrás da outra, mas as nove em ponto, eles estava enfrente a casa de Toninho. Ao adentrar em casa, Toninho fora informado que a noiva já estava quase pronta, só faltavam alguns detalhes de maquiagem. Toninho não perdeu tempo, foi logo para o banho. Quando faltavam dez para as dez, todos já estavam nos seus respectivos carros, prontos para irem ao cartório.

Ao chegarem ao cartório, tiveram que esperar, pois o casamento anterior estava atrasado. As dez e quarenta eles foram introduzidos na sala do juiz. O sujeito era um senhor bem de idade, voz cansada, magérrimo, mas de olhos vividos e brilhantes, atento a tudo a sua volta. Usava um terno azul marinho claro, gravata combinando. Sentado por detrás de uma grande mesa, em uma cadeira padrão colonial, afinal tudo naquela sala era de padrão colonial. Ele olhou atentamente para o grupo a sua frente, seis pessoas ao todo. Toninho, Luciana, Honório, Maria, Takano e Erenice.

-Estão todos aqui? – perguntou o juiz – os noivos, por favor, queiram dar um passo à frente, as testemunha do noivo a sua esquerda e as da noiva a sua direita.

Ao seu lado havia um senhor já na casa dos quarenta, quarenta e cinco, com alguns papeis nas mãos. Um fotografo e outro rapaz com uma filmadora sobre o ombro. O que estava com os papeis nas mãos, ao sinal do juiz, ele os colocou sobre a mesa. O juiz os manuseio brevemente e os deixou sobre a mesa.

-Muito bem! - disse ele finalmente – vamos ao casamento. Sr. Antonio Pereira da Silva, é de livre e espontânea vontade que você esta se casando com Luciana Felix e Silva?

-Sim!

-A mesma pergunta para a noiva – continuou o juiz - Srta. Luciana Felix e Silva, é de livre e espontânea vontade que você esta se casando com Antonio Pereira da Silva.

-Sim!

-Estando ambas as partes de acordo, por favor, queiram assinar o livro – disse isso, virando o livro que estava em sua frente na direção dos presentes- primeiro assinam os noivos e depois as respectivas testemunhas.

Ao seu sinal, quando Toninho começou assinar o livro, o auxiliar que se encontrava ao lado esquerdo do juiz, tendo em suas mãos uma folha de papel, de aspecto amarelado pelo tempo começou a narrar.

São Paulo, 28 de Março de 1998.

Estando presente neste Cartório Civil, os contraentes Antonio Pereira da Silva e Luciana Felix E Silva. e as testemunhas de ambos os lados, sendo: As da parte do noivo, Sr. Honório de Brito Fonseca e Maria Aguiar de P. Fonseca. As da parte da noiva, Sr. Takano Tanaka e Erenice Agda Nunes.

O contraente Antonio Pereira da Silva, filho de Afonso Pereira da Silva e Maria Lucia dos Santos. Nacionalidade brasileira. Natural de Sobrália, Minas Gerais. Nascido em 10/04/1972, Residente na Rua Leonardo Cristino, 227. São Paulo. Profissão, operador de maquinas.

A contraente Luciana Felix E Silva, filha de Duda Felix da Silva e Cleuza Maria da Conceição. Nacionalidade brasileira. Natural de Bezerros, Pernambuco. Nascida em 10/05/1974, Residente na Rua Soldado Plínio de Paula, 353. São Paulo. Profissão, balconista.

Ao termino da narrativa, os noivos e as testemunhas já haviam assinado o livro. O Juiz assinou a certidão de casamento, e se levantando disse:

-Vocês já estão legalmente casados em comunhão parcial de bens, aqui esta o certificado. Meus parabéns Sr. Antonio – disse o juiz enquanto lhe entregava o certificado.

Dali todos foram para frente do cartório, para receber os cumprimentos. O fotografo posicionou os noivos para posarem para as fotos finais e os cumprimentos. Os que acompanharão ate o cartório foram apenas os parentes da parte do noivo, isto é, da parte dos patrões do noivo, inclusive o tio de Maria, Paulo, chamados por todos de tio Paulo que morava em Volta Redonda, Rio de Janeiro. Todos os cumprimentos foram bem recebidos pelos noivos. Mas para Toninho houve um que fora especial o de Letícia.

-Meus parabéns, – disse Letícia, enquanto lhe apertava a mão em seguida, deu-lhe um beijo que saiu meio no canto da boca e o abraçou – seja feliz.

Toninho recebera naquele momento o abraço que desejou por quase nove anos.

-Até que em fim, -Disse ele ao ouvido dela, enquanto se abraçavam.

As palavras que se seguiram, não fora audíveis para Letícia, Toninho disse só pra si – vou tentar, mas será que vou conseguir? -.Enquanto Letícia dava os parabéns para Luciana, Toninho lambeu os lábios, tirando o sabor de morango que ficara do batom de Letícia. Essa atitude não passou despercebida pela filmadora. Dias mais tarde, quando assistia ao vídeo com Luciana e seus familiares, essa cena, fora motivo de tapas e xingamentos, resultando o casal por parte da esposa ficou irada por três dias. Tendo encerrado os cumprimentos, todos foram para a casa. Verifiquem os últimos detalhes para a festa que seria ao anoitecer.

*

Por volta das 20h00m da noite, a festa já estava bem agitada. Não vieram todos os que foram convidados, mas tinha muito mais do que o esperado. Toninho estava preocupado, com tudo que fora preparado seria o suficiente para os presentes. No intuito de acalmá-lo, Maria lhe disse:

-Não se preocupe filho, vai dar tudo certo.

Toninho olhou bem nos olhos de Maria e pensou - ah, com eu espero em deus que dê tudo certo – percebendo a nuvem negra que pairava sobre a cabeça de Toninho, Maria tentou animá-lo.

-Que cara é essa moço feio! Hoje é um dia especial! Nada de tristeza e nem preocupação, deixa que nós nos preocupemos com tudo.

-Esta bem, eu vou ver se a Luciana já esta pronta.

-É isso ai, vá ver se ela já esta pronta porque a moça que vai filmar já chegou.

A tristeza de Toninho tinha um real motivo, ele havia discutido com Luciana naquela tarde. Ele achava que tinha feito a maior besteira da vida dele, quando assinou a papelada no cartório, se pudesse ele pediria a anulação no dia seguinte. Ele não conseguia entender. Nos seis meses em que moraram juntos, tudo era mil maravilhas, bastou legalizar a situação, para começarem as divergências. Luciana havia se trancado no quarto, não queria ir a festa por nada. Após varias argumentações de Toninho e a ajuda de Erenice, ela concordou em ir.

Tiraram varias fotos com os presentes. Cumprimentaram e receberam os cumprimentos dos convidados, quando ia ser partido o bolo, Toninho fora avisado de que Letícia solicitava sua presença na cozinha. Por julgar que fosse urgente, ele fora ao encontro dela. Ao chegar à cozinha ela não estava então ele perguntou a Maria.

-Você viu a Letícia por ai?

-Sim, ela esteve aqui ainda pouco, ela deve esta na sala.

Toninho a procurou na sala, mas não a encontrou. Ao retornar para a festa, ele a encontrou saindo da cozinha. Ela estava linda. Usava uma saia creme e blusa branca.

-Você estava me procurando?

-Sim, – disse ela esboçando um belo sorriso - é que a cerveja esta acabando.

Toninho passou a mão na cabeça. Olhou para um lado, não sabia o que fazer.

-Quer que eu vá buscar.

Toninho abaixou a cabeça, meio pensativo.

-Não sei...

-Por favo, eu faria qualquer coisa por você... deixa eu fazer pelo menos isso por você.

Ele ergueu a cabeça e se deparou com aqueles olhos negros a olhá-lo. Naquele momento, foi como se ele mergulhasse em um túnel do tempo que o regressou para o dia que chegara a São Paulo. Ele viu Letícia olhando do fim do corredor, a viu rodopiando pela sala, dançando lambada ao som Beto Barbosa, Sidnei Magal e Grupo Kaoma, se viu tentando engolir uma iguaria (moela de frango ao creme de leite) que ela fizera... perdido naquela viagem mental, ele ouviu a voz de Letícia que repetia.

-Pelos menos isso.

Em um gesto instintivo, ele levou a mão ao bolso, mas estava sem a carteira.

-Só um minuto, vou pegar a carteira.

-Não se preocupe, eu vou comprar depois agente vê isso.

Enquanto ela se afastava em direção a garagem, Toninho compreendeu que não é possível ter tudo que se quer na vida, mas que se deve contentar com o que se tem.

Dedicatória

Dedico essa série de contos a minha querida esposa Luciene Felix da Silva Santos. Fiel e adorável companheira. De tudo que eu conquistei nestes dezenove anos que estou aqui em São Paulo, ela é a melhor parte.

A família Dantas, que me recebeu e me tratou como um membro da família. Em especial a Sra. Miltes Joana Dantas, que infelizmente faleceu em 2002, foi uma pessoa que tinha um coração nobre, me apoiou nos melhores momentos e aconselhou-me nos piores momentos

A Irene Gomes, que também faleceu em 1992.

Como disse certa vez o grande escritor Umberto Eco, “*em toda ficção, há sempre um fundo de verdade e, em toda verdade ha sempre um pouco de ficção*”. Digo que essa historia tem 80% de verdade... o resto é ficção.

